

Diário de Lisboa

ANO 65

N.º 21 928

Quinta-feira, 5 de Dezembro de 1985

Preço 40\$00

Abono passa para 1000\$00

Aumentos em dia salários em atraso

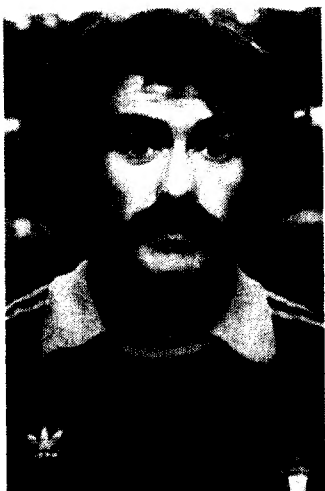
O Conselho de Ministros, reunido desde o princípio da manhã em São Bento, divulgou perto do meio-dia um comunicado oficial no qual ignora completamente a questão dos salários em atraso. Em declarações prestadas a um semanário, no final da passada semana, Cavaco Silva afirmara que o Executivo legislaria hoje mesmo sobre aquela matéria. O texto distribuído às agências noticiosas refere-se exclusivamente ao aumento do abono de família e das prestações complementares, acentuando que, «à semelhança da actualização das pensões», os aumentos das prestações sociais agora verificados são «muito superiores à taxa de inflação projectada (14%)». No caso do abono de família o aumento atinge os 51,5%, passando o seu montante de 660 para 1000 escudos. Os novos abonos, bem como as restantes prestações agora beneficiadas, entram em vigor a um de Janeiro. Se-

gundo declarações recentes do ministro do Trabalho, a elevada percentagem do crescimento do abono de família destina-se também a compensar o facto de ele não se ter registado em Outubro, como é habitual.

Quanto às prestações complementares para crianças e jovens deficientes, elas são acrescidas de um valor médio de 22,3%, enquanto que os subsídios de nascimento, aleitação, casamento e funeral são melhorados em 22%. A reunião do Conselho de Ministros prosseguiu após a divulgação do comunicado, prevendo-se que termine pouco antes das 14 horas, uma vez que Cavaco Silva tem um encontro com a UGT às 15 horas. À hora do fecho desta edição supunha-se que não viria a ser emitido um segundo comunicado oficial que contemplasse qualquer decisão sobre os salários em atraso.



Cavaco: cumpre ou não o que prometeu?



"Supertaça"

**Bento:
aos 37
defendeu
tudo**

Nas Antas, Manuel Galrinho Bento (37 anos) foi o melhor. Defendeu tudo e mais alguma coisa, manteve o zero no «placard» e trouxe para a Luz a «Supertaça».

Pág. 19

AUTÁRQUICAS



COIMBRA
**Que
"rouxinol"
será
escolhido?**

Págs. 13 a 16

**Catenárias "cortaram"
comboios para Lisboa**

Pág. 28

Os radiotelefonos móveis viram a luz do dia há várias dezenas de anos. Mas, muito rapidamente, as redes convencionais ficaram saturadas e o seu elevado custo limitou fortemente a procura. É preciso chegar aos anos 80 para que o conceito de redes celulares introduza um ponto de inflexão no desenvolvimento da radiotelefonia móvel.

RÁDIO-TELEFONE

A revolução do "celular"

● Uma nova técnica vai pôr o telefone móvel ao alcance de todos

Alain Veyret

Exclusivo Le Monde/DL

Instalado à partida nos países escandinavos, nos Estados Unidos e no Japão, essa tecnologia é hoje explorada ou está prestes a sê-lo por umas vinte nações. O princípio consiste em separar o território em células de pequenas dimensões (de 1 quilómetro a 30 quilómetros de raio conforme a zona em questão é urbana ou rural), sendo cada uma delas controlada por um emissor de retransmissão; estes, são eles próprios geridos por um autocomutador.

A capacidade das redes celulares é muito largamente superior às dos sistemas tradicionais, porque uma frequência já não é permanentemente atribuída a um utente, mas é-lhe simplesmente alugada por a duração das suas comunicações. Para mais, a arquitectura celular permite mobilizar as mesmas frequências sobre retransmissões diferentes.

Essa «revolução» das ondas radioelétricas foi muito rapidamente compreendida pelos industriais que viram nela a abertura de novos mercados. Com efeito os estudos prevêem lucros de 3 a 4 mil milhões de dólares, só para o mercado americano, em 1990, mercado esse que drenaria por si só 60% do mercado mundial, com uma população calculada em 1,6 milhões de utentes. Nessa data espera-se que haja na Europa 1 milhão de assinantes.

Assim, no mercado americano, a FCC (Federal Communication Commission) foi submersa pela onda de pedidos de construtores (194 pedidos nos primeiros 30 mercados e 5200 pedidos nos 90 que se seguiram), de tal modo que ela teve que instaurar um sistema de sorteio. Até ao fim da década normas estritas permitirão a um utente utilizar o seu radiotelefone seja qual for o estado onde se encontre. Na Europa, pelo contrário, cada país optou — de momento — por sistemas celulares analógicos incompatíveis entre si, apesar das recomendações da CEPT (conferência europeia dos correios e telecomunicações).

Depois do «forcing» da LM Ericsson para ver o seu sistema NMT 450 adoptado como norma europeia, o fracasso de um pólo europeu foi evidenciado pela escolha britânica do sistema TACS (derivado do AMPS

de ATT) e depois pelo acordo abortado entre a França e a RFA para um sistema comum (desenvolvendo a França o Radio com 2000 e a RFA o C 450 MHz). Os industriais tiveram um papel motor nesta série de fracassos, visto o estado de desenvolvimento de cada sistema proposto não se poder

aliar com as pretensões industriais de cada um deles. Situação tanto mais embaraçosa quanto os resultados da introdução celular nos países escandinavos ultrapassavam as previsões mais optimistas.

Assim, as previsões (1) feitas em 1983 e 1984 cada vez são mais realistas.

	1984	1990
RFA	15 000	330 000
França	—	130 000
Inglaterra	—	250 000
Itália	—	45 000
Escandinávia	55 000	250 000
Europa	70 000	1 000 000

Mas os sistemas celulares analógicos hoje em presença também serão rapidamente limitados tanto na sua capacidade como na sua funcionalidade. No seio da CEPT, o grupo especial «móvel» trabalha há já vários anos na definição de um sistema numérico celular de 900 MHz, cujos objectivos são definir as características técnicas para os industriais, com vista a um desenvolvimento industrial a partir de 1986. Será o primeiro sistema celular compatível na Europa. Entre os quatro consórcios é de notar um grupo que compreende os franceses SAT e Alcatel Thomson, os alemães

AEG e SEL, o italiano Italtel.

Todos os produtos de valor acrescentado estarão assim disponíveis, e, mais do que a palavra, a transmissão de dados. A concorrência muito viva que reina no mercado dos terminais móveis terá o efeito de uma baixa drástica dos custos. Se, até ao fim da década, o mercado potencial surgir principalmente no sector profissional, a standardização esperada para o princípio dos anos 90, deverá pôr o rádio-telefone ao alcance de todos.

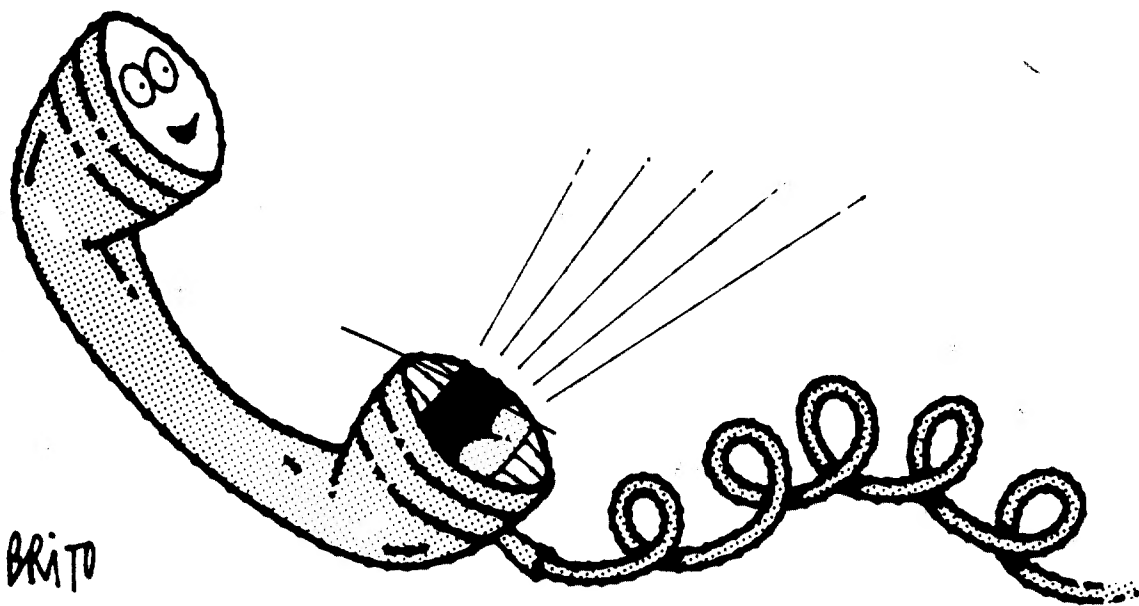
(1) Segundo Arthur D. Little e Frost e Sullivan.



Serafim, 20 anos, empregado da indústria hoteleira

"Eles aumentam e o Zé Povinho é que paga"

- Há quanto tempo trabalha?
- Mais ou menos há quatro anos.
- Escolheu a sua profissão?
- Escolhi, embora não goste muito dela. Trouxeram-me para cá e arranjaram-me este trabalho.
- Veio de onde?
- Sou de perto do Gerês.
- Porque veio para Lisboa?
- Vim para trabalhar.
- Lá não há trabalho?
- Há vários, mas já que tive esta oportunidade não a quis perder.
- Como se sente em Lisboa?
- Não estou muito bem adaptado, mas também não me dou mal por cá. Vou andando.
- Está a trabalhar com contrato?
- Sim, agora sou efectivo, mas comecei a trabalhar com contrato a prazo.
- O que pensa desse tipo de contrato laboral?
- Eles é que sabem porque é que nos põem a trabalhar assim, sem contrato.
- Mas o trabalhador é que fica numa situação indefinida...
- Sim, mas não me sentia inseguro, porque se me mandassem embora arranjava outro emprego. E os patrões precisam de saber se o empregado trabalha bem.
- Estudou?
- Só tenho a 4.ª classe. Fiz a 3.ª em França e há pouco tempo resolvi fazer a 4.ª.
- Foi emigrante?
- Fui. Os meus pais foram para lá ganhar a vida, mas tivemos que nos vir embora porque o meu pai adoeceu. Mas lá tínhamos uma situação razoável.
- Como ocupa os tempos livres?
- Passeio com os meus amigos, vou ao cinema ou jogo futebol.
- Não gosta de ler?
- Às vezes leio, para me tornar mais culto.
- Sabe que este mês se comemora o cinquentenário da morte de Fernando Pessoa?
- Ouvi falar.
- Conhece a sua obra?
- Não, nunca li nada dele.
- E jornais, costuma ler?
- Às vezes leio a «Bola», ou outro.
- Qual a sua opinião sobre os aumentos decretados pelo novo Governo?
- É sempre a mesma coisa, eles aumentam e o Zé Povinho é que paga.
- Se pudesse governar o que é que começava por mudar?
- Sou ainda muito novo, não tenho opinião sobre isso.



BRITO

Eanismo e antieanismo

DISSEMOS, há dias, que o não aproveitamento das «eleições legislativas» para um trabalho de esclarecimento e de educação política, para a discussão pública alargada da função e dos deveres dos representantes do povo na Assembleia da República, não poderia deixar de ser considerado como um aspecto negativo da experiência política que, desde 25 de Abril de 1974, andamos, Portuguesas e Portugueses, a viver. De passo, então referimos que, igualmente, se enfrentavam as «eleições autárquicas» sem proceder a um debate amplo, esclarecedor e formativo, relativamente à função e deveres dos eleitos locais. E mais grave é a preocupação que, pelo andar da carruagem, é legítimo sentirmos relativamente às «eleições presidenciais».

Desde sempre — e às vezes contra a autoridade de políticos e contra a corrente de opinião — considerámos as «eleições presidenciais» como determinantes. E em dois planos: no que respeita ao conjunto dos três sucessivos actos eleitorais; no que respeita ao futuro desenvolvimento do curso político.

Apesar das limitações resultantes da revisão constitucional, os poderes do Presidente da República, são muito importantes e é relevante o seu papel na condução e orientação da vida política nacional. É, aliás, o reconhecimento desse papel relevante que explica a constância, obstinação e nervosismo dos ataques, discretos e sinuosos, uns, outros frontais e acutilantes, que lhe estão a ser dirigidos. A dois meses do termo do segundo mandato do general Ramalho Eanes, os remos e os ataques tornaram-se mais frequentes porque o Presidente da República coerente com uma certa maneira de encarar as suas responsabilidades políticas, decidiu explicitar o que entendia ser uma garantia de continuidade política. Devia ter tornado público o seu apoio a «um candidato», a sua preferência por «uma candidatura»?

A pergunta é legítima. Poder-lhe-ão ser dadas respostas diferentes. Mas reconheça-se ao cidadão António Ramalho Eanes o direito a ter opiniões e opções. Não lhe é indiferente como cidadão, como democrata, como militar de «25 de Abril» e de «25 de

Novembro», o curso político posterior ao termo do seu segundo mandato presidencial. A defesa da Democracia de Abril e da Constituição de Abril em que se empenhou, segundo uma compreensão pessoal e critérios que são os seus, justifica o empenho que não terá sabido, ou não terá querido, ocultar, de ver assegurada uma linha de continuidade ajustada aos objectivos a que subordinou o exercício da função e missão de Presidente da República.

Admite-se que no apoio público à candidatura do dr. Francisco Salgado Zenha, Eanes excedeu o que o cargo de Presidente da República recomendava de discrição. Sintamo-nos, todavia, obrigados a compreender essa atitude que alguns consideram excessiva. Talvez o apoio pessoal de Eanes traduza mais do que o sentimento de um cidadão, ou que a vontade de um político, a ideia do seu dever como Presidente da República.

Os críticos que pretendem atingir nesta fase final do segundo mandato presidencial, Ramalho Eanes, na razão que realmente lhes assista ou no despeito que os fira, cometem um erro de apreciação. Com efeito, todas as indicações levam à conclusão de que o Presidente da República mantém o seu prestígio pessoal e político. O seu voto público vai ter repercussão na opinião pública; o seu indirecto apoio ao PRD teve uma decisiva influência nos resultados eleitorais de 6 de Outubro.

Toda a campanha «antieanista» tem sido fomentadora de «eanismo». E se os contornos político-ideológicos do «eanismo» são pouco definidos, imprecisos, a polarização do «eanismo» faz-se, realmente, em função do «antieanismo»; favorável que tem sido a Eanes o contraste com aqueles que o criticam e atacam.

Foi censurada a participação da dr.^a Manuela Eanes na campanha das «eleições legislativas», lamentado, em termos mais ou menos reveladores de incontida irritação, o seu empenho no sucesso eleitoral do Partido Renovador Democrático (PRD). Todavia, censuras e comentários, não invalidaram esse empenhamento, o acolhimento popular que mereceu, o sucesso que alcançou. É preciso reflectir no

que isso significa. Por um lado, estamos perante um fenómeno político de popularidade, um despertar de esperança, que a classificação de «peronismo» pretende caricaturar, mas não invalida; por outro lado, estamos confrontados com o desprestígio de largos sectores da classe política. O PRD, com o apoio da palavra de Manuela Eanes, ganhou uma impressionante presença parlamentar, debitando um discurso, politicamente generoso mas vago, no qual era tónica predominante a renovação, a regeneração, a moralização.

Dá que pensar o que isto significa e a repercussão política que poderá ter. O exame que se impõe não pode estar à mercê de reservas pessoais, de pequenos ressentimentos, de sentimentos exíguos, de despeitos, de irritações. Estamos perante factos políticos que nos exigem análise fria e fina. Supomos que dessa análise, os que fria e com finura analisarem os factos, as suas inter-relações, a dialéctica dos desenvolvimentos possíveis e previsíveis, não deixarão de concluir pela improcedência, e pela insensatez, das irritações «antieanistas».

Do ponto de vista pragmático o «antieanismo» está esvaziado. As «eleições legislativas» constituíram uma experiência significativa. Ignorá-la é um erro de avaliação. É uma expressão de voluntarismo que não leva a parte alguma. Que poderá reforçar o «eanismo».

Ano após ano — e esse engano tem dado frutos negativos — surgem democratas que em vez de valorizarem o papel deste Presidente da República na defesa da Democracia de Abril (segundo a sua compreensão pessoal e critérios que são os seus — repetimos), se obstinam, e diminuem, a criticar e atacar Eanes. Foram eles, por contraste, que criaram a figura política: Eanes. Foram eles que criaram o «eanismo».

E se é fortemente improvável que a libertação de Eanes da «gaiola» de Belém venha desencadear a promoção espectacular de um líder político — o que poderia ter carga negativa para uma Democracia jovem e em fase de renovação —, os ataques actuais, a obstinação «antieanista», poderão contribuir para a expectativa messiânica.

O advogado 'funcionário' ou o funcionário 'advogado'

José Delgado Martins

Seis réus, entre os quais quatro «arrepentidos», enfrentaram o julgamento das FP's 25 sem advogado. Os sucessivos pedidos de escusa dos advogados requisitados pelo tribunal para assumirem o patrocínio oficioso acabariam por colocar na bancada de defesa um anónimo e disciplinado funcionário sem qualquer preparação jurídica, nem conhecimento algum do, aliás complexo e volumoso, processo. O «Diário de Lisboa» de 29 de Novembro, pela pena de Ribeiro Cardoso, denunciava, com particular acuidade, o insólito da situação.

O ultrapassado sistema de defesa oficioso «rebentara pelas costuras», dando razão às justas críticas daqueles que, há muito, clamavam no deserto contra o injusto e ineficaz meio de patrocínio oficioso vigente.

A partir de agora não será mais possível esconder da opinião pública a falência de um sistema que assentava, exclusivamente, na prestação, quase gratuita, de assistência jurídica por parte dos profissionais do foro.

A protecção jurídica de todos os cidadãos e a defesa dos seus interesses em tribunal é imperativo constitucional que ao Estado incumbe garantir (Art.º 20 da Constituição da República).

Não se pode exigir aos profissionais que, pelo facto de es-

tarem inscritos na Ordem dos Advogados, sustentem gratuitamente um serviço de interesse público, como há dezenas de anos vem, na prática, sucedendo.

As propostas da alteração do sistema, procurando fazer assumir pelo Estado o cumprimento de dever de organizar as estruturas que garantam, plenamente, aquilo que a Constituição reconheceu a todos os cidadãos, ou seja, o direito à Informação e protecção jurídica, assegurando-lhes assim o acesso aos tribunais, independentemente da sua capacidade económica, não mereceram até hoje, a devida resposta da Assembleia da República.

Entre as diferentes questões que uma profunda alteração do



Já Almeida Santos, em conferência proferida na Ordem dos Advogados, no dia 3 de Março de 1982, denunciava...

sistema irá colocar, a mais controversa consiste na institucionalização da figura do patrono público.

Reconhecendo a impossibilidade real de cobertura de todo o vasto campo da protecção jurídica, através dos advogados liberais (como hoje se pretende fazer), algumas das propostas vêm admitindo como necessário e desejável a criação de uma carreira pública de advogados que, em regime de dedicação exclusiva, conjuntamente com

aqueles, assegurem a defesa dos cidadãos necessitados em processo penal.

A tal inovação opõem-se aqueles que, em nome da preservação da independência de profissão, argumentam que a figura do «advogado funcionário público», provocaria a massificação ou a burocratização da sua actividade.

Falsa questão.

Já em 3/3/82, em conferência proferida na Ordem dos Advogados — Almeida Santos de-

nunciava «que o patrocínio oficioso em processo penal é não raro exercido em condições de tal indignidade profissional que mais honesto seria recusá-lo do que colaborar na farsa que por vezes se torna...». Acrescentando:

«...É possível conciliar a liberdade do advogado — e condição do exercício cabal do direito de defesa sem prejuízos de hierarquia...»

«De ouro é também a independência dos magistrados e encontram-se expedientes le-

gis para pôr a sua independência a coberto da sua relação funcional».

Na verdade, a independência como sinónimo de isenção de magistrados e advogados não se apaga com um mero nexo do funcionalismo público.

O argumento será mesmo injurioso.

Mas é em nome dessa liberal independência que a manutenção do sistema vigente põe a nu a hipocrisia da defesa oficiosa de réu em processo penal.

Todo o cidadão acusado pelo Ministério público deve ter assegurado a sua defesa por profissional com idêntica formação jurídica, sob pena de ficar numa posição de condenável desigualdade face ao tribunal que o julga.

Insólitas situações como a que hoje ocorre no Tribunal de Monsanto são mais frequentes do que alguns pretendem fazer crer, nomeadamente nas comarcas onde o número de advogados é mais reduzido.

Urge enfrentar o problema sem atavismos nem complexos.

Não podemos continuar a admitir, a coberto de falsos argumentos contra o «advogado funcionário», que se assista à triste figura do «funcionário advogado».



Luís Moita (CIDAC): «Em certa medida, os cooperantes têm aproximado Portugal dos países africanos de expressão portuguesa. Pessoalmente, cada cooperante dá-se conta do enriquecimento mútuo que é o ofertar do seu saber e o receber experiências novas de regiões que até então desconhecia...»

Uma década de cooperação e solidariedade

Que leva um cidadão a tornar-se cooperante?

Que é um cooperante? Qual o seu papel nos países africanos de expressão portuguesa? Que motivos levam a que um cidadão português deixe o seu país, por um período mais ou menos longo, e ofereça a sua capacidade de trabalho, a sua inteligência, o seu saber aos países que emergiram das antigas colónias portuguesas? Pois bem: subordinado ao lema «Uma década de cooperação e solidariedade», o CIDAC leva a efeito no próximo sábado, na Casa do Alentejo, das 10 e 30 às 17 horas, um colóquio designado por «A experiência do cooperante em África».

Estarão presentes ao colóquio, seguido de debate, seis ex-cooperantes que trabalharam em África em situações profissionais e contratuais especificamente diversas e em diferentes países: um arquitecto que trabalhou em Moçambique com contrato directo com o Governo local (Francisco Keil do Amaral); uma assistente social que trabalhou em Cabo Verde com contrato da cooperação oficial portuguesa (Maria do Rosário Advirta); um advogado que tra-

balhou na Guiné-Bissau como cooperante do CIDAC (Francisco Teixeira da Mota); um engenheiro que trabalhou em Angola na filial de uma empresa portuguesa (António Pinto Pereira) um economista que tem sido contratado por organismos

internacionais (José Manuel Rolo); e um cooperante estrangeiro que trabalhou em Moçambique (Mark Kevin Lucas).

Enriquecimento mútuo

Em breve troca de impressões com Luís Moita, dirigente do CIDAC, retrocedemos até ao Natal de 1974, quando muitas das independências africanas ainda se não tinham concretizado. Nessa data, um grupo de professores partiu para a Guiné-Bissau com o objectivo

de formar professores primários locais.

«Quando o CIDAC acolheu esta oferta — diz-nos Luís Moita — estava longe de imaginar que seria o primeiro acto de uma sequência de acções de cooperação que ao longo destes dez anos se têm vindo a concretizar por todos os países africanos de expressão portuguesa...»

Muito diversas têm sido as áreas em que os cooperantes têm actuado. São homens e mulheres, com elevadas qualificações técnicas, entre os 25 e os 50 anos, que, num processo bilateral, «têm vindo a contribuir para um enriquecimento mútuo». Isto é: a cultura de Portugal enriquece-se com a cultura africana diversificada — e um processo bilateral de contacto humano aproxima povos de características muito diferentes.

Além disso, há uma satisfação que impregna todos os cooperantes. Qual...? Luís Moita: «A participação no esforço de reconstrução nacional dos novos países africanos. Esse, aliás, é um dos mais altos objectivos da cooperação.»

Balanço positivo

Sem dúvida que há que ter em conta (aviso a futuros cooperantes) a motivação para cooperar, o quadro de vida em África (o

quotidiano, a integração social, etc.), os problemas contratuais, as relações com Portugal durante e após o tempo de cooperação...

O problema central — acen-tua Luís Moita — será evidentemente o do sentido e da utilidade da cooperação, averiguando se ela promove efectivamente a autonomia dos povos ou se agrava os mecanismos da dependência.

«Sob esse aspecto, qual a opinião do CIDAC...?»

«Francamente positiva.»

Esta afirmação de Luís Moita assenta, como é óbvio, no **saber fazer** e na integridade de homens como Keil do Amaral (arquitecto em Maputo durante vários anos); Maria do Rosário Advirta (assistente social que em Cabo Verde, num período de dois anos, integrou um projecto de saúde e assuntos sociais contribuindo para a formação dos respectivos quadros); Francisco Teixeira da Mota (três anos na Guiné-Bissau, dando a sua colaboração como jurista e advogado à constituição dos Tribunais Populares daquele país); José Manuel Rolo Oeconomista, especialista em questões de transferência de tecnologias, e contratado aliás pela ONUDI — Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial); António Pinto Pereira (engenheiro, dois anos em Angola, especialista na montagem de linhas empresariais); etc.

Enfim: há cooperantes. Porque os há...? Quem se quiser inteirar deste problema mais não tem a fazer do que assistir ao colóquio acima mencionado «A experiência do cooperante em África», sábado na Casa do Alentejo, entre as 10 e 30 e as 17 horas. Depois — optará.

BATAS PROFISSIONAIS
 Serviço de Assistência Técnica 24 horas
TINTURARIA GUANABARA
 Div. de Controlo
 Av. João XXIII, 1-2 - 1000 (Mundo Novo)
 T. 212.00.00 - 1.200.12.00

ÁLCOOL
 um inimigo na estrada!

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 28 962, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/6431-1, arquivo 8, para o estabelecimento na freguesia de Asafores, concelho de Sintra, de um P.S. n.º 6431 a 10 KV anexo ao P.T. n.º 3184-C, da FANECAO — Comércio, Importação, Exportação, Lda., em Asafores.

Troço de linha aérea a 10 KV (Linha n.º 1153) com 183 metros, entre o poste n.º 21 e o n.º 22, e passando pelo P.S. n.º 6431, anexo ao P.T. n.º 3184-C, da FANECAO — Comércio, Importação, Exportação, Lda., em Asafores.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 29 de Novembro de 1985

Pel'O Engenheiro Director,
 Joaquim Gonçalves dos Santos

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Na estrada
 caminha sempre
 pelo seu lado
 o perigo

motociclista ACENDA OS MÉDIOS mesmo durante o dia

DIRECÇÃO-GERAL DE VEICULOS



O ministro da Defesa Nacional, Leonardo Ribeiro de Almeida, e o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, regressaram ontem de Bruxelas, onde participaram nas sessões de trabalho do Eurogrupo e da Comissão dos Planos de Defesa (DPC) da NATRO, a nível ministerial.

O Presidente da República encerra amanhã, sexta-feira, em Coimbra, o ciclo de comemorações do oitavo centenário da morte de D. Afonso Henriques e inaugura nesta cidade o Museu Militar Regional. Ramalho Eanes chega cerca das 11 horas ao Quartel de Santa Clara, sede do novo museu, aí escutando uma evocação do patrono do Exército, pelo general Salazar Braga. Na circunstância, é condecorado um militar com a Medalha D. Afonso Henriques, agora instituída.



O embaixador americano em Portugal, Frank Shakesperare, visitou a Câmara Municipal do Porto, onde recebeu os cumprimentos da vereação. O diplomata americano, que foi nomeado embaixador do seu país em Portugal no passado mês de Outubro, recebeu ainda a comunidade americana no Porto. Frank Shakesperare está hoje em Braga, onde se reúne, ao fim da tarde, com jornalistas.



O governador-geral de Macau, almirante Almeida Costa, inaugurou em Lisboa uma representação permanente do território para «Apoio Técnico e Administrativo às Relações com Macau». Na cerimónia de abertura, Almeida Costa sublinhou a importância que esta missão pode vir a ter nas relações com o território, numa altura em que Macau regista um incremento das suas relações com a República Popular da China.

A criação de uma comissão mista de deputados dos parlamentos brasileiro e português foi um dos assuntos presentes na audiência que o presidente da Assembleia da República concedeu ao embaixador do Brasil, que lhe apresentou despedidas. A ideia da criação de uma tal comissão, já anteriormente formulada pelo deputado Manuel Alegre (PS), poderá vir a suscitar o interesse do Senado e da Câmara dos Deputados do Brasil.

A missão da Fundação Calouste Gulbenkian que se encontra desde terça-feira em S. Tomé, chefiada por Marçal Grilo, iniciou ontem conversações separadas com delegações dos Ministérios da Saúde e Desporto e da Educação e Cultura.

De acordo com informações prestadas à Anop pelo director principal do Ministério da Saúde e Desporto, António Lima, que integra a delegação do MSD, a missão da Gulbenkian vai fazer um levantamento das necessidades do sector da saúde.

Soares defende direito à educação

Mário Soares defendeu ontem que o referendo é «uma forma de consulta democrática sobre as grandes questões nacionais, desde que não se aplique à revisão constitucional», durante um encontro com professores do ensino secundário.

Para o antigo líder do PS, um candidato presidencial não tem de apresentar nenhum programa, «porque o chefe do Estado não orienta políticas, função que compete ao Executivo».

A função do Presidente, disse ainda Soares, numa alusão a Eanes, «não é intrometer-se no Executivo, nem chegar ao fim das crises e passar as certidões de óbito aos Governos. É intervir antes que as crises aconte-

çam».

Falando depois sobre os problemas próprios do sistema de ensino, que não pode constituir-se «uma floresta de enganos», afirmou que «os nossos jovens têm que acreditar na sua escola», vendo nela um passo decisivo do seu percurso individual.

O candidato defendeu a necessidade de estabilidade política e paz social para que se

possa agir correctamente no campo da educação, depois de já estar concluído o levantamento das carências e dos meios necessários para os combater.

«Tem havido uma certa tendência para privilegiarmos a conjuntura, ignorando o essencial», disse também.

Soares sublinhou ainda que «a instabilidade governativa nos tem conduzido a retomar sucessivamente ideias, algumas velhas, na voragem de moções inovadoras que cada um julga ter em exclusivo e que acaba sempre por não poder concretizar, pelo menos até ao fim».

Para Mário Soares a educação

deve ser «um projecto político nacional, no qual possa exprimir-se, em plenitude, a dimensão pluralista do nosso viver democrático». E tem de ser assegurado o direito à educação, «em condições de igualdade de oportunidades para todos, igualdade que deve ser entendida no acesso à escolaridade a todos os níveis, mas também nas expectativas de sucessos».

Mandatário nos Açores

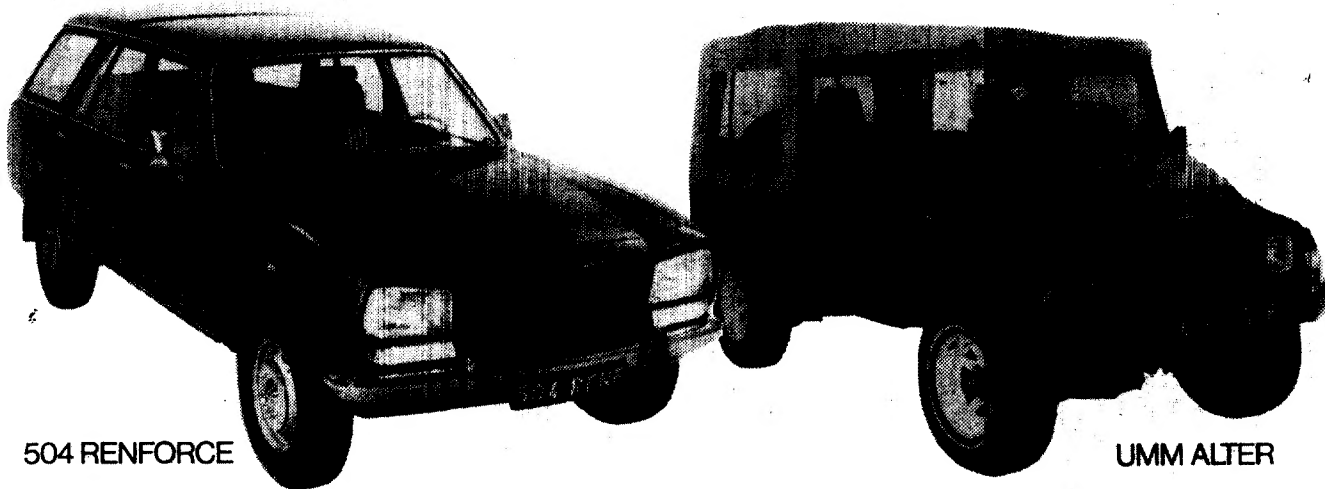
Entretanto, foi ontem revelado que só no fim do mês será conhecido o mandatário de Mário Soares nos Açores, depois de duas visitas do candidato ao arquipélago a 9 e a 26.



505 BREAK GRD

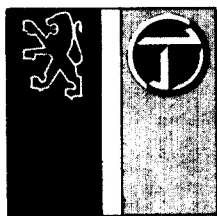
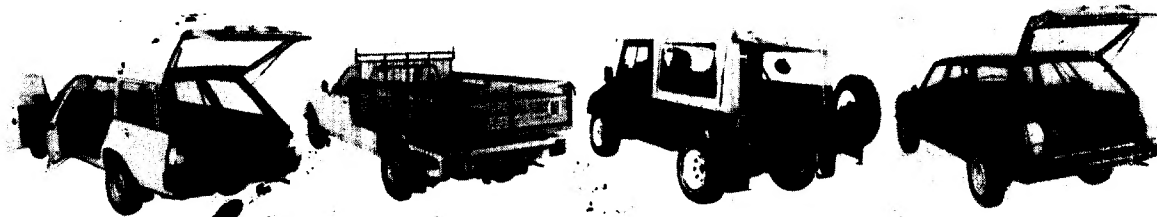
504 CHASSIS-CABINE

SOLUÇÕES PARA USO COMERCIAL



504 RENFORCE

UMM ALTER



MOCAR, SARL

IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
AGENTES EM TODO O PAÍS



APÓS O SEU TRABALHO

Desenvolva um «part-time» aliciente que lhe garantirá um vencimento na ordem dos 30.000\$00. Se tem mais de 19 anos, 9.º ano, disponibilidade fim de tarde, contacte-nos hoje das 17,30 às 20,30 horas, pelo n.º 89 43 15 para marcação de entrevista.



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS AVISO

Concurso público para adjudicação da empreitada do «Viaduto da Tapada do Mocho».

Base de licitação — 61 312 560\$00
Caução provisória — 1 532 814\$00

Alvará exigido — Obras Públicas — III categoria ou 2.ª subcategoria da III categoria e IV categoria ou 1.ª subcategoria da IV categoria.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — Serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção à Câmara Municipal de Oeiras, até às 17 horas do último dia do prazo de 30 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala das Reuniões da Câmara, pelas 10 horas, no primeiro dia útil a seguir ao termo do prazo acima referido.

Local e horário para exame do processo — Câmara Municipal de Oeiras — Divisão de Obras Municipais, durante as horas normais de expediente.

Oeiras, Paços do Concelho, em 29 de Novembro de 1985.
O PRESIDENTE DA CÂMARA,
João António Silva Ramos

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Dezembro de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar da estação de Estremoz.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 12 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 2 000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Estremoz

Casa Branca

Évora

Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar da estação de Estremoz».



Caminhos de Ferro Portugueses

Cavaco Silva defende política virada para o desenvolvimento

«A independência nacional só poderá ser preservada através de um desenvolvimento económico equilibrado, que permita assegurar a integral defesa do País dentro dos limites impostos pelas suas potencialidades», sustentou o Primeiro-Ministro Cavaco Silva que falava na abertura de um seminário sobre «Economia, defesa e independência nacional», promovido pela Associação de Auditores de Defesa Nacional.

«A situação de crise em que o País tem vivido, cujas causas são de carácter estrutural, só poderá ser debelada mediante uma política decididamente voltada para o desenvolvimento, sem a qual não é possível garantirmos a nossa defesa e uma verdadeira independência nacional», começou por dizer Cavaco Silva.

O Primeiro-Ministro justificou a política económica do seu Governo como a adopção de «uma estratégia de progresso que quebre o ciclo vicioso de avanços e recuos registado nos últimos anos».

«A não ser quebrado esse ciclo vicioso, não será possível evitar que a efémeros períodos de crescimento se sigam outros de desequilíbrio cada vez mais profundos e de mais difícil superação».

Cavaco Silva reconhece «o cuidado que é preciso ter na execução de tal estratégia» e sublinha as condicionantes reais que constituem «a escassez de recursos e o equilíbrio das contas externas».

Para conseguir concretizar a sua «estratégia de progresso», o Primeiro-Ministro defende a participação da iniciativa privada como «motor do desen-

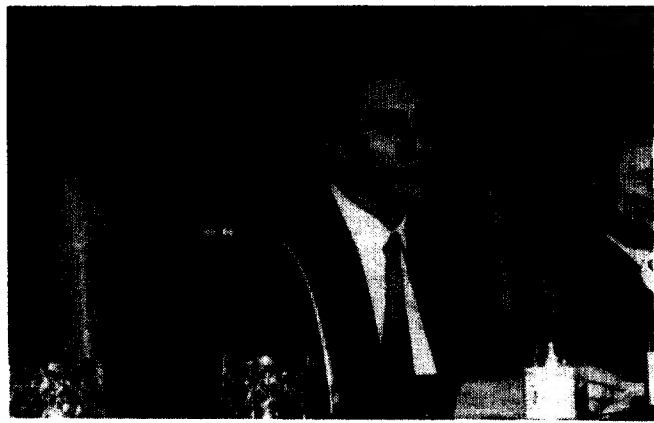
volvimento económico» e um aumento do investimento orientado para a exportação — ou para a substituição de importações — «privilegiando, sempre que possível, o factor trabalho».

O Primeiro-Ministro propõe-se adoptar «progressivamente», medidas de fundo, para contornar as «condicionantes essenciais» da economia portuguesa — «défice e dívida externa por um lado e inflação por outro» — que considera enfermar de bloqueios «que derivam de décadas de inacção».

«Há que enveredar rapidamente pelo caminho do crescimento económico. O País tem o direito de o exigir e o Governo assume claramente esse objectivo», sustentou Cavaco Silva.

No caso dos aumentos de preços, entre 5 e 14 por cento, o Primeiro-Ministro lembrou que o seu Governo começou por aumentar as pensões entre 22 e 25 por cento.

No que respeita à baixa das taxas de juro, Cavaco Silva justificou-a como uma forma de aumento do investimento e mostrou-se convicto de que terá «efeitos positivos a muito curto prazo, nomeadamente no sector da construção e na situação financeira das empresas, a maior



parte excessivamente endividada».

A suspensão da desvalorização deslizante do escudo até ao primeiro trimestre de 1986 foi justificada por Cavaco Silva como uma forma de «facilitar a inversão das expectativas inflacionistas, sem que ponha em causa a competitividade da indústria nacional».

«Estamos assim a criar condições para assegurar uma maior estabilidade do escudo, pondo termo ao ciclo vicioso inflação - desvalorização em que temos vivido», disse.

Regresso a Lisboa do ministro da Defesa

O ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, considerou «positivos» os resultados da reunião da NATO em que participou na segunda e terça-feira, em Bruxelas.

Ao regressar a Lisboa, Ribeiro de Almeida afirmou, no aeroporto da Portela que «a

reunião correu muito bem» e nela foi reforçado «o propósito de uma acentuada melhoria da coesão e unidade dos países da Aliança».

O ministro da Defesa referiu que os países da NATO tinham decidido incrementar os meios internacionais de defesa, no sentido de evitar a ameaça nuclear.

Foi estabelecido um plano, a longo termo, de estruturação e racionalização da defesa, com o mínimo de custos», disse o ministro.

Ribeiro de Almeida escusou-se a comentar a instalação de armas nucleares na Europa, referindo que a decisão tinha já sido tomada por alguns países: «Está decidido e não tenho nada a comentar», afirmou.

O ministro da Defesa chefiou a delegação portuguesa às sessões de trabalho do Eurogrupo e da Comissão dos Planos de Defesa (DPC) da NATO, a nível ministerial, que decorreram em Bruxelas desde segunda-feira.

REVISÃO TARIFÁRIA

Acerca dos aumentos verificados nos títulos de transporte e constantes da Portaria N.º 894-H/85 publicada no «Diário da República» de 23/11 vêm as empresas subscritoras do presente comunicado informar o seguinte:

- 1 — As senhas dos passes válidas para a utilização do transporte no mês de Dezembro são vendidas ao preço da tarifa em vigor;
- 2 — As senhas dos passes válidas para a utilização do transporte no mês de Janeiro serão vendidas nas datas habituais e ao preço constante da Portaria referida;
- 3 — Os novos preços dos bilhetes pré-comprados, tarifas únicas e bilhetes simples passarão a vigorar a partir do dia 7 de Dezembro inclusive;
- 4 — Os bilhetes pré-comprados já em poder dos utentes serão válidos por um período de 15 dias após a entrada em aplicação da Portaria, ou seja são válidos até 22/12, e poderão ser trocados nas condições habituais, de 7/12/85 a 5/1/86 nos postos a indicar por cada um dos operadores.



TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz saber que pela 1.ª Secção do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm termos uns autos de Contrato de Trabalho registados sob o n.º 107/83 em que são Autora MARIA DOS ANJOS ALMEIDA e Ré INÁCIO & SOBRINHO, LD.ª, que teve a sua última sede conhecida na Av. de Roma n.º 25-3.º Dt.º — Lisboa e, nos quais correm éditos de TRINTA dias, notificando-se esta de que, por despacho proferido nos autos, foi designado o dia 3 de Abril de 1986 às 14 horas, a fim de se proceder à audiência de julgamento, devendo a Ré apresentar as suas testemunhas (art.º 88.º n.º 2 do CPT); que é obrigatória a sua comparecimento pessoal, no dia e hora designados, sob pena de, faltando, não justificar a falta e não se fazer representar por mandatário judicial, ser condenada no pedido (art.º 89.º n.º 1 e 3 do CPT).

Lisboa, 25 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito
a) Abílio Lopes Cardoso

O Escrivão Adjunto
a) Mário Lopes Fragoso

«DL» - 5/12/85 - 1.ª Pub.

PSD quer nova comissão para investigar Camarate

A criação de uma comissão eventual de inquérito ao acidente de Camarate que vitimou Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa será discutida no Parlamento no próximo dia 11. A iniciativa, proposta pelo PSD, consta de um projecto de resolução apresentado por aquele partido e a marcação do debate coube à reunião da conferência de líderes parlamentares que ontem se realizou.

Na ocasião, foi igualmente deliberado que a Assembleia da República não funcione nos dias 12 e 13 devido às eleições autárquicas, pelo que a eleição dos deputados ao Parlamento Europeu fica adiada para dia 19.

Entretanto, mantém-se para dia 10 a eleição dos representantes do Parlamento ao Conselho de Estado (5), Conselho Superior de Magistratura (9) e Comissão Nacional de Eleições (5). No dia seguinte proceder-se-á à votação final global dos projectos de lei sobre o Estatuto e regime de eleição dos deputados do Parlamento Europeu e ratificação do diploma relativo ao Conselho Nacional de Educação e das Universidades. Para dia 17 está prevista a apreciação dos projectos de lei de caça do PS e do PCP.

Alta-Autoridade

Esta tarde a Assembleia da República tem como ponto alto o debate sobre o pedido

de urgência do MDP/CDE para o agendamento do seu projecto de lei que impõe medidas para garantir a independência da Alta-Autoridade Contra a Corrupção.

No preâmbulo do projecto, o MDP afirma que «exemplos recentes e públicos de actos de vários membros do último Governo evidenciam que nada pode justificar a exclusão dos titulares dos órgãos de soberania da esfera da competência da Alta-Autoridade Contra a Corrupção». Daí a proposta do MDP, que prevê a inclusão de todos os actos administrativos praticados por titulares de órgãos de soberania no âmbito de acção da Alta-Autoridade.

Quanto à eleição deste órgão, aquele partido político considera que deve realizar-se na Assembleia da República por maioria de dois terços dos deputados em efectividade de funções. Neste caso, o Governo, a quem compete actualmente nomear o titular da Alta-Autoridade, proporia ao Parlamento o nome de «um ci-

dadão de reconhecida probidade e independência».

Ainda no âmbito do projecto, confere-se à Alta-Autoridade competência para propor à Assembleia da República a adopção de medidas legislativas, designadamente, no sentido de favorecer ou facilitar práticas ilícitas ou eticamente condenáveis.

No debate parlamentar de hoje vai estar também em discussão uma proposta de resolução conjunta do PRD, PS e PCP para a constituição de uma comissão eventual para análise das contas públicas dos anos posteriores a 1971 e pendentes do julgamento por parte da Assembleia da República.

A comissão, que deveria terminar os seus trabalhos no prazo de seis meses, enviaria um parecer final a submeter a plenário.

O documento propõe que aquela comissão seja composta por 13 deputados, distribuídos da seguinte forma: cinco

do PSD, três do PS, dois do PRD e um para o PCP, CDS e MDP.

Os deputados irão analisar também sobre uma proposta de deliberação conjunta do PRD, PS e PCP sobre o Orçamento do Estado.

A proposta defende que a comissão de economia, finanças e plano, que irá preparar os trabalhos inerentes à apreciação do Orçamento para 1986, deve proceder, «prioritariamente, à recolha de informações sobre despesas e dívidas do sector público administrativo que não tinham sido inscritas no Orçamento e que devessem ter sido, de modo a assegurar que o Orçamento para 1986 assumia as características de rigor e transparência que se desejam».

Homenagem em Camarate

Ao evocar Sá Carneiro «não estamos a recordar uma pessoa que morreu mas uma pessoa que está viva» — disse on-

tem em Camarate José Miguel Júdice.

O presidente da distrital de Lisboa do PSD falava durante uma sessão evocativa de Francisco Sá Carneiro em Camarate, que precedeu à apresentação da lista de candidatos PS/PSD para esta junta de freguesia.

A sessão foi aberta por Fernando Correia Afonso que recordou a figura pública e privada do líder social democrata, falecido há cinco anos.

Correia Afonso advogou o prosseguimento do «exemplo» de Sá Carneiro dizendo que «como político ele sempre teve a preocupação da ética».

Por seu lado, Júdice considerou que «homenagear» o ex-líder social-democrata, é «combater pelas soluções dos problemas portugueses» e acrescentou: «Sá Carneiro, hoje em dia, é mais do que um homem do PSD, é um homem do País».

Esteve também presente na sessão Augusto Cid que reafir-

mou a sua convicção de que o desastre de Camarate «foi um crime e não um acidente».

Declaração de Soares

«As mortes trágicas de Sá Carneiro e de Amaro da Costa, cujo triste aniversário hoje (ontem) passa, devem constituir, para os portugueses de boa vontade, um motivo de recolhimento, de reflexão e de homenagem». As palavras são de Mário Soares numa declaração a propósito da passagem do 5.º aniversário da morte daqueles dois importantes dirigentes da ex-Aliança Democrática.

Soares, que os qualifica de «grandes patriotas», considera-se «adversário político de ambos, embora também com algumas importantes convergências pontuais» e reafirma a necessidade «fundamental» de «levar o inquérito sobre as causas da sua morte até às últimas consequências».

Candidaturas até 27 de Dezembro

Já começou o processo das presidenciais

Começou ontem o prazo para apresentação de candidaturas às eleições presidenciais, marcadas pelo Presidente Eanes para 26 de Janeiro.

Um mínimo de 7500 e um máximo de 15 000 eleitores poderão propor até 27 de Dezembro, em declaração entregue no Tribunal Constitucional, a candidatura de um cidadão português, maior de 35 anos, no gozo de todos os seus direitos civis e políticos, para a suprema magistratura.

Até 24 de Janeiro, o candidato poderá desistir, apesar de então já estarem impressos os boletins de voto, sendo os sufrágios a seu favor contados como nulos.

Depois da primeira volta, a 26 de Janeiro, qualquer dos dois mais votados pode desistir, mas apenas até às 18 horas de 28 de Janeiro. A 16 de Fevereiro realiza-se o definitivo acto eleitoral, para determinar quem será o inquilino de Belém até 1991.

Datas

Três dos candidatos já anunciaram as datas em que entregam o seu processo eleitoral no Tribunal Constitucional. Maria de Lourdes Pintasilgo está à frente, com encontro marcado neste órgão no dia 9 de Dezembro. Soares é segundo, a 16 de Dezembro e, finalmente, Zenha vai a 22 de Dezembro. Ainda não se conhecem as datas em

que Ângelo Veloso e Freitas do Amaral irão legalizar as suas candidaturas.

Alterações

Foram ontem oficialmente distribuídas as alterações à Lei Eleitoral para o Presidente da República aprovadas pelo Parlamento no dia 21 de Novembro.

A Lei da Assembleia tem a data de 26 de Novembro.

Uma das alterações mais importantes diz respeito aos boicotes eleitorais, cujas soluções são diferentes das adoptadas para as eleições legislativas e autárquicas.

Assim, se no dia 26 de Janeiro o acto eleitoral não se realizar em qualquer assembleia de voto por «tumulto» ou «grave perturbação da ordem pública» (caso de Vizela, Lever), repete-se no dia 28, uma terça-feira.

Se as eleições não se realizarem por «alguma calamidade» (cheias, terramotos, etc.), repete-se no dia 2 de Fevereiro.

O reconhecimento da impossibilidade de a eleição se efectuar e o seu adiamento competem ao governador civil.

Para a celeridade do conhecimento dos resultados da primeira volta, os distritos de Lisboa, Porto, Aveiro, Braga e Setúbal podem ser desdobrados, nos casos de Lisboa e do Porto até um máximo de 4 assembleias de apuramento.

Omega Dynamic
Uma nova dimensão do tempo



Mude de estilo. Sinta a diferença. Na hora do conforto, a Omega Dynamic faz a diferença. Aparecer com o seu relógio, com mostrador descentrado, é uma forma para si para lhe dar a sua leitura; muda a sua maneira de medir a sua vida. Omega confirma, mais uma vez, a sua tendência de inovação.

Omega Dynamic — a nova forma de ler o tempo.

Esc. 39.000

OMEGA
Metal negro
até 30 metros

Defendem técnicos no colóquio da Academia das Ciências

Droga devia ser problema da Saúde e não estar integrado na Justiça

Os centros de profilaxia da droga deveriam sair do Ministério da Justiça, passando para o da Saúde — defenderam vários médicos ontem, último dia do I Colóquio Nacional sobre a Problemática da Droga em Portugal.

O colóquio, que foi promovido pela Academia de Ciências de Lisboa, contou com a participação de psiquiatras e psicanalistas e ainda de vários técnicos ligados aos centros de profilaxia da droga.

Um dos intervenientes na sessão foi o professor de psiquiatria Dias Cordeiro, que se queixou de ter sido «deturpada» a legislação que fez sobre os mecanismos de coordenação do combate à droga. «Nunca fiz uma legislação em que o problema da droga ficasse ligado à Justiça» — acrescentou.

Posteriormente Dias Cordeiro explicou que o facto destes centros estarem ligados ao Ministério da Justiça faz com que muitos toxicómanos continuem a não os frequentar, optando antes pelas consultas de Santa Maria e dos hospitais psiquiátricos.

De resto Dias Cordeiro considerou que estes centros, criados em 1976, têm sido «bastante insuficientes» e que não têm havido «uma maximalização dos recursos postos à sua disposição».

Dias Cordeiro defendeu ainda que poderia ser criada uma valência específica nos Centros de Saúde espalhados pelo País, com vista a uma «assistência na primeira linha» ao drogado.

Uso terapêutico de metadona

Outro interveniente no colóquio, o dr. Iduíno Lopes, do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, da Região Norte trouxe como tema da sua intervenção «A perspectiva de tratamento por narcótico substituído».

Trata-se da metadona, um narcótico que este Centro tem utilizado na recuperação de drogados, pois permite a muitos dependentes deixa-

rem o consumo de heroína e levarem uma vida social confortável, bem como bloqueia a euforia.

No entanto este tratamento não é utilizado nem pelo Centro de Lisboa nem pelo de Coimbra.

A metadona não deixa, apesar dos seus efeitos terapêuticos, de ser uma droga, por isso a sua aplicação em tratamentos tem que ser acompanhada de muitos outros cuidados.

Como salientou o dr. Uduíno Lopes «a motivação do toxicodependente para o tratamento é inversa à motivação do canceroso, por isso damos-lhe a possibilidade de escolher o tipo de tratamento que quer fazer».

Pode-se reconhecer o tipo de problemas do drogado pelo tipo de drogas escolhidas, referiu ainda o dr. Iduíno Lopes. Assim, a escolha de drogas que provocam a euforia dão-lhes aquilo que eles não têm: bem-estar; os estimulantes e as drogas psicodélicas substituem o sentimento de inferioridade pelo de grandiosidade, e os opíacos anulam os sentimentos de solidão.

O dr. Iduíno Lopes terminou a sua intervenção referindo que relativamente ao uso terapêutico da Metadona «existe já em Portugal uma rica experiência e os resultados começam a ser positivos».

Caso Raul

O dr. Vilhena e Silva trouxe ao colóquio o exemplo típico de um jovem drogado, ao qual chamou «Caso Raul». O Raul é um jovem de 23 anos, sem namorada, desempregado, apenas com a quarta classe. Vive com os pais e mais família num caso de inteira promiscuidade, nos arredores de Lisboa.

O Raul é dependente de heroína há seis anos. Teve o seu primeiro contacto com a droga aos 12

anos e aos 14 repete a experiência na escola. Ao estar doente no hospital consegue que uma enfermeira, com pena dele, lhe dê droga, bem como permite que a mãe lhe leve.

Quando sai do hospital entra na via do roubo para poder comprar Heroína: segue-se o tráfico, as más companhias e o alcoolismo.

Para analisar este caso, o dr. Vilhena e Silva salienta o ambiente familiar (o pai é alcoólico), o baixo rendimento familiar e a falta de cultura, bem como o facto dos sinais de toxicodependência não terem sido entendidos, a nível familiar e escolar.

Falta de medidas legislativas

O I Colóquio Nacional Sobre a «Problemática da Droga em Portugal» terminou com uma Conferência de Imprensa, na qual o jornalista Norberto Lopes afirmou que «na Assembleia da República, nenhum partido ou deputado tomou ainda a iniciativa de propor que se tomem medidas legislativas» sobre a droga.

Norberto Lopes acrescentou que «por iniciativa própria, a administração portuguesa não deu ainda um passo com o fim de assegurar a reabilitação de drogados».

Aquele jornalista indicou que «deve dizer-se, no entanto, para sermos justos, que o Governo anterior se tinha ocupado dele, estando em curso negociações com o governo de Madrid, para uma acção conjunta nessa matéria».

«Resta saber», destacou, «se o actual executivo pensa continuar a obra iniciada pelo governo presidido por Mário Soares».

Norberto Lopes sublinhou que o governo espanhol está a elaborar uma legislação «no sentido de agravar substancialmente as penas contra os traficantes de drogas, que passou a abranger (medida inovadora que entre nós não se pensou ainda em tomar) os proprietários e gerentes de estabelecimentos públicos ou privados, que facilitam o tráfico e o consumo de droga».

Chamas ameaçaram duas povoações

Vale de Canas e Picoito estiveram ameaçadas por um incêndio, de origem ainda desconhecida, que deflagrou cerca das 16 horas de ontem na zona florestal que circunda aquelas duas povoações do concelho de Coimbra. Seis corporações de bombeiros da região combateram as chamas com grande «dificuldade» devido ao vento forte.

Contrabando japonês em Vila Nova de Gaia

Aparelhos de som de origem japonesa, avaliados em 32 500 contos, foram apreendidos pela Guarda Fiscal num armazém localizado em Vila Nova de Gaia. A mercadoria, de contrabando, foi entregue à Alfândega do Porto.

Amigos de Beja vão às urnas

Realiza-se no próximo sábado a assembleia geral do Núcleo dos Amigos do Concelho de Beja, para eleição do seu Secretariado. O acto terá lugar na Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão, 58, em Lisboa), a partir das 16 horas, podendo votar todos os sócios desta agremiação regionalista, desde que naturais do concelho de Beja.

Por desvio dum avião da TAP em 1980

Rui Rodrigues julgado esta tarde na Boa Hora

No 4.º Juízo Criminal de Lisboa (2.ª Secção), na Boa Hora, vai começar a ser julgado esta tarde, a partir das 14 horas, o jovem Rui Rodrigues que, em 6 de Maio de 1980, tinha então dezasseis anos, desviou um avião da TAP do Aeroporto de Faro para Madrid, agindo sozinho e utilizando como arma uma pistola «Saint-Etienne», de calibre 6.35, propriedade de seu pai, motorista de táxi.

Recorde-se que, em entre-

vista ao «DL», publicada na nossa edição de segunda-feira, Rui Rodrigues situou a sua acção no campo de «um conflito familiar, já ultrapassado, gerador de uma depressão psicológica muito acentuada, ligada a uma natural ingenuidade e imaturidade em relação aos mecanismos vigentes na sociedade portuguesa de então».

O jovem, que possui a frequência do 12.º ano de escolaridade e que vive com os pais no

Feijó, concelho de Almada, acabou de concluir o serviço militar nos Serviços Audiovisuais do Exército, tendo merecido um louvor dos seus superiores hierárquicos.

O julgamento, presidido pelo dr. Rodrigues Simões, irá ter a participação de dez jurados, já escolhidos por sorteio, não solicitados pelo réu ou pelo seu advogado, dr. Vítor Miragaia, mas sim pelo representante do Ministério público.

Acidente com «eléctrico» na Ajuda

Delegado do Governo acompanha inquérito

O ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MOPTC) acaba de nomear um delegado para acompanhar o inquérito da Carris sobre o descarrilamento ocorrido no dia 1 do corrente na Calçada da Ajuda, em Lisboa, com um «eléctrico» desgovernado. O acidente, que provocou dez feridos, um dos quais em estado grave, teve lugar quando o condutor do veículo não conseguiu travar a sua marcha, indo este embater

numa sapataria, cuja frontaria destruiu.

«O Ministério resolveu nomear um delegado com vista a acompanhar as averiguações que estão a ser feitas e isso é também indicativo da maneira de proceder do Executivo nas áreas da sua competência e de tutela sobre as empresas do sector» — disse um porta-voz do MOPTC.

Mário Castrim



Eu tinha acabado de me afeitar, ou seja, estava apto a fazer aquilo que em geral se conhece por «principiar um novo dia».

Eu ia sair.

Eu ia comprar o jornal, comer uma torrada e beber um café. Eu a seguir ia para o trabalho pois, como o outro que diz, não aprendi a fazer mais nada.

Eis senão quando paisanas de óculos escuros me interceptam à saída:

— Estás preso.

Acompanha-nos.

Protestei. Não achava nenhuma graça à brincadeira. Não podia resignar-me à ideia perfeitamente absurda de não beber o meu café, comer minha torrada, ler meu periódico. De nada me valeram meus protestos, a não ser as algemas nos pulsos.

Umas algemas cromadas e com fecho de segredo.

Mantiveram-me no xelindro uma data de dias. A família nzo desconfiou de nada porque pensou que eu fora passar umas férias a Castelo de Vide, como é meu desejo há vinte anos.

Por fim levaram-me a um juiz de instrução, primária segundo julgo, o qual me disse com rude gesto a fala silabando:

— És acusado de assassinar Benigno Aquino.

Como se costumava dizer nos romances do século passado, arregalei os olhos de espanto. Eu? Eu nunca vi o Benigno mais gordo nem mais magro. Eu respeito as convicções e as convecções de toda a gente. Eu já não vou às Filipinas desde que nasci...

Argumentos pouco convincentes. Ninguém ia poder salvar-me de um castigo exemplar. «Não penses — diziam-me — que vamos abrir mão de um assassino com tantas provas dadas.» «Provas dadas, eu?» «Claro, basta ler as tuas prosas.»

Fiz-lhes então ver que eu estava a sonhar.

Diabo — disseram eles — então temos de te fuzilar antes que acordes. Já viste o sarilho que fomos ter para arranjar outro culpado?

Fuzilaram-me. Despertei no fragor das descargas. Todos ficaram a ganhar. Eu, porque continuei a dar à guelra; o Telejornal porque podia anunciar o nome do criminosos...

Não há "milagre maiato"

APU da Maia contra declarações do Presidente da Câmara

A Aliança Povo Unido, da Maia, contestou ontem recentes afirmações sobre «o pretenso milagre maiato» pelo presidente da Câmara, Vieira de Carvalho, afirmando que nos últimos anos a política seguida «tem arruinado o concelho».

Dirigentes da APU, da Maia, disseram em conferência de imprensa que, «apesar do Município, através dos serviços municipalizados, ter desviado da EDP nos últimos sete anos cerca de 1,9 milhões de contos, os principais problemas do concelho continuam por solucionar e a Câmara continua fortemente endividada». «Isto explica a irresponsabilidade com que o Município, pelas mãos da AD e do PS, porque ambos são responsáveis destas e de outras matérias, governaram mal o Município», frisaram os membros daquela coligação.

Os candidatos da APU afirmaram que foram «enterrados» 200 mil contos no estádio municipal e que a ex-AD e o PS se dispõem a «enterrar» 350 mil contos mais na Casa da Cultura e admitiram nos serviços municipalizados de águas e saneamento «mais de uma centena de trabalhadores, não porque fossem necessários, mas apenas

porque havia que arranjar emprego para familiares, amigos e correlegionários».

Para a APU, o «milagre» de que tanto se fala trata-se tão-somente da «simples filosofia do caloteiro», aludindo ao facto de a Câmara fazer «as suas realizações através do não pagamento das dívidas à EDP».

APU do Porto protesta contra discriminação

O cabeça de lista da APU ao Município portuense protestou contra a «discriminação de que foi alvo», por não ter sido convidado a participar num debate radiofónico com outros candidatos.

Macedo Varela acusa em comunicado a Rádio Renascença de não o ter contactado para participar no programa «Cartas na Mesa», emitido domingo à hora do almoço, no qual inter-

vieram Rosado Correia (PS), Alexandre Pinhal (PRD), Américo Sá (CDS) e Fernando Cabral (PSD). A exclusão traduz não só uma inadmissível discriminação política como um acto censório inadmissível face às leis democráticas do País e uma manifesta falta de ética por parte da RR», refere o texto, cuja cópia foi enviada à Comissão Nacional de Eleições.

A APU exige que a RR conceda proximamente ao seu candidato, obrigatoriamente antes do dia 15, «possibilidade de Macedo Varela apresentar as suas opiniões e propostas aos eleitores ouvintes dessa emissora».

Por outro lado o cabeça de lista da APU manifestou-se contra a criação de uma empresa mista de electricidade, para resolver o problema da dívida de 18 milhões de contos à EDP e do tarifário eléctrico no concelho. Para Macedo Varela, aquela empresa «constituirá uma tentativa de desmembrar a EDP e entregar ao capital privado os lucros dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade

(SMGE), aumentando brutalmente as tarifas».

PRD apresentou manifesto para Braga

Os candidatos do PRD à Câmara Municipal de Braga propõem-se promover a construção de habitação colectiva em todos os terrenos urbanizáveis, com o objectivo de regular o preço do mercado habitacional no concelho. O objectivo dos renovadores democráticos está incluído no manifesto eleitoral divulgado durante uma conferência de imprensa a que esteve presente Darida Marques, candidata à Câmara de Braga.

Os candidatos do PRD têm ainda como propósito, no capítulo relativo à habitação, promover a venda de terrenos devidamente infra-estruturados e privilegiar os objectivos das cooperativas de habitação.

Segundo o manifesto, os renovadores democráticos pretendem rever o regulamento municipal de construções, introduzindo-lhe exigências acentuadas de melhoria de qua-

lidade. Propõem-se, ainda, legislar contra fogos-postos e outros atentados ao património florestal.

Defendem, igualmente, que a aprovação dos loteamentos e outros empreendimentos urbanísticos sejam sempre da inteira responsabilidade da Câmara Municipal e não da exclusiva responsabilidade do seu presidente. Os renovadores de-

mocráticos pretendem, também, imprimir maior rentabilidade ao hospital concelhio, assim como criar uma hierarquia de prioridades de intervenção no saneamento básico.

No sector do ensino, o PRD propõe-se elevar o número de jardins de infância e de instalações pré-escolares pugnar pelo controlo de 26 alunos por turma no ensino primário.

CDS desiste da Câmara de Loures e CNE dá razão ao PPM

O CDS retirou a sua lista para a Câmara Municipal de Loures, segundo revelou ao «DL» o ex-candidato à Presidência do Município, António Rodrigues Garcia, que adiantou, no entanto, que os centristas mantêm a lista para a Assembleia Municipal. Partindo com um resultado eleitoral de 5,29 por cento, os centristas tinham naturalmente, aspirações limitadas, pois a constituição do bloco PS/PSD pôs a funcionar a dinâmica do voto útil contra a gestão APU da Câmara.

Entretanto, a Comissão Nacional de Eleições deliberou dar conhecimento à Polícia Judiciária e à Câmara Municipal de Lisboa da sua decisão de aceitar o protesto feito pelo PPM relativo à «publicidade comercial laudatória da actual verificação», segundo afirmam os populares-monárquicos em comunicado. Recordar-se que em sessão pública da Câmara, os vereadores do PS e da APU apresentaram protestos contra a afixação desses «placards».

50 MILHÕES NO totoloto

JANELA ABERTA PARA UMA VIDA MELHOR

Ha milionários que são mais milionários que outros. A partir desta semana, Grândola tem um desses milionários: um anónimo que ganhou o maior prémio de sempre distribuído pelas Apostas Mutuas: 49.719.358\$00! *

Antes de o ser, este milionário era ajudante de motorista numa empresa de distribuição de cerveja; agora, o feliz anónimo vai reformar-se para, como ele diz, «deixar o lugar a outro, de preferência a quem venha do desemprego».

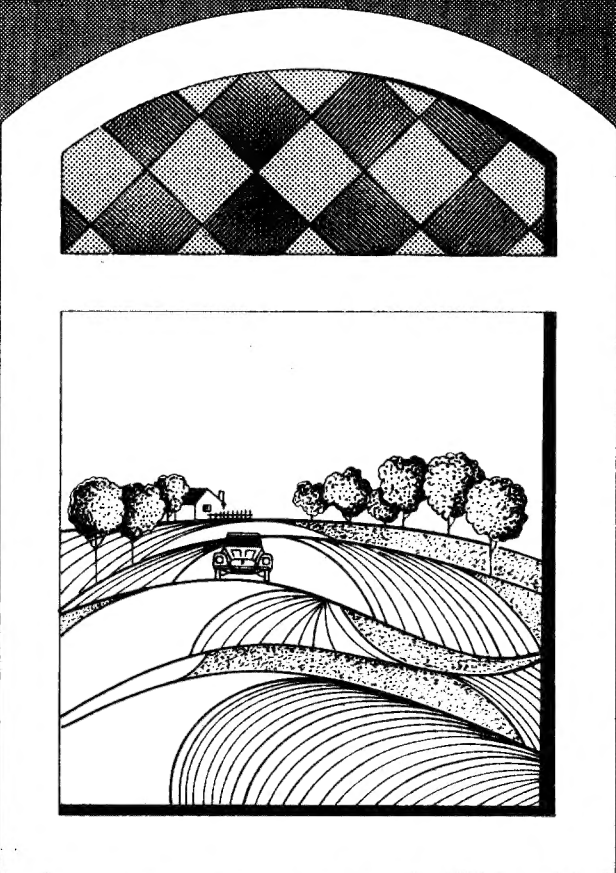
Como passou este anónimo a milionário? Por incrível que pareça, jogando como sempre jogou: sozinho, inspirando-se à mesa do café onde é cliente habitual e gastando apenas 90 escudos.

O nosso milionário é um homem feliz; a sua mulher está nervosíssima; os seus dois filhos não cabem em si de contentes; os seus colegas e amigos estregam as mãos de satisfação na expectativa do lauto jantar à alentejana que já está prometido.

Com os cerca de 50 milhões ganhos no Totoloto, o nosso novo milionário tem a certeza de uma janela aberta para uma vida melhor.

Restantes prémios: 9 segundos (cada 1.104.874\$00); 439 terceiros (67.954\$00); 28.305 quartos (1.545\$00); e 570.736 quintos (115\$00). *

* Números provisórios



PUBLICIDADE



totoloto

**É FÁCIL
É BARATO
DÁ MILHÕES**



**STAL SINDICATO NACIONAL
DOS TRABALHADORES
DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL**

SEDE NACIONAL

MOÇÃO

1 - Ao longo dos anos os trabalhadores da Função Pública, em geral, têm sido confrontados com uma política antinegocial adoptada pelos sucessivos Governos, desde 1976, cujos resultados são a redução drástica do seu poder de compra e a degradação das suas condições de vida e de trabalho.

2 - Os Sindicatos da Função Pública (Administração Central, Regional e Local), sempre exigiram e continuam a exigir que seja garantido a todos os trabalhadores o direito ao trabalho e a uma carreira, com possibilidades reais de acesso, única forma de dignificar o exercício da função pública.

3 - As soluções que nestes domínios têm sido adoptadas pelos sucessivos Governos, assentam em três vectores fundamentais:

a) - A redução do poder de compra dos trabalhadores.

b) - A criação de dificuldades no exercício do direito à carreira, através de expedientes vários, entre os quais se destaca o Decreto-Lei n.º 248/85, de 15 de Julho, que assenta numa filosofia contrária àquela que sempre temos defendido - A REVISÃO GLOBAL DO ACTUAL SISTEMA DE CARREIRAS.

c) - Redução do número de efectivos da Função Pública, pondo em causa os direitos constitucionais de segurança e estabilidade de emprego e o direito ao trabalho.

4 - A Frente Comum dos Sindicatos apresentou ao Governo uma proposta reivindicativa para 1986, dirigida às questões de natureza financeira (vencimentos, pensões, subsídios, prestações complementares, diuturnidades e subsídio de refeição) e às questões de regime (vínculos, férias, faltas e licenças, horário e duração do trabalho, etc.), exigindo a sua negociação tendo em vista o programa do Governo e o Orçamento do Estado para o próximo ano.

5 - O STAL, para além de recompor como exigência a resolução dos problemas que afectam os trabalhadores da Administração Local, apresentou ao Governo, em Abril de 1984, um Projecto de Revisão Global de Carreiras para negociação, exigência já apresentada ao actual Governo.

6 - Relativamente à segurança e estabilidade de emprego dos trabalhadores da Administração Local, postas em causa pelo Governo, através da publicação de diversos diplomas, o STAL tem assumido uma posição firme da exigência de respeito pelo direito ao trabalho, à carreira, aos vencimentos, em suma a todos os direitos que assistem a qualquer trabalhador.

7 - A nossa unidade, firmeza e combatividade, têm impedido os Governos de atingirem completamente os seus objectivos.

8 - Considerando que é preciso impedir que o actual Governo prossiga a mesma política dos anteriores governos, através de uma prática de imposição e do facto consumado, exigimos:

a) - Que o Governo se sente à mesa das negociações com a Comissão Negociadora Sindical da Frente Comum dos Sindicatos, para negociar, efectivamente, a PRC/86 a fim de repor o poder de compra dos trabalhadores da Função Pública e negociar as questões de regime que se impõem e que fazem parte integrante da referida proposta reivindicativa.

b) - Que o Governo negocie, de imediato, com o STAL, a Reestruturação de Carreiras, atendendo ao projecto apresentado pelo Sindicato em Abril de 1984.

c) - Que o Governo garanta a segurança e estabilidade de emprego e o pagamento de vencimento, abonos, subsídios e prestações complementares a todos os trabalhadores da Administração Pública, designadamente aos trabalhadores das Assembleias Distritais, os quais com a aplicação do Decreto-Lei n.º 288/85 de 23 de Julho, não estão garantidos, nomeadamente a partir de Janeiro de 1986.

PELO QUE:

9 - Os trabalhadores da Administração Local, em torno da sua organização de classe - o STAL - embebidos do espírito de unidade, firmeza e determinação, já revelado, desenvolverão todas as acções, utilizando todos os meios Constitucionais ao seu alcance, no sentido da defesa intransigente dos seus direitos e do Poder local saído do 25 de Abril.

- VIVA O PODER LOCAL DE ABRIL!

- VIVAM TODOS OS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL!

Braga, 23 de Novembro de 1985

A DIRECÇÃO NACIONAL DO STAL

Moção aprovada pelo Conselho Nacional, por unanimidade e aclamação.



A barragem (na foto ainda em fase de construção) que «afundou» uma aldeia

Para a história de Vilarinho das Furnas

“Uma aldeia afundada”

Luís Miranda Rocha

«Vilarinho da Furna, uma aldeia afundada» é o título de um dos mais recentes lançamentos de «A Regra do Jogo» na sua colecção «Estudos». O autor do estudo é Manuel de Azevedo Antunes. Está na contracapa, mas cabe divulgá-lo aqui: trata-se de um dos antigos habitantes de Vilarinho, e, destes, o único que veio a cursar estudos universitários. Outra curiosidade que importa revelar aqui, — porque «A Regra do Jogo» quase a esconde em indicação muito miúda na página 4, — a edição foi patrocinada pela Câmara Municipal de Terras do Bouro, concelho a que Vilarinho pertenceu.

Este estudo não é, longe disso, o primeiro, mesmo de fundo, que as características específicas — da vida, da existência, — de Vilarinho até hoje suscitou. E também já não é o primeiro trabalho que se faz sobre a sorte que teve a comunidade local. Da bibliografia aqui citada avultam pelo menos três títulos. Dois deles, porém, são teses de licenciatura. Destas, uma é de 1971, anterior, portanto, à destruição da aldeia. A outra é de 1973 e supõe-se que aborda já o que foi tal destruição. Supõe-se, — porque são trabalhos inéditos. Por publicar, estão também trabalhos do mesmo autor, sobre o assunto. De modo que, de tudo quanto há de trabalho feito sobre o caso Vilarinho da Furna, o que avulta mais é ainda o estudo de Jorge Dias, **Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária**, tese de doutoramento, feita em Munique, do já falecido professor Jorge Dias, publicado em 1948 pelo Instituto para a Alta Cultura e republicado em 1981 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Este trabalho de Jorge Dias e o de Manuel de Azevedo Antunes são, pelo menos, aquilo que pode ser encontrado nas livrarias por parte de quem, por curiosidade ou interesse, quiser saber o que era Vilarinho

e o que foi o seu desaparecimento, — não por um qualquer cataclismo natural mas por decisão (premeditada) da antecessora da EDP, há mais de quinze anos.

O caso de Vilarinho não se pode dizer que não seja de conhecimento mínimo, mesmo daqueles que não tinham lido nunca o livro de Jorge Dias. Por altura da sua destruição viu-se o filme de António Campos com o título da povoação. E os jornais falaram disso. Apesar da censura. O que se passou pode resumir-se em poucas palavras. A Companhia Portuguesa de Electricidade projectou uma barragem para o local onde era a povoação. Houve reacções, obviamente, numerosas e significativas, — as mais significativas das quais foram as da própria população. Era um projecto discutível. Não foi, porém, muito discutido, — ou, pelo menos, nenhum argumento contra foi capaz de demover a antecessora da EDP. E toda a população foi obrigada a retirar de Vilarinho, para algures. Houve lugar a indemnizações. Mas o que estas foram ainda o ouvimos não há muito num programa de televisão em depoimento dos próprios indemnizados. Ficaram muito aquém do real valor das expropriações, já

não considerando a extensão incalculável de danos psicológicos. Em pouco ou nada ajudaram os desalojados a fixarem-se noutra local, mesmo muito próximo. No seu livro, Manuel de Azevedo Antunes revela que, pelo menos num caso, — e foi dos menos mal pagos, — a então CPE indemnizou na base dos 8\$00 (oito escudos) o metro quadrado. Ainda que há quinze anos, era miserável, ou nem tanto. A empresa tinha um cálculo das despesas a fazer com as indemnizações. Não ultrapassava em muito os 20 mil contos. Famílias eram 57, e delas houve algumas que não receberam com que pudessem comprar sequer casa nova onde morar.

Matéria interessante para estudo e reflexão sobre as condições em que os portugueses viviam então, — sob que regime então viviam, — nos extermos do salazarismo. O tratamento dado pela **clique** político-administrativa do povo de Vilarinho parece bem significativa do primarismo que caracterizava o ideário e, sobretudo, a ausência de condições mentais, com que o regime quis fazer evoluir a situação a que se chegara ao fim de mais de quatro décadas de ditadura. A violência assumia-se nestes tocantes por vezes em formas mais reveladoras do que as que habitualmente correm para a exemplificar. Está presente na memória de todos que, a propósito de casos assim, se falava de progresso e desenvolvimento. De passagem se diga que já então os modelos eram europeus. E também de passagem, pode-se dizer que muito desse ideário mantém-se ainda hoje vivo e actual. O caso é outro, mas tem aspectos comuns, certamente: Alqueva.

No prefácio à edição de 1981 do livro de Jorge Dias, escrevia Orlando Ribeiro: «Vilarinho da

Furna não existe mais; não declinou por abandono dos habitantes, mas porque uma barragem a meteu debaixo da água que submergiu leiras e casas e até o cemitério situado na parte mais alta da aldeia. Nem os mortos escaparam, e dos vivos ninguém cuidou; pagas as indemnizações irrisórias, cada um se amanhava como pôde, enriquecendo-se o país de electricidade, atirando para as incertezas da vida os seus vizinhos. E, no entanto, estas aldeias comunitárias viviam numa nobre pobreza, onde os habitantes se sentiam efectivamente senhores do que cultivavam e colhiam e geriam em comum os seus interesses colectivos. (...)»

Era a vida comunitária de Vilarinho que Jorge Dias, há quase quarenta anos, descrevia no seu livro, com o que a um não-iniciado parece não apenas uma constante minúcia mas também (ou ainda mais) uma grande generosidade para com os valores humanos e culturais em causa.

Sem que isso questione o carácter exemplar (ou mesmo modelar) do trabalho de Jorge Dias, — que, aquém e além do mais, era uma prosa descritiva e interpretativa dum escritor de apurados recursos, — o livro de Manuel de Azevedo Antunes propõe-se com motivos de interesse novos e diversos.

Não nos referimos já ao carácter testemunhal que pode reconhecer-se ao livro: o caso de Jorge Dias, neste tocante, não fica aquém. Referimo-nos ao valor documental, certamente, e tanto aos materiais apurados pela investigação do autor como às peças aqui em arquivo, com vasta informação sobre o que foi o processo Vilarinho da Furna, — e ainda é, de algum modo, mesmo depois de submersa a povoação, no território, e o nome dela riscado do mapa.

Não há quem pague as despesas

Tribunal de Ponta Delgada decidiu arrestamento para desencalhar navios

O tribunal da comarca de Ponta Delgada decidiu arrestar o salvadego panamiano «Ostrara» enquanto ninguém assumir a responsabilidade pelos gastos do desencalhe do navio norte-americano «Delmundo».

O «Delmundo», navio a turbina registado em Nova Orleães, e encalhou há cerca de duas semanas numa praia da costa sul de S. Miguel a cerca de três quilómetros de Ponta Delgada.

O navio encontrava-se ancorado fora do porto de Ponta Delgada com outro de indênticas características, o «Delcampo», quando o mau tempo os arrastou para a costa. O «Delcampo» foi recuperado antes do encalhe mas o «Delmundo» entrou na praia em S. Roque.

Os dois navios estavam a ser rebocados entre Nova Iorque e o sul de Espanha pelo salvadego panamiano «Ostrara», que havia atracado ao porto de Ponta Delgada para reabastecimento e reparação de uma avaria.

As operações de desencalhe do «Delmundo» que já envolveram as autoridades marítimas micaselenses, um rebocador da Junta Autónoma de Ponta Delgada e os bombeiros, estão já orçadas em cerca de 20 mil contos.

Um helicóptero da FAP já desembarcou por duas vezes material a bordo do navio.

Por cada hora a operação custou cerca de 170 contos, só que ninguém quer assumir o pagamento das despesas.

Com efeito, a capitania do porto de Ponta Delgada entregou um termo de responsabilidade pelos gastos das operações de desencalhe aos armadores do salvadego «Ostrara», aos armadores norte-americanos e a uma entidade privada de S. Miguel, agente do «Delmundo», mas nenhuma das três empresas o quis assumir.

Face a esta situação, que o «capitão» do porto, Pires dos Santos, considerou «estranha», foram desenvolvidas diligências junto das autoridades judiciais para que o salvadego fosse arrestado, o que aconteceu há dois dias.

«Agi assim na defesa dos interesses dos Açores» — disse à Agência NP Pires dos Santos, que referiu que o navio encalhado tem de ser removido da Prainha de São Roque.

«Não pode ficar ali. Não quero mais nenhum 'Summer Brise' junto à costa» — acentuou.

O «Summer Brise» era um navio fretado à extinta CTM que encalhou junto à povoação, na costa sul de S. Miguel, a alguns quilómetros de Ponta Delgada, e os seus restos estão ainda à vista.

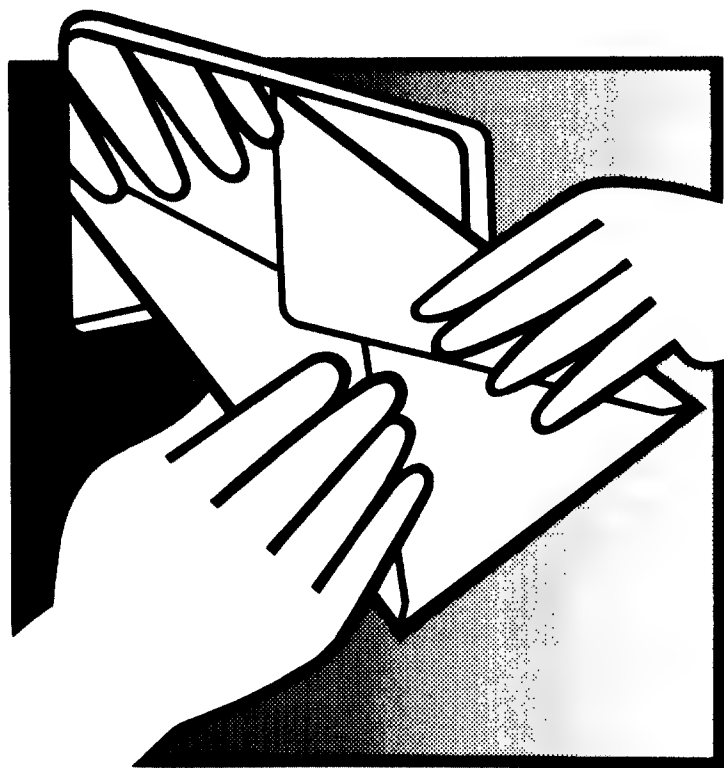
Setúbal remove «hovercraft»

A capitania do porto de Setúbal vai remover um «hovercraft» que está prestes a afundar-se na Doca do Comércio, soube a Anop junto das entidades portuárias.

O «hovercraft» que pertence à Sociedade Turística Ponta do Adoxe, empresa associada da Torralta para a exploração de carreiras fluviais Setúbal-Tróia, deixou de operar há cerca de três anos e está arrestado à ordem do tribunal de Setúbal.

Aquele «hovercraft» e outro, pertencente à referida empresa e imobilizado na mesma altura, apresentam tal estado de degradação que se teme pelo seu afundamento.

PUBLICIS



Unicef

UM CARTÃO PARA DOIS

Quando você põe no correio um cartão de Boas Festas da UNICEF, dirige-o sempre a duas pessoas diferentes: à tia Lúcia, por exemplo, e a uma criança que necessita de cuidados de saúde, alimentos, instrução.

É como se cada destinatário recebesse a sua metade do cartão — uma em amizade outra em solidariedade.

Locais de venda:

- Balcões da Caixa Geral de Depósitos e do Banco Nacional Ultramarino.
- Supermercados Pão de Açúcar de Alcântara, Cascais e Amoreiras
- Edições Europa-América (Estoril, Queluz e Av. M. de Tomar)
- Papelarias Progresso, da Moda, Erasmo e Compasso (C. Ourique)
- Centro Comercial Fonte Nova (Benfica)
- Boutique "A Gala" (Av. de Roma)

Para informações, contacte:

Comité Português para a UNICEF
Praça Dr. Fernando Amado, lote 568-1.º (Zona J de Chelas), 1900 LISBOA
Tel.: 85 24 78 -85 23 54

Comité Regional do Porto
Rua Dr. Alves da Veiga, 83-2.º
4000 PORTO — Tel.: 56 85 63

Comité Regional de Coimbra
Rua do Brasil, 39
3000 COIMBRA — Tel.: 2 28 35

Comité Regional de Viana do Castelo
Rua de Santo António, 104-3.º F
4300 VIANA DO CASTELO
Tel.: 2 46 08

Existiu apenas durante 50 anos

Extinta Câmara de Belém mostra arquivo de 1985

Meio milhar de volumes da extinta Câmara Municipal de Belém estão desde hoje patentes ao público, na Biblioteca Municipal de Belém, em Lisboa.

Na documentação desde hoje exposta em Belém, na sala do arquivo da extinta Câmara figuraram arquivos gerais da cidade, vários registos, livros e actas e numerosos inventários.

A Câmara Municipal de Belém foi criada em 1835 e dissolvida durante a reorganização administrativa em 1885, constituindo-se em freguesia de Lisboa (Santa Maria de Belém).

A antiga Câmara Municipal de Belém, tal como todas as Câmaras, conservou um significativo acervo documental subjacente à sua actividade.

Embora não seja grande (pelo menos a quantidade de exemplares), devido à sua efêmera existência (30 anos), o Núcleo da Câmara Municipal de Belém forma um repositório, de fundo documental, para o estudo do municipalismo e para a história

da cidade de Lisboa.

Pelos decretos de 11 de Setembro de 1852 foi extinta o termo de Lisboa e constituídos os concelhos de Belém e Olivais.

Após a extinção do termo de Lisboa e a constituição dos dois novos concelhos, modificou-se o domínio administrativo do Município de Lisboa.

Pertencia ao concelho de Belém a administração das freguesias de Alcântara, Ajuda, Belém, Benfica, Carnide, Odivelas e S. Sebastião.

Estava-se em plena regeneração e o País vivia uma época de administração, acompanhada por uma franca prosperidade económica.

É precisamente neste período que se enquadra a constituição da Câmara de Belém, cujo primeiro presidente foi Alexandre

Herculano, figura bastante conhecida dos homens do seu tempo.

A reforma administrativa do Município de Lisboa, aprovada por Carta de Lei de 18 de Julho de 1885, completada com o Decreto de 8 de Outubro do mesmo ano, começou a vigorar em 1 de Janeiro de 1886 e estabeleceu uma nova linha de circunvalação que avançou muito o seu território.

Deste modo extinto o concelho de Belém, ficando anexada aos concelhos de Oeiras, Sintra e Olivais, e exterior aos limites da nova circunvalação.

O arquivo da extinta Câmara Municipal de Belém compreende a documentação referente à vida da cidade, nos seus múltiplos aspectos, desde os fins do século XII até à actualidade.

O arquivo tem como principais funções assegurar a conservação da documentação e promover a sua divulgação, inclusivamente no que se refere à Câmara Municipal de Belém.

“Não sou um bandalho político”

-afirmou, ontem, Macedo Correia em Monsanto

«Eu não sou um bandalho político e não podia aceitar que tipos como o Otelo, Mouta Liz, Pedro Goulart e companhia o dissessem», afirmou ontem, em Monsanto, Macedo Correia. A aparente explosão emocional do principal «arrependido» do processo FUP/PF-25 quebrou a rotina da sessão de ontem que, à semelhança das anteriores, foi dedicada à análise dos atentados mortais reivindicativos pela organização. Interrogado sobre as razões que o levaram a continuar no Projecto Global apesar das suas discordâncias, Macedo Correia resolveu ir mais longe e explicou, em Monsanto, as razões que o levaram a colaborar com as autoridades.

O réu «arrependido» afirmou que, apesar de estar a preparar a sua saída da organização, debatia-se com uma «questão de ética, de moral» e que se resumia na interrogação sobre o que fazer caso fosse preso. «Quando me detiveram numa rua do Porto, disse que era das FP-25 de Abril, e não do Projecto Global por uma questão tática. Nessa altura ainda não estava disposto a laborar com as autoridades», contou Macedo Correia, para acrescentar: «Só entro em ruptura quando os dirigentes me traíam ao afirmarem, quando são presos, que as FP são uns bandalhos que nada têm a ver com o Projecto Global».

Macedo Correia precisou, a este respeito, que a sua decisão final surgiu quando lhe foi apresentado, em Vale de Judeus, pela sua advogada de então, um documento da defesa onde se afirma que as «FP eram uma infiltração, um grupo de bandalhos». O «arrependido» recordou ainda que fez uma proposta aos restantes presos no sentido de «todos os militantes do Projecto Global detidos se assumirem». «Dei-lhes um prazo de três meses para me responderem. Não o fizeram. Eu só podia tomar uma posição: acabar definitivamente com o Projecto Global.»

O documento referido por

Macedo Correia é um dos apêndices do processo agora em julgamento e, segundo esclarecimento do juiz-presidente, foi apreendido a Daniel Horácio, um dos evadidos da Penitenciária de Lisboa.

A explosão emocional de Macedo Correia seguiu-se a uma sessão onde foi analisada uma acta assinada e escrita por ele e no qual o seu nome aparecia como sendo um defensor da liquidação de Adriano Moreira. Ontem o «arrependido» voltou, contudo, a reafirmar a sua discordância face aos atentados mortais perpetrados pela organização e acrescentou que eles geraram um «mal-estar».

Interrogado sobre a acção que vitimou um dos administradores da Gelmar, Canha e Sá, em Maio de 1984, Macedo Correia afirmou desconhecer os pormenores da operação. «Tive conhecimento dela pelos jornais e mais tarde ela foi discutida num plenário dos responsáveis operacionais das FP, realizado após as prisões de Junho», disse. Nessa reunião, e segundo Macedo Correia, foi comunicado aos participantes que o atentado

contra Canha e Sá tinha sido discutido na DPM (Direcção Política — Militar do Projecto) e que esta tinha dado o seu aval à operação.

Consenso de morte

Antes, Macedo Correia tinha prestado esclarecimentos sobre o atentado que vitimou um administrador da Fábrica de Louças de Sacavém, Monteiro Pereira, em Dezembro de 1982. O «arrependido» frisou que a orientação ainda prevalecente, na altura, no Projecto Global, era a de que os atentados nunca deviam ser mortais, mas que o grupo responsável pela operação decidiu em contrário. Segundo ele, participaram no atentado José Ramos dos Santos, Govern Lopes e o Aldino Pinto.

Macedo Correia admitiu que a direcção do Norte das FP se opôs a esta acção, mas que o grupo de Lisboa se conseguiu impor. Estes incidentes levaram os responsáveis do Norte a reunirem-se com Otelo Saraiva de Carvalho que, disse, à semelhança deles, defendia que os atentados não deviam ser mortais. «Eu e o José António Pereira continuámos na organiza-

ção mais por respeito para com Otelo, do que por outra coisa», disse.

O «arrependido» precisou depois que, mesmo na DPM, havia quem defendesse os atentados mortais, citando, a título de exemplo, o nome de Mouta Liz e recordou que pouco antes do Conclave e durante este se deu uma viragem definitiva na organização com o «consenso de morte» a prevalecer a partir daí.

No início da sessão, Macedo Correia tinha analisado, a pedido do juiz, a situação na Marinha Grande. Segundo Macedo Correia, a «marcha da fome da Marinha Grande para Lisboa» organizada pela CGTP constituiu um exemplo da preparação do campo para a acção armada».

O «arrependido» diria, a este respeito, que apesar da Marinha Grande ser um «feudo do PC», quem animava as lutas eram militantes do Projecto Global e citou o caso de Delmiro Cruel, morto em 84, após ter sido espancado. «Eu já estava preso na altura da morte do Cruel, mas não me convenço que não tenha havido participação do PC», disse Macedo Correia. CV

III Congresso de Estudos Pessoanos

‘O Livro do Desassossego’: o grande romance de Lisboa do século XX

O III Congresso Internacional de Estudos Pessoanos, realizado em Lisboa por iniciativa do Ministério da Cultura, terminou ontem na Fundação Gulbenkian. O IV Congresso, já formalmente anunciado, será em 1988, no centenário do nascimento de Fernando Pessoa. Como adiante se verá, uma revelação audaz: «O Livro do Desassossego» seria considerado como o grande romance de Lisboa do século XX.

Um resumo do último dia do presente Congresso dá-nos, por exemplo, Georg Rudolf Lind centrado a sua comunicação no exame dos sinais da presença de Cesário Verde na obra de Pessoa.

Octavio Paz — impulso pessoano na América Latina

Na opinião de Lind (grande estudioso da obra pessoana), duas razões «aproximam» Cesário de Pessoa: a primeira, o parentesco profissional (ambos eram empregados do comércio) — e a segunda diz respeito à «poetização consciente da vida comercial e da banalidade do dia a dia».

Fernando Montejo, poeta venezuelano, falou de influência de Fernando Pessoa não apenas na literatura do seu país, mas, mais amplamente, no âmbito da cultura hispano-americana.

O poeta venezuelano lembrou que a obra pessoana, cuja divulgação se iniciou em 1961 com a publicação, pelo intelectual mexicano Octavio Paz, do livro «Pessoa, o desconhecido de si mesmo», é hoje, no seu país, «objecto de estudo e admiração crescentes».

Maria José de Lencastre procurou, por sua vez, recolocar Fernando Pessoa no contexto nacional e urbano, assinalando a propósito que, sendo poeta moderno, de vanguarda, ele teve Lisboa como «único pano de fundo do seu drama em gente» e nessa dimensão interessa também examiná-lo.

Noutro plano, entende a autora de «Fotobiografia de Fernando Pessoa» que se não pode reduzir a heteronímia deste a um «jogo de máscaras», porquanto, no poeta, os heterónimos «são personagens autónomos», cujos «pensamentos e sentimentos não são os de Pessoa».

A heteronímia pessoana é, observou ainda, «um discurso de natureza ontológica», é «o problema do ser», enfim, o que o poeta enfrenta nas várias personagens que assume.

Uma afirmação que irá fazer correr muita tinta: para Maria José de Lencastre, «O Livro do Desassossego», de Bernardo Soares, um dos heterónimos de Pessoa, publicado há cerca de cinco anos, é «o grande romance de Lisboa do século XX».

Rui Alarcão na abertura do ano lectivo

Universidade deve empenhar-se nos recursos financeiros

O reitor da Universidade de Coimbra, Rui de Alarcão, afirmou que a política de interacção Universidade-indústria «deve cada vez mais estar virada para a comunidade em cujo tecido social se insere».

Rui de Alarcão falava ontem na sessão solene de abertura do ano lectivo perante docentes, alunos e funcionários, na Sala dos Capelos da Universidade.

Numa intervenção dedicada ao balanço do trabalho desenvolvido, o reitor recentemente reeleito salientou «ser necessário que a própria Universidade se empenhe na modificação qualitativa dos recursos financeiros caracterizadores de uma verdadeira gestão por objectivos».

Do balanço efectuado destacou que «o ensino na Universidade de Coimbra foi ministrado, em 84/85, por 890 docentes a 12 639 alunos» e adiantou que «o número total de licenciados se fixou em 1144».

A investigação científica foi outra questão focada tendo salientado que se «torna necessário afrontar resolutamente o problema dos financiamentos, que são na realidade muito escassos».

No capítulo de realizações futuras anunciou que «está iminente a aquisição de um edifício para o qual a Universidade já obteve uma dotação de 45 mil contos, destinado à instalação de assessorias, jurídica e de planeamento».

«Em matéria de habitação — prosseguiu — deve ser inaugurada dentro de meses uma nova residência para cem estudantes, custeada fundamentalmente pela Fundação Gulbenkian.

Na cerimónia usou também da palavra o presidente da Associação Académica de Coimbra, Diogo Portugal, que defendeu que a Universidade e as associações académicas não devem ser «instrumentos efectivos do poder central».

Afirmou que «o actual decreto governamental que regula a gestão das Faculdades, remontando ao mandato do ministro Sottomayor Cardia afirma-se hoje desadequado às realidades estudantis e docentes».

Sobre a Associação a que preside disse: «Com cem anos a completar em 1987, a AAC vive em 1985 momentos intranquilos», e afirmou mesmo que «a Associação pode celebrar o seu centenário a título póstumo».

Na ocasião e como é da «praxe», o professor da Faculdade de Economia, Boaventura de Sousa Santos, proferiu uma «oração de sapiência» subordinada ao tema «Um discurso sobre as ciências».

O professor Sousa Santos afirmou que «a ciência moderna não é a única explicação possível da realidade» e que «não há sequer qualquer razão científica para considerar a ciência moderna melhor do que as explicações alternativas da Metafísica, da Astrologia, Religião, Arte ou poesia».

Acrescentou que «são hoje muitos e fortes os sinais de que o modelo de racionalidade científica atravessa uma profunda crise».



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANÚNCIO

ALFREDO JOSÉ ZARCOS GRAÇA, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

FAZ PÚBLICO que a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, em sua reunião ordinária realizada no dia 25 de Novembro de 1985, aprovou, por unanimidade, o Programa Base do Plano Director Municipal.

Vila Real de Santo António, 28 de Novembro de 1985

O PRESIDENTE DA CÂMARA

(Alfredo José Zarcos Graça)

O PS espera manter a presidência de oito das dezassete Câmaras do distrito de Coimbra, mas corre sérios riscos de perder a liderança na própria capital do distrito. Os problemas em Coimbra avolumam-se, pois que além das insuficiências quanto a saneamento básico, a «lusa Atenas» é uma cidade-concelho onde a construção é espectacularmente cara. Os conimbricenses viajam nos transportes públicos a preços so-

ciais, é verdade, mas reagem vivamente sempre que as suas tradições correm riscos. Um partido novo apareceu, pelos vistos, para — como argumenta — «veicular uma nova ideia de Coimbra». Tal é a grande dúvida, se bem que a APU sustente que o concelho deve ser melhor servido de habitação social.

Coimbra



Diz ainda o PRD que o presidente do Município subalternizou os contactos com as freguesias suburbanas e rurais e Mendes Silva replica que tem com todas elas, inclusive com a do Ameal — de maioria APU — o melhor relacionamento. A várias delas não chegaram ainda os esgotos e mal se sabe o que é isso de saneamento básico. Coimbra e toda a zona envolvente carecem, por outro lado, cada vez mais, de uma Estação de Tratamento de Águas Residuais, obra essa integrada no Plano do Mondego.

Do mau (por vezes) funcionamento da Câmara Municipal, ou do seu deficiente funcionamento, falam quase todos os candidatos, salvo Mendes Silva, que se tem mostrado bastante reservado. Há tempos, no entanto, um município foi bastante mais longe que o normal: veio a público dizer que era vítima da prepotência da Câmara, nomeadamente do seu presidente, Mendes Silva, do vereador Jaime de Carvalho e do Serviço de Obras. No «Diário de Coimbra» assinou uma carta

em que diz: «...Cheguei a ter pena da triste figura que aqueles senhores faziam.» Eliseu da Silva Madeira, de Sargento-Mor, Souselas, empreiteiro da construção civil, admite vir a recorrer «à via judicial se o requerimento feito não aparecer entretanto».

«Trinta medidas para renovar Coimbra» era a proposta de Mendes Silva há três anos. O «DL» apurou que praticamente não concretizou qualquer delas, embora algumas fossem até atractivas: parques industriais de Taveiras e Ei-

ras, Avenida Central, Estrada Bencanta-Arzila, Terminal TIR, Praça Velha-vida nova, Parque de Campismo, Parque Hoteleiro (500 camas), Casa da Cultura (Terreiro da Erva), Rio Mondego e sua utilização, incluindo o Choupal...

Mais de 111 mil dos cerca de 180 mil cidadãos eleitores do concelho votarão dia 15 do corrente para as eleições autárquicas. A APU veio entretanto propor que não façam parte dos órgãos autárquicos «pessoas com interesses pessoais e profissionais em permanente conflito com os inte-

A tradição vista à lupa

Julio Rodrigues

Mendes Silva não parece muito preocupado com todas essas girândolas, mas não confia na história de que ganhará o teste de 15 do corrente por demérito dos seus concorrentes. O candidato do PSD/CDS/PPM alega ser um homem vocacionado para as obras (e Coimbra bem precisa de várias, desde a Biblioteca Municipal ao Mercado Abastecedor) e do PRD atira ao actual presidente que este «é uma pessoa muito ligada à construção e aos meios empresariais». Por simples coincidência ou não, APU e PRD gritam que nada têm os seus elementos a ver com os negócios dos terrenos e que nunca tiveram contactos com a construção, respectivamente.

resses do Município», contando, inclusive, a própria candidatura de Mendes Silva, nesse contexto. Por outro lado, a socialista Maria Judite Mendes de Abreu, a primeira presidente da Câmara Municipal eleita em Coimbra após o 25 de Abril, reformou-se das suas tarefas municipais. Passa à «disponibilidade» com a noção de que nesta área os problemas «nem sempre são apenas de falta de dinheiro», disse.

São trinta e uma as freguesias do concelho, três delas

acentuadamente urbanas: Santo António dos Olivais, Santa Cruz e Santa Clara. Mas há já quem na prática lhes junte S. Bartolomeu e Sé Nova, para além dos que querem retirar S. José de Santo António dos Olivais: Esses alegam que a Igreja está melhor organizada neste aspecto que a própria administração pública. Depois, há freguesias de tal modo urbanas e periféricas ao mesmo tempo que só não são vinicamente citadinas por causa do problema do saneamento básico...

PRD: o candidato que veio da Saúde

Uma nova ideia de cidade

«As pessoas que todos os dias vivem os seus problemas acreditam em nós. Temos muita força junto das massas que lutam pela mudança, estou certo disso», afirmou há dias ao «Diário de Lisboa» o eng.º A. São Miguel Bento, cuja candidatura à presidência da Câmara Municipal de Coimbra pelo Partido Renovador Democrático terá constituído uma surpresa. Não para Amâncio Frias, um velho jornalista coimbrão, por exemplo, convidado por esta nova força política a integrar, como independente, a lista concorrente à Assembleia de Freguesia de Santo António dos Olivais, ele que sempre apareceu em listas socialistas...

«É pena não terem proporcionado condições dignas às pequenas aldeias deste concelho, que são autênticos presépios».

afirmou-nos este homem noutro passo da nossa entrevista, propondo que a Câmara se preocupe com os problemas suburbanos e rurais. Aliás, se ele vier a ser presidente, essa será uma das suas linhas de acção: «dar especial atenção aos problemas suburbanos e rurais, ultimamente tão desprezados», afirmou-nos. E mais: «dar uma nova ideia de Coimbra», acrescenta.

A defesa do direito à habitação, à saúde, à educação e ao trabalho de todos os municípios

(continua na pag. 14)

São Miguel Bento



SAO MIGUEL BENTO

Continuação da pág. 13

são alguns dos pontos que enformam o manifesto dos renovadores democráticos à população, constituindo parte das suas linhas de acção. «Vamos renovar Coimbra», garante São Miguel Bento, o qual também preconiza que «a Câmara Municipal deve contribuir, na medida das suas possibilidades, para que Coimbra e o seu concelho assumam desafios postos pela entrada do País no Mercado Comum».

De acordo com o próprio programa do PRD sobre este aspecto, conforme no-lo sublinhou o n.º 1 da lista à Câmara Municipal, é importante «aproveitar a força das tradições coimbrãs como alavanca que traga o Município para o limiar do século XXI, favorecendo o aumento da qualidade e rentabilidade de todos os meios de produção e dos serviços».

Descontente com a gestão municipal

O PRD participa em Coimbra na corrida para as autárquicas por estar descontente com os processos e os objectivos das gestões municipais já experimentadas. «É imperioso veicular uma nova ideia de Coimbra», sustentam os renovadores democratas a propósito do facto não apenas de não apoiarem o ex-«eanista» Mendes Silva, como de concorrer (e com ele rivalizarem) à presidência da Câmara.

São Miguel Bento é muito cioso dos valores de Coimbra, da sua cidade e concelho. Foi essa a convicção com que ficámos ao longo da entrevista que com ele mantivemos. «A paisagem do baixo Mondego, mesmo sem condições de habitabilidade nem de sanidade, é das paisagens mais bonitas da Europa. Já a avalizaram como tal.»

Aliás, acrescenta, o concelho de Coimbra é «uma espécie de princesa com muita serapilheira», isto é, uma sede concelhia privilegiada, com condições, em relação a essas «aldeias que são autênticos presépios» e ficam na parte rural da Lusa-Atenas. Com o PRD isso é (tem de ser) diferente: é que «a nossa ideia de Coimbra não se restringe ao seu espaço urbano e muito menos à sua área monumental. Temos de criar uma ideia globalizante de Coimbra, como diz o nosso manifesto», acrescentou-nos.

Não há cidade sem qualidade de vida

Os militantes e os independentes que integram as suas listas «estão, acima de tudo, e justificado, descontentes com os processos e os objectivos das gestões municipais já experimentadas», insistimos. Mas não só: candidatam-se, quer à Câmara quer à Assem-

bleia Municipais, porque «são pessoas descomprometidas com as anteriores gestões municipais, que defendem que a Câmara deverá servir os legítimos interesses dos munícipes, sem favoritismos de qualquer espécie», diz o manifesto do PRD.

São Miguel Bento apressou-nos a sua revolta pelo facto, entre outros, de haver aldeias residenciais na periferia de Coimbra, mas sem um mínimo de condições, designadamente de electricidade nem saneamento. Citou o caso de Ceira, por exemplo, porque tudo o que é suburbano «está desprezado pela gestão municipal».

E ninguém se queixou durante o mandato do actual presidente?

São Miguel Bento tem esta opinião: «A Câmara Municipal não recebe os representantes das freguesias para resolver os seus problemas. No entanto, é ela que os deveria resolver. Mas não: diz que recebe os representantes das freguesias, mas não é verdade. E, assim, tapar um buraco, arranjar uma estrada, pôr uma lâmpada espera dias, meses, por vezes doze meses... Não há gestão colaborante com os órgãos autárquicos das freguesias.»

O nosso interlocutor para por momentos. Depois retoma o fio das palavras (e das ideias):

«A maioria das pessoas do concelho, principalmente na sua zona rural e até suburbana, não sabe o que é saneamento. E sem saneamento não há saúde. E sem saúde não há qualidade. E sem qualidade de vida não há cidade!», acentua.

«Uma nova vida com uma nova Câmara descomprometida»

«Com uma Câmara descomprometida, Câmara terá uma nova vida» é o estribilho, o «slogan» para a campanha do PRD que quer surgir na corrida para a presidência da Câmara Municipal de Coimbra em condições iguais ao PS e à APU.

Reafirmando a sua discordância em relação às anteriores gestões e de salientar que nestas eleições, «pela especificidade que as envolvem, estão em causa pessoas», São Miguel Bento, afinando pelo diapasão de outros autarcas renovadores, opina que «é imperioso veicular uma nova ideia de Coimbra», a qual passa pela necessidade não só de preservar o que existe, mas também pela preocupação do progresso.

Descomprometida, descomprometida, nova vida, nova vida: mas, afinal, o que há em relação a Mendes Silva?

«É uma pessoa muito ligada à construção, aos meios empresariais, para ser um presidente independente como o PRD defende e quer. Isto, claro, sem pretender, muito longe disso, denegrir a sua imagem. É por tudo isso que nós aparecemos descomprometidos, com pessoas sem qualquer contacto an-

terior com a gestão municipal. E pretendemos uma gestão colaborante com os órgãos autárquicos das freguesias, porque também temos a consciência que não podemos fazer nada sem uma ligação estreita da Câmara com os funcionários da Câmara e desta (e destes) com as autarquias, disse-nos São Miguel Bento.

Aliás, no manifesto do PRD, essa alusão é bastante nítida:

«Muito pouco poderá o Executivo levar a efeito sem a ajuda, o espírito de serviço e a competência de todos os trabalhadores da Câmara, nos quais confiamos. Não deixaremos, no entanto, se for caso disso, de accionar os mecanismos de acção disciplinar que se mostrem necessários, nem esqueceremos os incentivos e prémios que sejam de atribuir».

O problema do saneamento

O saneamento será o principal problema — o que constitui um espanto para quem vê de fora a cidade — de Coimbra, de acordo com um inquérito rápido promovido pelo PRD.

Todavia, outros há. Por exemplo: o do não aproveitamento do facto de Coimbra ser a principal linha de cruzamento do Norte com o Sul e do Leste com o Oeste, isto é, com uma posição geográfica invejável.

A sua localização geográfica, a sua história e as suas tradições dão corpo a uma carga bastante pesada de três vertentes que, segundo o raciocínio de S. Miguel Bento, recaem sobre a Câmara Municipal. Para cúmulo, os seus recursos não são muitos, porquanto a indústria é pequena, a agricultura está atrasada e o comércio, há muito implantado, não se expande.

Coimbra, como se todos aqueles males não bastassem, nem sequer tem um porto aduaneiro para importar e/ou exportar mercadorias. Têm os seus interessados que se deslocarem ao Porto ou a Lisboa para o fazerem.

De problema em problema, e sem os equacionar todos — e por vezes sem sequer os levantar —, pode sobre educação dizer-se que é enorme a falta de formação profissional na cidade, aliás igual ao que se passa no resto do País. Mas é uma terra com fortes tradições artísticas que se reflectem na olaria e no ferro forjado, derivadas da Escola de Desenho que funcionava desde o século passado.

Em Coimbra — outro problema — vive-se desde há anos, desde que afluem estudantes, do quarto alugado. É este um dos seus principais problemas, di-lo o candidato do PRD. Mas também há quem diga que é a sobrevivência de muitas pessoas. Uma arma com dois gumes. Claro que a maioria defende que deveria haver residências de estudantes como em Espanha e Bélgica, por exemplo...

Mendes Silva



«Não contabilizo os meus eleitores em termos partidários», disse Mendes Silva ao «Diário de Lisboa». Falou-nos no seu gabinete de trabalho, numa tarde afogueante, porque Coimbra é uma cidade de contrastes climáticos no Outono (e quando não chove): acolhedora durante o dia, sobretudo à tarde, e insuportável à noite. Foi assim nesse dia, estava para vir a abertura da campanha para as autárquicas.

Havia uma razão para que a resposta do, ainda, presidente da Câmara Municipal de Coimbra pudesse ser essa: o PRD, afinal, resolve candidatar São Miguel Bento, um enge-

nheiro electrotécnico de Cantanhede, como concorrente de Mendes Silva que, nestas eleições procura a recondução e a terceira vitória do PS. Inesperadamente, os renovadores de-

Candidato APU crê no trabalho de equipa

Não a negócios

A APU candidata-se à presidência da Câmara de Coimbra «sem complexos». Sem complexos e disposta a ganhar. Acredita nisso, e diz «ter equipa para vencer», para constituir uma maioria. O cabeça de lista da Aliança Povo Unido à Câmara Municipal de Coimbra baseia essa capacidade da APU para governar a Câmara no facto da equipa ser formada «por um leque tecnicamente capaz» e apresenta duas prioridades: a habitação e a reestruturação de vários serviços.

João Santos Cardoso, administrador do Hospital Pediátrico de Coimbra e director da revista do seu ramo, «Gestão Hospitalar», integra uma vez mais a lista da Aliança Povo Unido à Câmara Municipal de Coimbra, mas agora no primeiro lugar. Conhece, pela forma como nos adiantou as linhas de acção da APU e as pessoas encarregadas de as accionar, a «equipa» que o acompanha. Ele próprio o reafirma nestes termos: «Todos os membros das listas da APU são alheios a negócios de terrenos, a

problemas desses e da construção civil.»

Uma afirmação com destinação, claro. Feita assumida e abertamente. Em Coimbra, onde alegados interesses particulares embaraçaram interesses populacionais muito vastos, a própria qualidade de vida da terceira cidade do País. Santos Cardoso vai mais longe: «o número três da lista, que por acaso é uma senhora, a eng.ª Beatriz, não tem nada a ver com isso, é uma engenheira civil que não se ocupa de trabalhos privados».

PS volta a contar com

Continuar

mocráticos «tiraram o tapete» àquele alegado «eanista», ou pelo menos ex-mandatário de Ramalho Eanes em Coimbra.

Mendes Silva tinha estado, dias antes, na passagem da primeira passagem aérea (da LAR) ligando Lisboa à Covilhã, com Coimbra pelo meio. A Câmara Municipal foi consultada sobre isso. Mas a abertura de novas vias nas zonas não urbanas e os melhoramentos dos bairros urbanos eram e são da sua inteira responsabilidade. A caminho vêm — acrescenta Mendes Silva — os novos sanitários, ao mesmo tempo que a edilidade instala mais abrigos. «Estão criadas novas linhas de transportes (uma delas é a «4») e continuamos a assegurar a recolha de perto de uma centena de toneladas de lixo com regularidade e estamos a aumentar as zonas verdes», acrescenta.

O concelho parece, pois, activo, da Portagem ao Calhabé, de Santa Clara a Sargento-Mor, de Celas a Eiras e Coselhas. Desde saneamento básico ao abastecimento público, passando pela habitação (Mendes Silva garante que há meio milhar para serem ocupados, metade deles já construídos) — Coimbra «mexe».

Demagógico agitar agora problemas...

«Continuar ou não continuar na Câmara é assunto que para mim não constitui preocupação», afirma o seu actual presi-

dente at:que deles pria C iniciat propri posta um téc e Ur José N Ach dou à tanto, pa.a s «Co questã popula que o 15 de ciar. P panhas sempr ativo os de Co em mi mim v — há —, há ponha «É mas co num pe atentar é veri emprei propri iniciat gamen de con aberto constr interna das ág

com independente

Continuar não é preocupação

dente confrontado com alguns ataques à sua gestão, alguns deles vindos a público na própria Comunicação Social, por iniciativa da APU, à qual ele próprio respondeu por interposta pessoa: na circunstância um técnico do Serviço de Obras e Urbanização (SOU), eng.º José Maria Henriques.

Acha que a sua gestão agradou à população e que, portanto, nem sequer precisa de uma campanha em força para ser reeleito?

— questionou o «DL».

«Continuar ou não, não é questão que me preocupe. A população é que vai decidir. Ela que o diga. É ela, aliás, que em 15 de Dezembro se vai pronunciar. Por sistema não faço campanhas, e tenho a consciência de sempre ter assumido no Executivo os interesses da população de Coimbra, da população que em mim acreditou e por isso em mim votou», acentua.

— No entanto — objectamos —, há quem o conteste, quem o ponha em causa...

«É demagogia agitar problemas como os que vieram a lume num período destes. O melhor é atentarmos nas obras em curso, é verificar que quer seja por empreitada, seja por meios próprios, estamos a contas com iniciativas que ultrapassam largamente a centena de milhares de contos. Por outro lado, foi aberto concurso público para a construção do troço da circular interna e a estação de tratamento das águas residuais vai ser um

facto, em colaboração com a Direcção-Geral dos Recursos Hidráulicos. Também será um facto a adjudicação do equipamento mecânico que permitirá o tratamento dos esgotos do distrito de Coimbra, obra esta que, contudo, não é da nossa responsabilidade e ascende a um milhão e duzentos mil contos», acrescenta.

Temos, contudo, o «Hotel Tivoli». E numa cidade cuja população, e sobretudo os seus autarcas — e entre estes os adversários do actual presidente da Câmara Municipal —, se queixa da falta de instalações e equipamento deste tipo, deixando escapar para a Figueira da Foz seminários, reuniões internacionais e outros tipos de encontros de grande impacto, uma tal diligência é saudável. Mendes Silva adiantou ao «DL» que o Hotel Tivoli passará a dispor de 204 quartos (quando pronto) e que, neste campo, a Câmara Municipal se podia orgulhar de já ter conseguido a Escola Hoteleira.

Ser ou não reeleito para as funções que ocupa não constitui, para ele — insiste — problema. Mendes Silva, em grande parte visado num documento que há tempos o vereador Júlio Couceiro (APU) apresentou na habitual sessão da Câmara Municipal em que no essencial referia que a «desorganização propicia a corrupção», adianta que continuará a ser independente, «sem filiação partidária», mui-

to embora — esclarece — «integrado dentro da lista que preenche o espaço político com que me encontro mais identificado, ou seja, o Partido Socialista».

Coimbra não vive da Universidade

O actual presidente da edilidade conimbricense sustenta que é engano a cidade viver à sombra da Universidade, como aligeiramente — e por tudo e por nada — se afirma. Ela, a Universidade — atalha Mendes Silva — é «uma componente essencial a Coimbra e participa na sua vida como um dos seus fundamentos primordiais, basilares. Mas é evidente que não é Coimbra que depende da Universidade, é antes esta que depende da cidade».

Para a importância de Coimbra decorrem outros factores, e não apenas a Universidade. O presidente da Câmara enumerou-nos alguns deles, sem ser exaustivo. E apontou-nos o futuro parque industrial concelhio, em fase de pleno arranque de construção, no qual será investido uma centena de milhares de contos. É claro que quanto a este aspecto, ele vinca que o crescimento industrial foi praticamente inexistente, como em todo o País. «Todos estes últimos anos foram de profunda recessão e nós mesmos em Coimbra, não fomos diferentes de

outros pontos e partes do País.

Acusado, por vezes, de não dialogar com as freguesias, em particular com aquelas que ficam na sua parte suburbana e rural, Mendes Silva nega peremptoriamente, considerando isso um desaforo. «Atendo todas as pessoas, desde os professores catedráticos ao mais modesto cidadão. É, por outro lado, ao domingo que visito as freguesias e povoações de Coimbra», salienta. «Aliás, as pessoas que me conhecem sabem muito bem que recuso o confronto, defendendo a participação, a troca de ideias é aquela que pode conduzir aos bons resultados».

Eles são dois mil funcionários!

O desapoio do PRD pareceu-nos em Coimbra, pelo menos no domínio da estratégia política partidária, a questão mais candente. Mas haverá que frisar em termos gerais, que o que de Coimbra emerge é, espantosamente, o seu Orçamento Municipal (sobretudo se comparado com o de Loures, aqui bem perto de Lisboa): quatro milhões e quinhentos mil contos.

Mas se o montante quase surpreende, não é menos verdade que quanto a números o mais importante é o que respeita ao seu total de funcionários: dois mil. Com eles são sapadores bombeiros. Novecentos e cinquenta estão na

Câmara Municipal.

E os restantes cerca de 950? Bem, estão em serviços camarários, claro: 550 nos transportes e cerca de 400 nas águas e saneamento. É nos transportes que reside o grande «buraco», salvo seja, porque em Coimbra há passes e módulos de transportes sociais, mas que não são custeados pelo Estado como tal, isto é, não estão inscritos no OGE.

A Câmara Municipal de Coimbra tem 120 viaturas em acção, transportando (com elas) trinta milhões de utentes, segundo as últimas estatísticas, fazendo (também ao ano) 3500 quilómetros. Contas bem feitas, arredondadinhas — como nos frisou Mendes da Silva —, isso dá um prejuízo diário de 500 contos!

É óbvio que em todo este quadro se colocam problemas de vária índole. Um deles é o da própria descentralização para as Juntas de Freguesia da administração directa das suas obras. Mas com que meios financeiros? «É um desafio, para ver se elas são capazes de administrar melhor o seu dinheiro», obstara Mendes Silva.

Apesar de por Lusa-Atenas ser conhecida, ainda, por muitos, de nela se radicar a mais antiga Universidade — e das mais prestigiadas da Europa —, Coimbra tem, espanto dos espantos, problemas quanto a instalações escolares (e também quanto a formação pro-

fissional). Vão arrancar — anunciou Mendes Silva — mais três escolas, custando cada uma delas 6/7 mil contos, podendo dizer-se que este ano foram despendidos (ainda segundo números do presidente do Município) mais de setenta mil contos (em dez novas escolas).

Sem questões hierarquizadas, embora com uma trajectória determinada, também chegamos ao sector de abastecimento público, mais concretamente dos mercados. Mercados que, afinal, escasseiam em Coimbra. Quem diria?

«É preciso que a gente vá ao mercado e saiba o que compra, como compra, quando deve comprar. A partir daí há que equacionar todo este problema e é isso que justamente estamos, agora, a fazer, para o tentar resolver de acordo com as preferências e necessidades da população», diz-nos Mendes Silva.

Uma reunião entre o vereador do pelouro e o presidente da Câmara parece ter despoletado condições para que quanto a mercados, já não nesta verificação, mas na que lhe suceder, as carências de Coimbra sejam atenuadas.

Entretanto, parece poder concluir-se que a problemática dos mercados de Coimbra vai nortear-se muito, no futuro, pelos estabelecimentos de bairro, mercados esses servindo as zonas populosas, tais como a Norton de Matos e Almas de Freire, por exemplo.

s de terrenos

das cidades portuguesas; como, afinal, na generalidade dos nossos concelhos. Por exemplo: ao nível de saneamento básico. Quem iria, não conhecendo bem Coimbra, dizer que muitos dos «doutores» aí licenciados, no regresso às suas terras, aos seus concelhos, às suas regiões, depararam em Coimbra com situações como nós ou outras que nos foram contadas?

Avivemos as coisas com Santos Cardoso:

«No meu primeiro mandato na Câmara, tenho a impressão que em 1980-82, visitei toda uma zona nova, chamada 'Pinhal de Marrocos', e a água que vi correr na valeta era a água das fossas individuais. Isto já numa zona claramente urbana!»

As amostras deste autarca que vive em Coimbra desde os seis anos e entrou já na casa da meia centena, que nos fala de amigos comuns — que com ele viveram «outros tempos» da Coimbra boémia, mas absorvente e activa

—, não se perdem no «Pinhal de Marrocos»: a Conchada é outro exemplo em que não há saneamento básico, embora fique na rede urbana.

Mas Coimbra, apesar de tudo, melhorou nos últimos anos, nos últimos dias. Um exemplo: os esgotos do Hospital Pediátrico foram ligados à rede, ao colectador geral, há vinte dias. E isso aconteceu adjacientemente: a construção do novo Hospital Central, que fica em Celas, a cerca de três centenas de metros do Pediátrico.

Ora, a construção daquele hospital obrigou à montagem de um colectador principal. Foi apenas por causa disso que ligaram os esgotos do Hospital Pediátrico ao colectador. Porque, até há bem poucos dias atrás, ia a céu abeto até Vale de Eiras.

«Veja-se o perigo que decorre para a saúde pública, com doenças gravíssimas que

aqui ocorrem, com o esgoto do hospital a viajar em céu aberto. Um outro exemplo, o do Hospital dos Covões: só há muito pouco tempo é que obras dessas estão a ser feitas. Ora o que acontece é que o presidente Mendes Silva não tocou nos problemas fundamentais, e para tanto bastará ler o seu manifesto de candidatura há três anos, quando ele prometeu 'renovar Coimbra'. Ele bem disse 'vamos renovar Coimbra', mas não é isso que se observa nem constata. Afinal, que é que ele fez?»

Santos Cardoso pergunta, aguarda e responde, esclarece, emite o seu ponto de vista: «Ele não fez nada, não tocou nos problemas principais, não concretizou qualquer dos trinta pontos ou trinta medidas que segundo ele simbolizavam o seu desejo de renovar Coimbra, continuo a citar», acrescentou.

Por exemplo: a APU de Coimbra afiança que o Estado tem de subsidiar os transportes do concelho, que prestam um serviço social, como o faz em relação à Carris, ao Metro e aos STCP. «Isso tem de ser definido por uma política governamental. Porque, sempre que a Câmara Municipal vem com essa proposta, nós rejeitamos-la, como até aqui o temos feito. É um problema nacional, não é local», salienta Santos Cardoso.

Plano director é muito importante

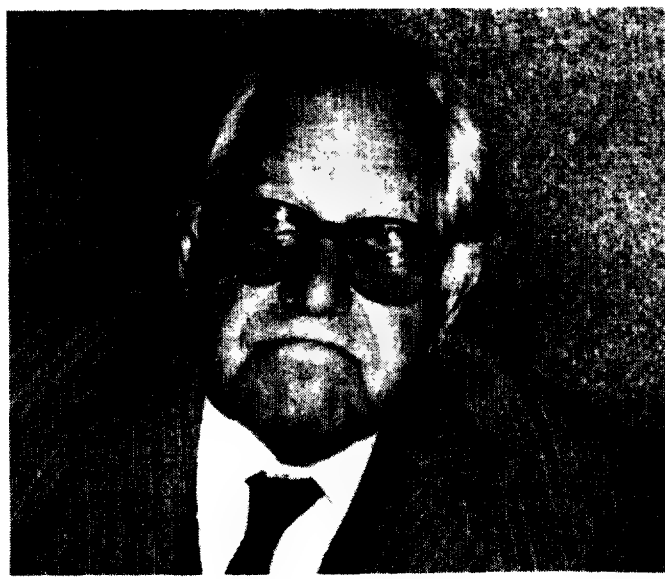
A APU tem um Plano de Acção Imediata para pôr em prática. Tal instrumento tem em conta que Coimbra é uma cidade de grandes tradições, com alguns dos melhores serviços portugueses de saúde, neste aspecto — di-lo um especialista —, até melhores que

Continua na pág. 16



Santos Cardoso

António Moreira



Mercado Abastecedor, Parque de Campismo e Hipódromo são três das obras com que o eng.º António Moreira avançará logo que seja eleito presidente da Câmara Municipal. É ele próprio quem afirma: «o povo vai escolher no homem mais indicado para resolver os problemas do concelho. Eu acredito que acertará nesse homem».

Presidente da Câmara Municipal desde 1979 a 1982, cedendo o lugar a Mendes Silva (independente do PS), ele que sucedera a uma outra candidata socialista Maria Judite Mendes de Abreu (actual presidente da Assembleia Municipal de Coimbra), António Moreira é um homem da cidade, conhecido em todos os lados. Tivemos ocasião de o confirmar em vários pontos e fontes, ligando-o a várias actividades e, particularmente, à «antiga Aliança Democrática».

Sabe o que quer e para onde vai este homem que é técnico superior (engenheiro que fiscaliza obras e que eventualmente um dia virá a falar de Coimbra) da Direcção-Geral do Património no extinto Ministério do Equipamento, agora dependente do Ministério das Obras Públicas e Transportes. Se vencer, como espera, continuará as

obras que se propôs realizar no mandato de 1979-1982, interrompidas porque o PS derrotou rotundamente a ainda Aliança Democrática.

António Moreira volta a candidatar-se à presidência da Câmara Municipal de Coimbra de novo apoiado pelo CDS e pelo PPM mas avisa: «Não quero litígios pessoais com Mendes Silva. Se ele quiser ir para esse caminho, que vá, porque não o acompanharei».

Fazer obras por vocação

Para este homem que boa parte de Coimbra conhece e que não pára (a entrevista fora marcada uma semana antes e quando aparecemos na dependência do Ministério a que pertence, em Coimbra, ele apressava-se para uma recolha de fundos, «porque nós não temos di-

neheiro», disse-nos), não há tempo a perder.

«Uma população não poderá viver bem se não tiver condições de salubridade e saúde, e os bens essenciais à sua disposição com todas as garantias», começou por dizer-nos. «Ora Coimbra não está dotada de alguns desses meios nem desses bens: se é verdade que tem água potável, em condições, também o é que a falta de condições na rede de mercados não assegura que os seus produtos sejam puros. Por isso — acrescentou —, vamos remodelar profundamente os mercados de Coimbra».

Aliás, a Câmara Municipal, caso António Moreira venha a ser o seu presidente, irá actuar de acordo com as obras para que está vocacionada. É isso que «em princípio vamos fazer: as obras para que estamos vocacionados, algumas delas ainda pendentes, porque não foram continuadas».

— Portanto, que obras, em concreto, vão accionar?

António Moreira: «Vamos fazer as obras para que estamos vocacionados, como já disse. Ampliaremos a rede de águas, repararemos e conservaremos a

PSD/CDS/PPM à sombra do tempo passado

Recomeçar o que deixei

existente, e destinaremos sempre verbas importantes para manter a captação de águas em boas condições».

«Beneficiaremos — acrescentou — os transportes e pensamos ampliar as carreiras até locais onde ainda não vão. Do mesmo modo, temos também a intenção, quanto à rede de saneamento, de levar os seus esgotos até à Estação de Tratamento de Águas».

É evidente que a cidade de Coimbra precisa de levar os esgotos até esse local. Por isso, os seus responsáveis terão que começar — adverte António Moreira —, a encarar muito a sério este problema e a deitar contas à vida para dotar a rede escolar de instalações suficientes.

António Moreira considera ainda que se não pode esquecer nem a parte cultural nem o aspecto de lazer em Coimbra, assim como se lhe afigura importante haver zonas verdes para as crianças se recrearem nos tempos livres. E além de preservar essas zonas verdes, «temos de arranjar mais», acrescenta.

Parque de Campismo e instalações hoteleiras

António Moreira não quer que se esbanje mais tempo relativamente ao Parque de Campismo Municipal e avança que, se for eleito — e bem o espera —, apoiará todas as iniciativas, privadas ou estatais, para a

construção de instalações hoteleiras «que tanta falta fazem em Coimbra», observa.

«Aliás, a construção de unidades hoteleiras, de que temos muita falta, é um problema prioritário. Como também o é a construção da circular interna, a rede viária e, muito naturalmente, prosseguir a construção da Biblioteca Municipal, uma obra iniciada no nosso mandato, mas que tem estado parada».

O candidato do PSD, CDS e PPM à presidência da Câmara Municipal, agora como há três anos apoiado pelas mesmas forças, defende uma «estreita ligação e assistência com todas as juntas de freguesia para a resolução dos seus problemas», acentua, «porque a parte rural é muito importante, as suas carências muito grandes».

«Aliás — sublinha António Moreira —, já no nosso anterior mandato prestámos-lhes uma grande assistência, ajudámos-las a resolver alguns dos seus problemas, mas não todos, claro. Ainda há muitos a ultrapassar. Pensamos, por isso, dar-lhes uma grande ajuda».

A Câmara não é uma casa comercial

A Câmara não é uma casa comercial — acrescenta António Moreira noutro passo das suas polémicas declarações. «A Câmara deve, por isso, apoiar a actividade privada, se for caso disso».

Obras como a do mercado de D. Pedro V, Parque de Cam-

pismo e Hipódromo estão nos horizontes de António Moreira. A obra do Mercado de D. Pedro V era uma das promessas da ex-AD e volta a inscrever-se no programa do candidato António Moreira à Câmara Municipal, como promessa ao eleitorado. «É possível que não seja feito num só mandato, porque é uma obra cara», disse aquele candidato ao «Diário de Lisboa».

António Moreira tem as suas ideias e os seus planos. Ele vinca o facto de Coimbra se situar geograficamente na passagem entre o Porto e Lisboa e entre a Guarda e a Figueira da Foz. É, pois, um entroncamento muito especial, com um conjunto de obras que são nacionais em que é preciso «apertar» com o Governo para se fazer.

Uma delas é a estrada entre a Raiva e Trouxemil, e outra é a variante ao «nó» Norte, há ainda a construção da Estação de Tratamento de Esgotos, enfim, pois: tudo obras de um plano integrado, de que faz parte, ainda, a Avenida do vale de S. Gemil. «Pressionaremos o Governo, que agora é do PSD, mas que poderia ser de outro partido qualquer, para que essas obras se iniciem já».

Uma obra importante, pois claro: a do Aproveitamento do Vale do Mondego, de que muito se tem falado nos últimos tempos, porque quanto mais tarde arrancar, obviamente mais cara ficará.

SANTOS CARDOSO

Continuação da pag. 15 em Lisboa e no Porto, em vários casos.

Há por isso pessoas que defendem que Coimbra seja uma cidade de lazer, de congressos, de reuniões internacionais, que não seja por excelência uma cidade de negócios. Portanto, é com acuidade que se equaciona esta dúvida: Coimbra, que cidade?

A APU fala de duas componentes: a da investigação e da cultura e a das tradições. É importante neste campo um Plano Directo Concelhio, sobre o qual a Aliança Povo Unido diz que «se anda a bater desde o 25 de Abril».

O limite das áreas de desenvolvimento do concelho está nas preocupações da APU, pelo que disse Santos Cardoso ao «DL». Saber como se irá desenvolver, e em que área, a parte industrial; onde e como vai funcionar a parte agrícola; a salvaguarda e confinação do património histórico.

Claro que aqui, no caso es-

pecífico de Coimbra, até se colocam duas questões, duas componentes prévias e emergentes: salvar as margens do Mondego (com a sua toalha de água permanente tem de ser preservada para o lazer, o bem e o uso comuns) e salvar o Choupal.

Mas há outro imperativo, outra exigência: a Estação de Tratamento de Águas Residuais.

O candidato da APU falou-nos da questão, mas a Câmara Municipal pouco mais pode fazer que solicitar o apoio e a intervenção do Estado. Quando muito, poderá participá-lo, assim como as CM's a jusante do Mondego.

Já não é isso que acontece com o Plano de Urbanização. Para cúmulo, Plano de Urbanização é algo que não existe em Coimbra. Isto é: as pessoas constroem como muito bem (e

onde) lhes apetece. A quem interessará tal situação?

«Em Coimbra não há, de facto, Plano de Urbanização. Logo, se eu tenho — confiou-nos o n.º 1 da APU — negócios de terrenos, se não há plano de urbanização, se sabe que vai lá passar uma estrada... Ora, em todas as Câmaras APU há um painel, à entrada do concelho, em todas as estadas — continua — que avisa: «Esta localidade tem um Plano de Urbanização. Se está interessada em comprar terreno, não o faça sem, antes, se dirigir à Câmara Municipal.»

Em Coimbra não há nada disso, não há planos de urbanização. «Mas se eu sei que se vai projectar a infra-estruturação de uma determinada área — assinala Santos Cardoso —, eu vou lá antes, ninguém sabe, eu compro os terrenos por tuta e meia e quando os terrenos forem infra-estruturados, eu especulo: comprei por cem e vendo por mil!»

Uma outra situação — e lá voltamos a uma imagem que todos querem «prender» a este

concelho — se pode perfilar: um indivíduo não sabe, mas tem influência política, compra uma determinada área de terreno e pressiona as pessoas que estão no poder, ou no seu seio. Vai dar ao mesmo...

APU em Coimbra: as suas duas grandes prioridades

As duas grandes prioridades da APU em Coimbra são a habitação e a reestruturação dos serviços camarários. A habitação, claro, com cuidados especiais, porque é dos locais no país onde é mais caro construir. «A Câmara Municipal tem de oferecer terrenos infra-estruturados para isso, e os SMAS (Serviços Municipais de Águas e Saneamento) planos adjudicados», opina Santos Cardoso.

«A Câmara Municipal tem de intervir — preconiza aquele candidato — evitando a especulação, mas isso só é possível com terrenos infra-estruturados. A partir daí, sim,

a Câmara Municipal pode dedicar-se, ela própria, à construção de habitação social.»

E em que termos? Pois bem: pode — quanto a Santos Cardoso — fazer acordos com empresas privadas de construção para casas de renda limitada; pode prestar apoio às cooperativas de construção, através de facilidades de pagamento de terrenos; e pode ir mesmo até à autoconstrução fora da cidade, fora da área patrimonial.

«A partir daí — prevê — a especulação acabou. Se não acaba totalmente, pelo menos o mercado da habitação deixa de ser influenciado por aquilo que chamam as reservas privadas de terrenos sem infra-estruturas.»

Para isso — porque são necessárias verbas —, Santos Cardoso lembra a história de uma derrama para saneamento básico (proposta que a APU fez em 1976), que rende 150 mil contos, mais o pagamento, por parte do Governo, do défice dos transportes, na ordem dos 350 mil contos. Meio milhão de con-

tos libertados das verbas municipais. Ora com este meio milhão de contos e mais em mil que possam vir de empréstimos, é possível apoiar a habitação social.

A outra prioridade, como acima dissemos, seguindo sempre o raciocínio do nosso entrevistado, é a reestruturação dos serviços camarários no sentido de uma melhor prestação dos próprios serviços de um atendimento público mais eficaz. Esta segunda prioridade está ao mesmo nível, em importância e urgência, de resto, do Plano Director Concelhio, que integra o Plano de Acção Imediata.

Melhorar a rede de transportes nas duas margens do Mondego, aliviar o trânsito na cidade (nem que seja através de semáforos electrónicos), descongestionar a estrada Lisboa-Porto, evitar a degradação das escolas, apoiar a infância e os idosos, tendo em conta a sua base social, são linhas da APU para a Câmara de Coimbra.

Nova ofensiva iraniana

A rádio oficial iraniana anunciou que 11 novas divisões do Exército seguem a caminho da frente de guerra com o Iraque. Analistas militares indicaram que uma divisão iraniana tem entre oito mil e 15 mil homens, pelo que o total deverá ser superior a 90 mil soldados. O ministro das Guardas Revolucionárias, Mohsen Rafiqdoust, disse tratar-se «do maior transporte de tropas no país» e que há tantos «voluntários» nas províncias mais distantes que novo comboio partirá amanhã. Oficiais iranianos anunciaram, recentemente, que o Exército vai lançar em breve nova ofensiva contra o Iraque.

Substituto de McFarlane

O presidente Reagan anunciou a demissão do conselheiro nacional de Segurança da Casa Branca, Robert McFarlane, e a nomeação do seu adjunto, almirante John Poindexter, para o suceder. Numa mensagem pela televisão registada na Casa Branca, o presidente elogiou os resultados alcançados por McFarlane desde que tomou posse do cargo em 1983 e desejou-lhe sucesso no futuro.

Banguete: julgamento adiado

O julgamento dos 40 acusados da tentativa de golpe de Estado de 9 de Setembro na Tailândia, que começou ontem no Tribunal Civil de Banguete, foi suspenso a pedido da Procuradoria que solicitou a sua realização à porta fechada. Será retomado a 8 de Janeiro, visando este adiamento impedir a divulgação de segredos de Estado.

Unita: debate adiado

A proposta de lei de ajuda humanitária norte-americana à UNITA, pendente na Câmara dos Representantes, só voltará a ser debatida no início do próximo ano — anunciou o jornal «Washington Times». Uma emenda submetida à Câmara por Claude Pepper, e que foi derrotada, previa uma ajuda humanitária à UNITA no valor de 27 milhões de dólares (4320 mil contos).

Delegação da Nicarágua na China

A visita à República da China duma delegação da Nicarágua com início hoje não pressupõe o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. No entanto, uma fonte oficial disse que «a China está disposta a estabelecer relações diplomáticas com qualquer país que aceite o reconhecimento de uma só China e dos 'cinco princípios' para a coexistência pacífica».

Queda de helicóptero: 14 mortos

Catorze soldados nicaraguanos morreram na queda do helicóptero em que efectuavam «uma missão de combate» contra rebeldes, no norte do país, informou o Ministério da Defesa. As causas do acidente, ocorrido na segunda-feira, estão a ser alvo de investigação, acrescenta um comunicado do Ministério. A missão do aparelho era «transportar membros do Exército Popular Sandinista para zonas de confronto», revela ainda o comunicado.

Confrontos em pleno tribunal

Confrontos entre polícias e jovens do Magrebe provocaram dez feridos na sala de audiências do Tribunal de Lyon, durante a leitura da sentença do assassino de um jovem africano. Os confrontos ocorreram quando as forças policiais acatarem a ordem de evacuação da sala, dada pelo juiz, assim que os familiares e amigos do jovem assassinado acolheram com gritos de «injustiça» a pena de «apenas cinco anos de cadeia» imposta ao réu.

Pacificação para o Chade

O presidente da Líbia, Muamar Kadhafi, propôs ao presidente do Senegal e líder da Organização para a Unidade Africana (OUA), Abdou Diout, um plano de pacificação para o Chade, informaram fontes diplomáticas em Dacar.

NATO propõe ao Pacto de Varsóvia redução mútua de tropas na Europa

A NATO vai apresentar ao Pacto de Varsóvia uma proposta de redução de tropas na Europa, na conferência bilateral sobre «Redução mútua e equilibrada de tropas na Europa» (MBFR), a decorrer hoje em Viena, informou uma fonte da Aliança.

Trata-se da primeira proposta da NATO sobre desarmamento desde a Cimeira de Genebra entre o presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o líder soviético, Mikhail Gorbachev, e pode vir a converter-se numa prova importante da vontade real de negociar por parte da União Soviética e seus aliados, segundo as mesmas fontes.

Os termos da proposta dos países da NATO, que prevê uma redução das tropas estacionadas

nas duas Alemanhas, Polónia e países do Benelux, foram divulgados numa reunião informal de embaixadores em Viena e discutidos durante a sessão de Outubro da Comissão de Planos de Defesa da NATO, no mesmo dia, em Bruxelas.

A formalização da proposta da Aliança ocorre na Conferência Bilateral Sobre Redução de Tropas e Armas na Europa que se reúne semanalmente em Viena desde Outubro de 1973,

sendo a questão mais debatida a do controlo dos contingentes e a do armamento que cada uma das alianças militares mantém estacionado na Europa.

«Guerra das Estrelas»

Caspar Weiberger, secretário norte-americano da Defesa, disse entretanto que o programa de investigação da Iniciativa de Defesa Estratégica «Guerra das Estrelas» está à frente do calendário previsto há dois ou três anos.

Weiberger revelou que os estudos para a criação de um escudo espacial antimísseis estão mais avançados do que os planos iniciais.

No entanto, o relatório anual

da editora Jane's para a aviação militar, «Jane's All the World's Aircraft», adverte que ao lançar a IDE, também conhecida por «Guerra das Estrelas», o presidente Reagan «empenhou os Estados Unidos em despesas tão imensas e imprevisíveis que qualquer estimativa não tem significado».

O director da publicação, John Taylor, disse que, com a atribuição da prioridade à IDE, os Estados Unidos e os seus aliados na NATO prejudicam o desenvolvimento da aviação militar apesar de a União Soviética estar a modernizar — às vezes através da espionagem — e a aumentar a sua ampla vantagem numérica a nível de aviões de combate.

Incursoão israelita

no Líbano

faz 14 mortos

Pelo menos catorze mortos é o balanço da maior incursão efectuada pelas forças israelitas no Sul do Líbano desde a sua retirada de Junho, informou a Polícia libanesa.

Mais de 200 soldados, apoiados por oito tanques e seis helicópteros, atravessaram na terça-feira a chamada faixa de segurança ao longo da fronteira setentrional de Israel para atacar uma alegada base palestina numa localidade situada dez quilómetros a Nordeste de Hasbaya, no sopé do monte Hermon.

Durante as oito horas de combates, foram mortos oito palestinos, três drusos, dois soldados israelitas e um do exército libanês, vitimado pela explosão de uma mina implantada pelas tropas invasoras na sua retirada, anunciou a Polícia libanesa.

De acordo com os números anunciados por Israel, as suas tropas não sofreram baixas e mataram cinco guerrilheiros palestinos, aprisionando outros em número não especificado.

diência concedida ao Presidente polaco, que gerou polémica nos meios políticos franceses.

O próprio primeiro-ministro, Laurent Fabius disse que a visita de Jaruzelski o «perturbou profundamente». E acrescentou que a reunião havida entre Mitterrand e Jaruzelski não significava de forma alguma a aprovação francesa da política de direitos humanos na Polónia.

Contra a África do Sul

Mugabe pediu ajuda militar à URSS

O primeiro-ministro do Zimbábue, Robert Mugabe, disse em Moscovo que tinha pedido o auxílio militar do Kremlin na luta contra a vizinha África do Sul, mas aparentemente não recebeu uma resposta consistente.

Numa conferência de imprensa a concluir a sua visita de dois dias a Moscovo, Mugabe também criticou a política de empenhamento construtivo do Presidente Reagan com o regime de Pretória.

«Discutimos várias matérias,

várias áreas de cooperação», disse Mugabe quando interrogado sobre a ajuda militar. «Naturalmente procuramos melhorar a nossa capacidade militar e a forma de nos reforçarmos para enfrentarmos uma ameaça por parte da África do Sul».

Por isso, em termos gerais, discutimos a assistência militar, mas se forem alcançados alguns acordos terão de ser trabalhados em face de uma ameaça da África do Sul», disse.

«Estamos a preparar-nos para

nos defendermos», acrescentou.

Mugabe, que neste momento visita a Áustria, expressou em Viena pessimismo sobre o futuro da situação na África do Sul, após um encontro com o chanceler austríaco, Fred Sino Watz.

Mugabe disse que «o governo de Pretória não mudou» de facto de mentalidade apesar de parecer disposto a implementar «tímidas» reformas políticas.

Acordo anglo-irlandês gera polémica

As declarações do ministro britânico para o Ulster, Tom King, produzidas no Luxemburgo, reavivaram a polémica sobre o acordo anglo-irlandês, concluído há três semanas entre Londres e Dublin.

King afirmou que o governo da República da Irlanda, ao assinar o tratado, aceitou «para todos os efeitos práticos e para sempre que nunca existirá uma Irlanda unida».

O acordo, firmado pelos primeiros-ministros da Grã-Bretanha, Margaret Thatcher, e da República da Irlanda, Garret Fitzgerald, concede a Dublin, pela primeira vez desde a divisão da Irlanda, em 1921, uma participação sem voto no governo de Belfast.

Thatcher e Fitzgerald reagiram prontamente às palavras de King e reafirmaram as suas posições.

Segundo Fitzgerald, trata-se

de declarações «absolutamente impróprias e extemporâneas», que por serem «tão estranhas não podem causar prejuízo».

Tentando minimizar o efeito das afirmações do seu ministro, Thatcher assegurou pela sua parte que «nada mudou» desde a assinatura do acordo e recordou que este estabelece que o Ulster continuará a ser britânico enquanto a maioria da sua população assim o desejar.

Considera Jaruzelski

Encontro com Mitterrand foi «útil e muito sincero»

O chefe de Estado polaco considerou «útil e muito sincero» o encontro de uma hora que teve em Paris com o presidente francês, François Mitterrand.

«As duas partes estão de acordo para desenvolver relações em benefício dos dois povos e da causa da paz na Europa e no Mundo», declarou o general Wojciech Jaruzelski, à saída do Palácio do Eliseu, onde

foi recebido pelo líder socialista francês.

François Mitterrand qualificou a visita do Chefe de Estado polaco como «normal» no âmbito das «relações de Estado entre a França e a Polónia», durante a reunião do Conselho de Ministros que precedeu o encontro dos dois políticos.

As autoridades polacas atribuíram à presença de Jaruzelski em Paris o carácter de

«visita privada» e o governo francês disse que se tratava de uma «escala técnica» na viagem de regresso do presidente polaco de Argélia e Tunes.

Antes de partir para uma visita oficial às Antilhas francesas, François Mitterrand respondera, ontem à tarde, às interpeleções dos deputados da oposição na Assembleia da República francesa acerca da au-

Trabalhadores do INIP acusam a direcção

A comissão de trabalhadores do Instituto Nacional de Investigação de Pescas (INIP) acusou ontem a direcção do Instituto de promover a degradação do ambiente de trabalho e de não ter qualquer programação de investigação. Os representantes dos trabalhadores afirmaram que na óptica dos responsáveis do INIP «quem tem unhas é que toca guitarra», o que dá prioridade aos projectos de carácter individual, não existindo concertação de acções nem planos.

A CT comentou que os habituais cruzeiros científicos do INIP estão praticamente parados, apesar das solicitações constantes da CEE sobre os recursos piscícolas portugueses.

Segundo a CT, a direcção do INIP está a pedir estudos sobre estas matérias a técnicos canadianos, holandeses e dinamarqueses, enquanto os serviços técnicos da instituição, qualificados de craveira internacional, estão totalmente subaproveitados.

Sindicato das contribuições contra demissão de Pardal

O Sindicato dos Trabalhadores da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos manifestou junto do ministro das Finanças a sua estranheza pela demissão do director-geral do sector, Francisco Pardal, alertando para «a inevitável paragem de serviços e quebra de receitas que tal atitude vai provocar, no actual período do ano fiscal».

O sindicato que afirma estar empenhado na modernização generalizada do sector chama a atenção para a necessidade de não se transformar o lugar em causa num cargo político, nem em u ocupar «por pessoa menos aberta à renovação ou menos provida de capacidade e competência».

Cooperativas de habitação promovem congresso

A Federação Nacional das Cooperativas de Habitação Económica (Fenache) promove no próximo fim-de-semana, em Lisboa, o seu segundo Congresso. Entre os grandes temas a debater pelos congressistas destaca-se o papel das cooperativas como promotoras de habitação, o regime de propriedade cooperativa, o crédito à habitação cooperativa e a reestruturação do movimento cooperativo habitacional.

No decurso dos trabalhos serão igualmente discutidos os estatutos da Fenache e eleitos os próximos corpos sociais da Federação. O Congresso inicia-se num hotel de Lisboa às 14h30 de sexta-feira e termina no domingo à tarde.

Garante Ministério das Finanças

Antigos empréstimos também vão beneficiar da baixa dos juros

O Ministério das Finanças vai publicar «proximamente» um diploma legal destinado a evitar que o benefício da redução das taxas de juro seja neutralizado pela perda de bonificações atribuídas a quem contraiu empréstimos para aquisição de casa própria, antes das últimas descidas dos juros.

A informação divulgada ontem à noite através das agências noticiosas referia que esse decreto seria hoje tomado público, mas uma fonte do gabinete do Ministro

das Finanças disse esta manhã ao «DL» que hoje apenas serão oficialmente anunciadas as tabelas referentes às prestações a pagar pelos empréstimos celebrados a partir de agora.

Quanto à alteração do diploma que regula a incidência das reduções dos juros nos empréstimos anteriores foi-nos apenas garantido que a legislação está a ser estudada e que será publicada «dentro de pouco tempo».

Na nota ontem distribuída

às agências noticiosas o Ministério das Finanças garante que «quem tiver já contraído empréstimos não será penalizado, pelo contrário, verá o seu esforço financeiro significativamente reduzido». Essa redução, acrescenta o Ministério, ficará a dever-se, por um lado, «à descida das taxas de juros, e, por outro, à alteração da legislação em vigor, de modo a que a redução das taxas de juro não seja neutralizada pela perda das bonificações».

Sobre este mesmo assunto refira-se que o leitor do «DL» que se queixou à Provedoria de Justiça, conforme ontem noticiámos, argumentando com a inconstitucionalidade do decreto que retirou aos titulares dos antigos empréstimos as vantagens da descida dos juros — transferindo-as para as entidades responsáveis pelas bonificações — vai ser hoje recebido por diversos grupos parlamentares com vista a angariar apoios para a sua iniciativa.

Delors optimista e decepcionado

O presidente da Comissão da CEE, Jacques Delors, manifestou-se ontem optimista sobre os aspectos económicos da cimeira dos «doze» no Luxemburgo, mas decepcionado pelas decisões institucionais.

A Comissão Europeia, órgão executivo da CEE, esperava «mais alguma coisa» da cimeira que reuniu os 12 chefes de Estado ou de governo, ape-

sar de se ter chegado a um «compromisso de progresso», disse Delors.

O novo tratado da CEE será «um alerta constante para os deveres dos governos e a Comissão e o Parlamento Europeu manter-se-ão vigilantes, acrescentou.

Delors manifestou-se satisfeito sobre os progressos da cimeira acerca da realização do

mercado interno e classificou os relativos à cooperação monetária de «consolidação da vontade de concretizar a união económica e monetária».

Na opinião de Delors, a Europa dos «doze» não está preparada ainda para criar um verdadeiro fundo monetário europeu, dado que isso implicaria o reconhecimento da Unidade de Conta Europeia

(ECU) como divisa de referência, o que actualmente parece impossível.

O presidente da Comissão Europeia expressou a sua decepção por não ter avançado no sentido da união europeia e não se ter chegado a consenso para aumentar o poder da Assembleia que, disse, «por alguma razão foi eleita por sufrágio universal».

Decisão de Reagan pode afectar exportação de calçado português

As exportações portuguesas de calçado para os Estados Unidos poderão ser afectadas indirectamente se o presidente Reagan não vetar a lei que restringe as importações em 20 por cento, disse hoje uma fonte da Associação do Calçado.

O secretário-geral dos industriais do calçado, Carlos Manuel, afirmou à Anop que «a medida tomada pela Câmara dos Representantes dos Estados Unidos constitui, caso o presidente Reagan dê o seu aval, a maior fonte de perturbação para o comércio internacional do calçado. O mercado norte-americano é o maior comprador de calçado do mundo e importa, em média

por ano, 700 a 800 mil pares de sapatos», acrescentou.

A indústria portuguesa de calçado, disse, «seria afectada por via indirecta, pois ocorreria um desvio no comércio internacional de calçado dos Estados Unidos para a CEE, que passaria a ser o grande mercado aberto a este tipo de produtos».

Como Portugal exporta para a Comunidade Económica Europeia 60 por cento da sua produção «veria a concorrência acrescida por parte dos países europeus, uma vez que a Comunidade Europeia tem acordos preferenciais com os países da Convenção de Lomé».

Bancários discutem alteração dos estatutos

O projecto de estatutos da actual direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, apresentado ontem em Congresso, permite uma redução das despesas de funcionamento da ordem dos 50 por cento — disse à ANOP Baptista Ferreira.

A revisão dos estatutos é o ponto principal da agenda do Congresso dos Bancários do Sul e Ilhas, que decorre em Lisboa até sexta-feira, e durante o qual os 1070 delegados deverão debater e votar dois projectos de revisão, um apresentado pela direcção (UGT) e o outro pela tendência unitária (CGTP-IN).

Baptista Ferreira, membro da direcção, disse à ANOP que a alteração essencial prevista no projecto é a redução, em cerca de 40 por cento, dos delegados nos vários órgãos, contribuindo para que «sobretudo o Conselho Geral deixe de ser uma estrutura pesada, pouco funcional e se torne mais operacional».

A redução do número de delegados (actualmente 1070) proposta pela actual direcção é uma das diferenças principais em relação ao projecto da tendência unitária.

Em declarações à ANOP, José Fagundes, representante da tendência unitária, defendeu a manutenção do número de delegados, considerando que o projecto da direcção «impõe limitações à actividade sindical dos bancários, porque não concede aos delegados sindicais poderes deliberativos e permite que a Assembleia Geral seja apenas um órgão referendário».

Acrescentou que o projecto pretende dar mais competência e responsabilidade aos delegados sindicais e também mais responsabilidade às secções de empresas.

Indústria plástica teme adesão à CEE

A entrada efectiva de Portugal no Mercado Comum «agravará a crise da indústria de transformação de matérias plásticas» — disse ontem um dirigente da associação repre-

sentativa do sector.

Com a publicação do Decreto-Lei 188/85 e nos termos do protocolo transitório do acordo Portugal / CEE e do Anexo «P» do Acordo EFTA /

Espanha «o nosso País está autorizado a introduzir ou aumentar direitos dos produtos das indústrias novas».

Estes aumentos — sublinha a APIP — «vão recair não só em

algumas matérias-primas essenciais para a indústria de transformação de matérias plásticas mas também na maquinaria necessária à laboração deste sector».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS		
COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA VENDA	
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$80	56\$80
ALEMANHA FED (marco)	62\$45	63\$65
ÁUSTRIA (xelim)	8\$90	9\$10
BÉLGICA (franco)	2\$916	3\$116
BRASIL (cruzeiro)	\$009	\$019
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	113\$45	115\$95
(notas de 5 a 1000)	113\$95	116\$45
DINAMARCA (coroa)	17\$30	17\$70
ESPAÑA (peseta)	\$985	\$105
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	157\$65	161\$15
(notas de 5 a 1000)	159\$00	162\$50
FINLÂNDIA (marka)	28\$90	29\$50
FRANÇA (franco)	20\$50	21\$20
HOLANDA (florim)	55\$55	56\$65
IRLÂNDIA (libra)	194\$25	198\$25
ITÁLIA (lira)	\$083	\$093
JAPÃO (iene)	\$751	\$786
NORUEGA (coroa)	20\$75	21\$25
REINO UNIDO (libra)	235\$15	239\$65
SUÉCIA (coroa)	20\$60	21\$10
SUÍÇA (franco)	75\$10	76\$60
VENEZUELA (bolívar)	8\$80	9\$80

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Nulo nas Antas (0-0)

S. Bento da porta fechada dá "Supertaça" ao Benfica

Grande espectáculo futebolístico, nas Antas: a «Supertaça Cândido de Oliveira» a ser embolsada pelo Benfica, mercê, muito especialmente, de uma soberba exibição do guarda-redes Bento, provando (à saciedade) que continua a ser o melhor guardião do futebol português.

O Benfica empatou sem golos com o FC Porto e conquistou a 5.ª edição da «Supertaça». Na 1.ª «mão», o Benfica venceu por 1-0 (no Estádio da Luz) mercê de um golo por Diamantino.

A «Supertaça» coloca frente a frente o campeão nacional e o vencedor da «Taça de Portugal» da época anterior. Trata-se do 3.º troféu conquistado esta temporada pelos «encarnados», depois da «Taça de Honra» e do «Torneio Internacional de Lisboa».

O guarda-redes, muito seguro entre os postes, foi o principal responsável pelo êxito lisboeta. O Benfica soube conservar a vantagem carregada da Luz durante os 90 minutos, não abdi-

cando, contudo, de explorar o contra-ataque e de procurar o golo.

O terreno (em mau estado devido à chuva) acabou por ser um aliado da defesa benfiquista, que destruiu com êxito as jogadas de ataque dos portistas, que se mostraram muito perdulários na concretização.

Manniche (aos 21 minutos) isolou-se frente a Matos e esteve à beira de fazer 1-0, mas o FC Porto na resposta e aos 23 poderia ter aberto o activo através do argelino Madjer, a permitir a intervenção «in extremis» de Vando.

Bento, que rubricou a melhor exibição da noite, foi obrigado a uma defesa difícil (aos 24) correspondendo a um golpe de cabeça de Gomes e após um cruzamento perigoso de Futre, pelo lado direito. Aos 30, coube a Veloso substituir Bento entre os postes, evitando assim um golo de Gomes.

No 2.º tempo, o FC Porto voltou a pressionar o ataque, mas a lama e a organizada de-

fensiva visitante não permitiram a construção de grandes jogadas ofensivas. Bento (aos 59 e 70) teve mais duas defesas de grande nível a remates de Madjer e de Paulo Ricardo (respectivamente) perante o desânimo dos adeptos dos «azuis e brancos».

Muito longe da tão badalada televisivamente «lotação esgotada» (não ultrapassam os 30 mil o número de espectadores, ficando sem se entender a dupla repetição do erro informativo proferido dogmáticamente por Carlos Fino no noticiário TV das 20 horas) a plateia assistiu ao FC Porto perder a sua última oportunidade, aos 89 minutos, quando Bento negou a Gomes um golo de cabeça, numa altura em que os locais procuravam desesperadamente o empate.

Bento, Veloso e Samuel (Benfica) e João Pinto, Semedo, Lima Pereira, Gomes, Madjer e Futre (Porto) foram os melhores em campo.

Sob a arbitragem de Fortunato Azevedo (Braga) ajudado

por Neves Fernandes e Leite Silva alinharam:

FC Porto: Matos; João Pinto, Lima Pereira, Festas e Laureta; Semedo (Paulo Ricardo, 55) Elói (Juary, 27) e André; Madjer, Gomes e Futre.

Benfica: Bento; Veloso, Oliveira, Samuel e Álvaro; Carlos Manuel, Vando (Bastos Lopes 66) Shéu e Diamantino (César Brito, 89); Nenê e Manniche.

Cartão amarelo para Álvaro (24), Festas (53), Carlos Manuel (65) e Madjer (89).

Nota triste para grave lesão de Semedo (suspeita-se de rotura do tendão rotuliano direito) o que «coloca no estaleiro» do Porto quase uma equipa completa, na sua maioria «internacionais»: Zé Beto (operado ontem a uma rotura do ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo, a requerer seis meses de afastamento dos relvados), Celestino, Eduardo Luís (que se lesionou no aquecimento para o jogo de ontem), Celso, Inácio, Frasco, Vitorino, Quim, Jaime Magalhães, Semedo e ainda Eurico.



Oliveira: emprego rápido



Imbeloni: longa espera

Treinadores com-se

Manuel de Oliveira assumiu o comando da equipa de futebol do Barreirense, depois daquele clube ter perdido no passado fim-de-semana, no Montijo (por 1-0) em jogo da Zona Sul do «Nacional» da 2.ª divisão. O clube do Barreiro, que já disputou a divisão principal do futebol português, ocupa actualmente a antepenúltima posição da sua zona.

Manuel de Oliveira assume agora a direcção do «onze» do Barreirense, substituindo naquelas funções Orlando Moreira.

Augusto Mario Imbeloni (há longo tempo no desemprego) é o novo treinador da equipa de futebol do Naval, que milita na 3.ª divisão nacional. Imbeloni substitui a dupla formada por Vítor Né e João Ricardo, afastados do comando da equipa pelos maus resultados verificados. Um membro da direcção declarou que os jogadores estavam moralmente afectados, pelo que se tornava necessário a alteração de comandos. O Naval da Figueira da Foz ocupa o 8.º lugar na série C do campeonato.

Futebol de salão forma técnicos

Prossegue esta noite (20 horas) nas instalações do Casa Pia Atlético Clube (Conde Barão, Lisboa) o 1.º Curso de Técnicos de Futebol de Salão, organizado pela Associação lisboeta da modalidade, presidida por Eduardo Ramos. Hoje, serão prelectores o dr. José Alves («Psicologia desportiva»), dr. Marcos Barroco («Medicina desportiva: fi-

siologia do esforço») e Raul Martins («Leis do jogo»). Amanhã, os 50 técnicos em formação podem escutar os professores Jorge Palaio e João Barnabé («Organização de treino e planeamento»), professor Sidónio Serpa («Psicologia desportiva») e o enfermeiro José Veiga («Massagem e primeiros socorros»).



Antas: um Porto-Benfica jogado com muito entusiasmo, bastante emoção mas nenhum golo. Assim, o troféu ficou na Luz: magro tento de Diamantino (há 15 dias) chegou e sobrou



Damas esteve internado para revisão quase geral



Foi guardada quase ciosamente a notícia e os amigos evitaram divulgá-la até hoje: durante 48 horas (de 2.ª a 4.ª-feira) o guarda-redes «internacional» Vítor Damas esteve internado na Clínica de S. João de Deus (em Lisboa) por apresentar quebra de tensão e pequeno problema do foro cardíaco, a par de uma perda de peso inusitada. Aliás, o mesmo caso que já o impediu de alinhar em Guimarães, no jogo em que foi substituído por Katzirz. Damas, já convenientemente observado e medicado, regressou aos treinos e encontra-se em forma de poder actuar perante o Covilhã, no sábado, em Tomar, para o campeonato nacional. O aparente mau tempo já lá vai.

Modalidades

Ciclismo: Curso de juizes e cronometristas

A delegação de Lisboa da DGD e a Associação de Ciclismo do Sul vai realizar no IND, na Cruz Quebrada, nos dias 7 e 8 de Dezembro, um curso para recrutamento de juizes e cronometristas para o Ciclismo.

Ciclismo: Van Impe muda de camisola

O ciclista belga Lucien Van Impe vai correr na próxima temporada na equipa espanhola «Dormilon».

Van Impe, que ganhou o Tour em 1976 e venceu seis vezes o prémio da montanha da corrida francesa, assina contrato pelo Grupo Desportivo Dormilon dia 4 de Dezembro.

Vela: portugueses no Mundial

António Roquete e Francisco Vieira de Campos classificaram-se em décimo primeiro lugar no Campeonato

Mundial de Vela, Classe de Snipes.

Roquete e Vieira de Campos foram 16.º classificados no anterior Mundial da categoria, disputado há dois anos no Porto.

Esgrima: Miguel Magalhães ganha prova de sabre

Miguel Magalhães (CDUL) ganhou a prova de sabre da Taça António Martins em esgrima, disputada em Lisboa e que reuniu um total de 24 praticantes em representação de seis clubes.

João Marguilas (CMESEP) foi segundo classificado, seguido de Rui Viana (IMPE) e de Alfredo Alves (CDUL).

Na sua agenda

ANDEBOL: assembleia geral extraordinária da Associação lisboeta, a 10 deste mês, na Praça da Alegria, 65. 2.º.



STAL

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

SEDE NACIONAL

MOÇÃO DE PROTESTO CONTRA OS AUMENTOS DE PREÇOS DOS BENS ESSENCIAIS

O Governo, que ainda há dias tomou posse, esqueceu-se rapidamente das promessas feitas e, em vez de começar a resolver os problemas começa já por agravá-los.

Não tomou ainda quaisquer medidas para resolver os gravíssimos problemas sociais que são:

- Os salários em atraso
- Os contratos a prazo
- Os mais de 600 000 desempregados
- A garantia da estabilidade e a segurança de emprego
- etc.

Mas não se esqueceu de, desde já, agravar ainda mais as condições de vida dos Portugueses.

O GOVERNO DECRETOU SUBIDAS DE PREÇOS FORAM AUMENTADOS

- | | |
|-------------------|--------------|
| * O leite | * O pão |
| * A electricidade | * O gás |
| * A água | * A gasolina |
| * A farinha | * O gasóleo |

Este brutal aumento de preços agrava ainda mais as condições de vida da população portuguesa designadamente dos mais desfavorecidos.

O Conselho Nacional do STAL, reunido em Braga em 23 e 24 de Novembro de 1985, protesta energicamente contra mais este aumento de preços e exige que o Governo resolva os graves problemas sociais existentes no nosso País.

Braga, 24 de Novembro de 1985

A DIRECÇÃO NACIONAL DO STAL.

Moção aprovada pelo Conselho Nacional, por unanimidade e aclamação.

Râguebista perde orelha

Uma partida de râguebi entre duas equipas inglesas da Policia teve de ser suspensa quando um dos jogadores se apercebeu que lhe faltava parte de uma orelha, após uma formação espontânea. Keith Jones (39 anos) que actuou pela Esquadra de Newport, teve de recolher ao hospital, onde apesar do tratamento não foi possível recuperar parte da orelha, que desapareceu misteriosamente. Jones apresentou queixa junto do Ministério Público, desconhecendo-se se a acusação tentará descobrir se havia algum canibal na equipa adversária.

Mc Enroe perde e ameaça

Otenista norte-americano John McEnroe foi eliminado do «Open» da Austrália, ao perder (2-6, 6-3, 1-6, 6-4, 6-0) com o jugoslavo Slobodan Zivojinovic. Zivojinovic, classificado em 66.º lugar no «ranking» mundial, surpreendeu a multidão que enchia as bancadas do «court» central do recinto de Melbourne, ao afastar o seu credenciado adversário, que ocupa o 2.º posto naquela classificação.

Após uma partida que durou cerca de três horas, John McEnroe encarou com ostensiva displicência a concretização do derradeiro serviço e ameaçou o seu adversário: «Vais pagar por isto. Podes ter a certeza».

Boxe dá louvores

A Associação de Boxe de Lisboa louvou os pugilistas Adelino Livramento (Belenenses), José Lopes (E. Amadora), Pedro Silva (SCP), Vítor Carvalho (SCP), António Júlio (SCP), António Monteiro (SLCO) e Fernando Silva (UCL), bem como o treinador João Faleiro (Estrela da Amadora), o treinador-adjunto, o treinador e o seccionista do Sport Lisboa e Campo de Ourique (José de Matos, Luís Sampaio e Edmundo Jaime) e ainda o presidente do Conselho Técnico da ABL (Alfredo Oliveira) e o secretário da ABL (Joaquim Inglês), pelo comportamento exemplar na representação da ABL no torneio «Cidade do Barreiro» nos dias 23 e 24 de Novembro ganho por aquela associação.

Seleção da RFA grava disco

A seleção alemã-federal de futebol concentrou-se ontem num estúdio de gravação de Colónia para interpretar os temas do disco de longa duração «México, mi amor», que proximamente será posto à venda na RFA.

O seleccionador Franz Beckenbauer e os seus 26 pupilos gravaram o disco, que assinala a qualificação da RFA para o Mundial do México, com fins humanitários e não vão por isso ganhar dinheiro.

Na gravação desta longa duração só não participaram os jogadores da seleção que jogam em clubes italianos. Briegel e Rummenigge, e Karl-Heinz Foerster que sexta-feira se lesionou no jogo da sua equipa (Estugarda) com o Werder Bremen.

Mundial do México tem cartaz

Escócia no "clube dos 24"

A Escócia conquistou o último dos 24 lugares na fase final do «mundial» de futebol, ao garantir um nulo frente à Austrália na 2.ª «mão» da fase de repescagem. No 1.º encontro vencera por 2-0.

Após o jogo, o treinador escocês Alex Ferguson não escondia o seu descontentamento perante a actuação da sua equipa, apesar do apuramento alcançado: **Gostaria de ter ido para o México com uma vitória no derradeiro jogo**, disse Ferguson. **Os nossos jogadores estiveram muito nervosos e ainda temos de trabalhar a equipa.**

A desilusão dominava igual-

mente as hostes da equipa australiana, onde o treinador Frank Arok só se consolava com a exibição dos seus rapazes. **Penso que provámos que não somos um bando de pontapeadores e que podemos ombrear com as melhores equipas**, referiu Arok. **Os rapazes podem estar orgulhosos do seu esforço.**

Os 24 países apurados para o «Mundial» do México são os seguintes: Europa — Itália, RFA, Hungria, França, Inglaterra, Espanha, Bélgica, URSS, Escócia, Polónia, Bulgária, Irlanda do Norte, Portugal e Dinamarca; América do Sul — Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai; América Central e do Norte — México e Canadá; Ásia — Coreia do Sul e Iraque; África — Marrocos e Argélia.

Preparação

O México venceu a Coreia do Sul por 2-1, em jogo de prepara-

ção para o mundial de futebol, disputado no Memorial Coliseum de Los Angeles. A Coreia marcou primeiro (aos 15 minutos, por Joo Sung) mas o México (com golos de Flores, aos 17 e 57 minutos) conseguiu o triunfo.

Atenção, juniores

Em jogo da fase de apuramento do Grupo 4 do europeu de juniores, a Itália venceu Malta, por 4-0. Portugal, que se encontra no mesmo grupo e que no último jogo disputado ganhou à Áustria, não perdeu as hipóteses de qualificação, necessitando, para tal, de ganhar os dois encontros (por boa margem frente aos italianos), e desde que estes e os austríacos percam algum ponto. A classificação actual é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Itália	4	3	—	1	12-2	6
Áustria ...	4	3	—	1	9-5	6
Portugal .	4	2	—	2	10-6	4
Malta	4	4	—	—	0-18	0

Próximos jogos: Itália-Portugal, 21/1; Malta-Áustria, 23/4; Itália-Áustria, 30/4; Malta-Portugal (por definir).

Reservas lisboetas

O campeonato de reservas da AFL, entre clubes que militam nas 1.ª e 2.ª divisões do nacional, prossegue hoje, com a realização dos seguintes jogos: Sporting-Torriense, às 15 e 30, no campo de treinos de Alvalade; Benfica-Oriental, no campo n.º 3 do Estádio da Luz; Belenenses-Atlético, no campo de treinos do Restelo; e Estoril-Sacavenense, todos às 21 horas. Na prova que reúne clubes da 3.ª divisão, realizam-se, às 21 horas, os seguintes encontros: Odivelas-Vilafranca, Vilafranca-Sintrense, SL Olivais-Fanhões e Cacém-Desportivo dos Olivais.

Oeiras debate desporto

A Comissão Organizadora da APU, no concelho de Oeiras, promove amanhã, pelas 21 e 30 horas, na Liga de Algés, um debate subordinado ao tema: **A APU e o desporto em Oeiras**. Este debate, aberto à participação das colectividades do concelho, dos técnicos e dirigentes desportivos, contará com a participação de Melo de Carvalho, Celorico Moreira, Alves Barbosa, Fernando Mota e José Manuel Constantino.

Rali Paper em Oeiras

O Canoas Futebol Clube de Oeiras vai realizar no próximo sábado, um Rali Paper. As inscrições podem ser feitas até às 24 horas do dia 6, pelo telefone 2420679

Jordão na prateleira uefeira



Jordão: à espera

Rui Jordão foi suspenso pela UEFA e não poderá alinhar no jogo da 2.ª mão da Taça UEFA perante o Atlético de Madrid. No comunicado editado pela UEFA, em Berna, não é indicado o número de jogos com que Jordão vai ser penalizado, pois essa decisão só será tomada pelo Comité de Controlo e Disciplina da UEFA após a conclusão da eliminatória. No entanto, Jordão (que foi expulso por acumulação de cartões amarelos) deverá ser punido apenas com um jogo de suspensão.

Foram também suspensos os jogadores Hugo Sanchez, Miguel Porlan e Gordillo (Real Madrid), Bruns (Borussia de Moenchengladbach), Icardi (Milão), Sikorski (Légia de Varsóvia) e Burruchaga (Nantes). O comunicado da UEFA diz que os clubes implicados foram avisados por telex enviado da sua sede de Genebra, mas fontes do Sporting garantem que até ao fim da tarde de ontem o clube não tinha recebido qualquer notificação.

GINÁSIO CLUBE DO SUL

Convocatória

REUNIÃO MAGNA

5 de Dezembro pelas 21.30 h, nas instalações do Bingo Centro Com. M. Bica — Almada.

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1) Diferendo Câmara M. Almada/Ginásio que impede a abertura da Sala de Bingo e suas consequências.
- 2) Formas de impedir a paralisação da actividade desportiva do clube.

O Presidente da Assembleia Geral
Ricardo Fernandes

DIVITRÊS - DIVISÓRIAS, TECTOS FALSOS E REVESTIMENTOS, LIMITADA

CERTIFICADO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO QUE: Por escritura de dezasseis de Outubro de mil novecentos e oitenta e cinco, lavrada de folhas setenta e seis a folhas setenta e oito do livro de notas para escrituras diversas número seiscentos e cinquenta e sete-C, do Nono Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Alice Ribeiro Fernandes, João Carlos Melo Miranda, Joaquim Ramos Miranda e José Maria Vilela Tunes, como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epigrafe e sede na Rua Principal número sete, primeiro andar esquerdo, Bairro do Vale do Forno, no lugar e freguesia de Odivelas, concelho de Loures e unificadas as quotas do sócio José Maria Vilela Tunes, alteraram parcialmente o pacto social, dando aos artigos quarto e sexto a seguinte redacção

QUARTO

O capital social integralmente realizado em dinheiro e outros valores conforme escrituração, é de SETECENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de três quotas: uma de trezentos e setenta mil escudos pertencente ao sócio João Carlos Melo Miranda; uma de trezentos e setenta mil escudos pertencente ao sócio João Carlos Melo Miranda; uma de trezentos e setenta e cinco mil escudos pertencente ao sócio José Maria Vilela Tunes e uma de cinco mil escudos pertencente ao sócio Joaquim Ramos Miranda.

SEXTO

A gerência da sociedade é exercida pelos sócios João Carlos Melo Miranda e José Maria Vilela Tunes, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura dos dois sócios gerentes.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Qualquer dos gerentes poderá delegar os seus poderes de gerência no todo ou em parte, mediante procuração e a sociedade poderá constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO TERCEIRO — É proibido aos gerentes ou seus mandatários, obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

Por ser verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino. Lisboa e Nono Cartório Notarial aos vinte e quatro de Outubro de mil novecentos e oitenta e cinco

A Ajudante

Cremilda Pintúas Marques da Silva Malvar

«DL» - 5/12/1985

LUIS CILIA

SINAIS DE SENA

À VENDA NAS DISCOTECAS

UMA EDIÇÃO ASSOCIADA

Sporting emenda a mão: acabam credenciais para os jornalistas entrarem em Alvalade

Atitude digna e de enaltecer: o Sporting aboliu as credenciais que o clube emitia para os jornalistas terem acesso aos locais destinados aos Órgãos de Comunicação Social. Isso está implícito no seguinte telex que nos foi hoje remetido pela colectividade dirigida por João Rocha:

«Em sequência do parecer da Procuradoria-Geral da República e das instruções dadas às forças Policiais, vem este clube comunicar que deixou de emitir credenciais que garantam o acesso e o lugar na tribuna reservada aos Órgãos de Informação no nosso estádio. Nestas circunstâncias, agradecemos que tomem as medidas que entenderem necessárias no sentido de que os vossos enviados ao estádio de Alvalade sejam em número compatível com as instalações destinadas a esse objectivo, a fim de proporcionar aos que vão trabalhar bom exercício das suas funções. Mais informamos que a capacidade da nossa tribuna destinada aos Órgãos de Informação é de 29 lugares.»

Um acto sportinguista que reflecte como, pelo menos na casa do leão, já se entende como suficiente e básica a identificação dos jornalistas através do cartão emitido pela Federação Portuguesa de Futebol (com o aval do CNID) ou mediante a exibição da carteira profissional outorgada pelo Sindicato dos Jornalistas. Espera-se agora que este primeiro passo dos sportinguistas, bem entendendo o que está regulamentamente preceituado, seja seguido por outras colectividades que mantêm ainda uma lei diferente para o acesso às suas bancadas destinadas à Comunicação Social.

Violência no futebol argentino

Um jovem de 20 anos morreu devido a um disparo e 20 outras pessoas ficaram feridas numa verdadeira batalha campal ocorrida após um jogo de futebol, em Buenos Aires (Argentina). Os incidentes ocorreram depois do encontro entre o Racing Clube e o Banfield, disputado no Estádio do Boca Juniores, quando grupos de adeptos dos dois clubes se confrontaram à saída do recinto. A Polícia teve de actuar energicamente para separar os contendores, mas estes dispersaram-se e continuaram a lutar nas imediações do estádio.

Este foi o incidente mais grave da jornada do futebol argentino, embora se tenham também registado outros incidentes noutros campos. A violência levou o Parlamento a aprovar uma lei que prevê penas de prisão maior e incompatibilizações civis para todos os que transgridam as normas de convivência autorizadas durante as manifestações desportivas.

Andebol: árbitros para o Mundial

Bernhard Thiele e Werner Vick (República Federal da Alemanha), Raymond Hahn (França) Otto Schwarz (Suíça), Erik Larsen (Dinamarca) e Vasile Sidea (Roménia) são os oficiais nomeados pela Federação Internacional de Andebol para assistirem ao Campeonato do Mundo (Grupo C), que, de 6 a 15 de Fevereiro do próximo ano, decorrerá em Portugal.

São também já conhecidos os nomes das duplas de arbitragem que dirigirão os encontros. Jean-Claude Lelarge/Gerard Carle (França), Nahom Zabetzki/Dani Nutman (Israel),

Aldo di Tulio/Francesco di Molfetta (Itália), Gustav Burziwal/Dieter Mayer (Áustria), Moussé Seck Seye/Babacar Ndoye (Senegal), Rodrigo Costas/Ramon Franch (Espanha), Pal Hummel/Laszlo Kiss (Hungria) e José Augusto Ribeiro/Florentino Pereira (Portugal) são os árbitros apontados oficialmente pela IHF. Durante o Campeonato do Mundo, ficará de reserva a dupla portuguesa Dílio Oliveira/Jerónimo Silva, para algum caso imprevisto por parte de uma das duplas titulares.

Quer os oficiais quer os árbi-

tros, chegam a Lisboa a 5 de Fevereiro. No dia seguinte de manhã, a anteceder a abertura oficial do Mundial, os responsáveis oficiais dentro da estrutura da IHF pelo sector de arbitragem e regulamentos (o alemão-federal Werner Vick e o romeno Vasile Sidea) têm, com todos os árbitros presentes, uma reunião técnica.

Está assente que os jogos em Lisboa serão disputados no Pavilhão do INATEL, local em que actuará a selecção portuguesa. A Federação Portuguesa de Andebol, Comissão Organizadora, não se poupa a esforços

para que seja colocado um piso sintético no recinto de jogo, no sentido de se conseguirem as melhores condições possíveis para a prática do andebol. Esse piso tem a particularidade de poder ser guardado e aplicado noutros recintos, permitindo a prática, inclusivamente, de outras modalidades. Por outro lado, este piso evita a operação morosa e bastante dispendiosa de se proceder à raspagem do recinto, normalmente com marcações para várias modalidades, facto que não é autorizado para competições da envergadura de um Campeonato do Mundo.

Microscópio

Judo em acção

A Federação Portuguesa de Judo leva a efeito no próximo fim-de-semana, no Pavilhão do Clube Atlético de Campo de Ourique, o torneio «Kiyoshi Kobayashi». No sábado, realiza-se a prova feminina, às 15 horas; e, no domingo, a masculina, à mesma hora.

Jorge Arnoso campeão de vela

Jorge Arnoso (presidente da Federação Portuguesa de Vela) é campeão nacional de «match racing» após as meias-finais e finais realizadas em Vilamoura. A competição foi organizada pela «Sun Charter's», empresa de Vilamoura vocacionada para o turismo náutico e promoção de regatas e também pelo CIMAV (Clube Internacional da Marina de Vilamoura), clube que conta já com um palmarés de relevo na organização de regatas importantes.

O campeonato foi muito bem disputado durante as suas 32 regatas. Os resultados finais foram os seguintes: 1.º Jorge Arnoso — Coca Arnoso, Francisco Mourão e Paulo Miguel; 2.º António Viegas — Paulo

Sena Rodrigues, Eurico Abreu e Luís P. Melo. 3.º Frederico P. Melo — Francisco T. Bastos, Henrique Anjos e António Azevedo. Coutinho/«Seleções Reader's Digest»; 4.º Pedro Beckert — Francisco Ramada, António M. Melo e José Santos Fernandes/«Deck Bar».

Lagoa Azul - Sintra: ciclo-cross

Para início da nova época, a Associação de Ciclismo do Sul marcou para o próximo domingo, na Lagoa Azul (Sintra) uma prova de ciclo-cross aberta a todas as categorias, incluindo populares. Portanto, a partir das 9 horas quem tiver uma bicicleta pode praticar o seu desporto favorito, na modalidade ciclo-cross. A seguir a esta primeira «prova aberta» a associação lisboeta marcou já mais duas: dia 22, e Campo Raso e no dia 29 de novo na lagoa Azul.

Ténis de mesa:

Torneio Internacional

Cerca de meio milhar de praticantes de ténis de mesa de todas as categorias disputam no próximo fim-de-semana o Torneio Internacional das Caldas da Rainha. Estarão presentes uma

selecção de Macau e jogadores do Luxemburgo e RFA na edição do ano passado o triunfo por equipas pertenceu ao conjunto de Macau.

Bilhar:

Campeonato de Lisboa

Luís Ventura (com 9 pontos) comanda o campeonato regional de Lisboa de bilhar às três tabelas, cuja fase final teve ontem mais uma jornada. Resultados: Jorge Teriaga - Mário Chaves, 50-39 (em 44 entradas); Luís Ventura - Joaquim Torres, 50-45 (em 60 entradas); Mário Ribeiro-Manuel Saraiva, 50-34 (em 36 entradas); Mário Amâncio - Pedro Azevedo, 50-49 (em 67 entradas).

Atletismo: Estágio algarvio

A fina flor do atletismo português iniciou ontem um estágio de oito dias na Aldeia das Açoteias (Albufeira) sob a orientação do técnico Moniz Pereira. São 41 os atletas em estágio, entre os quais Rosa Mota, Aurora Cunha, Albertina Machado, Conceição Ferreira, Rosa Oliveira, Fernando Mamede, Ezequiel Canário, Carlos Capitão, Hélder Jesus, João Campos e Delfim Moreira. Par-

ticipam igualmente no estágio o técnico-coordenador Lara Ramos e os técnicos Maria Araújo, Fonseca e Costa e José Pedrosa. Para receberem orientação de Moniz Pereira encontram-se também na Aldeia das Açoteias um treinador e quatro atletas suecos e ainda duas atletas belgas.



Festa benfiquista

O Sport Lisboa e Benfica organiza amanhã, pelas 21 horas, a festa de Natal dos seus funcionários, incluindo futebolistas, que decorrerá no Coliseu dos Recreios, com a Gala do Circo Internacional. Os bilhetes encontram-se à venda no local do espectáculo e na loja do Benfica (telefone 7263214).

PROGNÓSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 49/85 DE 8 DE DEZEMBRO.85

Penalti: 221 121 111 X121; Jornal da Beira: 221 X21 X11 1121; Cardeal Saraiva: 221 221 X11 XX21; Correio de Coimbra: 221 X1X 112 1222; Correio do Vouga: 221 121 111 1121; A Defesa: 221 X2X 111 X1X2; Defesa de Espinho: 221 X11 121 1121; Diário de Coimbra: 121 XXX 111 X112; O Diário: 12X X11 11X 222X; Diário de Lisboa: X21 X11 111 2X22;

Diário de Viseu: 221 X11 X11 112X; Dribling: 121 XXX X11 11X1; Folha do Domingo: X21 XXX 111 1222; Ecos de Cacia: 221 2X1 111 X2X1; O Emigrante: 12X 1X1 X11 1X2X; Eu Sei Tudo: 221 2X2 211 X1X2; Jornal do Fundão: X21 XXX X11 X12X; Gazeta das Caldas: 221 111 11X XX2X; Gazeta de Felgueiras: 221 X21 X1X 221X; Rádio Totobola: 221 XX1 XXX 1X11; Linhas de Elvas: 121 111 X1X X122; Litoral: 121 1X1 111 X12X; Maria da Fonte: 221 1X1 X1X 1XX1; O Mensageiro: 121 1X1 111 1X21; No Estúdio e no Estádio:

221 X21 X1X 1X2X; Notícias do Douro: X21 1XX X1X 1111; Notícias de Gouveia: X21 X22 X11 11X2; Notícias de Gouveia: 121 1X1 X1X X222; Notícias de Viseu: XX1 X11 X11 X122; A Ordem: 221 211 111 1222; Reconquista: 121 2X1 11X 2121; Rádio Alitude: X21 X21 11X 1X21; Clube da Manhã: XX1 221 21X 112X; Manhã, Manhã: X21 XX1 11X X12X; RDP / Secção Desportiva: 221 1X1 XX1 X22X;

Tempo de Desporto: 121 X1X 1XX 1X22; Boomerangue: X21 XXX 111 XXXX; Programa da Manhã: 221 XXX X1X 111X; Canal Mais: X2X 22X X11 XX11; Fotografias: X21 X21 111 1111; Palavra Puxa Palavra: 121 XX1 111 X11X; Fora de Jogo / Edição Especial de Sábado: X21 22X X1X 1X1X; Grande Sábado: 221 XX1 o Desporto: X21 2X1 X11 XX2X; Bola Branca: 221 X11 X11 11X2; RR / Desporto: 121 X1X 11X 1211; Rádio Sports: 221 221 211 1111; Jornal de Santo

Tirso: X2X 111 1XX 1X2X; Voz do Ave: X21 X11 X11 1111; A Voz do Domingo: X21 111 111 11XX; Voz de Lamego: 221 211 X12 2X12; Panorama Desportivo: X2X 121 11X 1X2X; Pôr do Sol: 121 XX1 211 1X21; Horizonte: X21 111 1X1 1111; O Jornal de Felgueiras: X21 11X X1X 11XX; Notícias de Felgueiras: 221 XXX X1X X1XX; A Arte de Bem Madrug: 221 X11 21X X121; Jornal IX2: XX1 111 111 2221; Comércio de Leixões: 221 121 X11 122X; De Tudo um Pouco: X21 X11 111 XX2X; Jornal da Graça: 221 22X X1X 1222; Jornal de Notícias: 221 111 X11 122X; O Primeiro de Janeiro: 221 X11 111 X2X2; Quadrante Norte: 221 X11 X11 1X21; Repórter do Dia: 221 111 21X 1121; Resenha Desportiva: 221 1XX 2XX 11XX; Alvo Desportivo: 211 22X 11X 1222; Rádio Alvo: 2X1 X12 XXX 112X; Alvo: X21 XX1 X1X 112X; Alvo Suplemento: XX1 111 1X1 XX2X; A Voz dos Ridículos: 121 111 111 1X2X.

assim vai o
totobola

	R E S U M O			B O L A S (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Guimarães-Porto	14	26	33	2	4	6
2. Covilhã-Sporting	1	5	67	1	1	10
3. Benfica-Belenenses	68	5	0	11	1	1
4. Aves-Chaves	24	36	13	4	6	2
5. Penafiel-Braga	29	26	18	5	5	2
6. Salgueiros-Académica	50	20	3	8	3	1
7. Setúbal-Boavista	33	33	7	5	5	2
8. Portimonense-Marítimo	64	8	1	10	1	1
9. Varzim-Rio Ave	42	29	2	7	4	1
10. Gil Vicente-Fafe	43	24	6	7	4	1
11. A. Viseu-Águeda	36	21	16	6	4	2
12. Lusitano-Farense	17	14	42	3	2	7
13. Atlético-Montijo	27	28	18	4	5	3

(°) - Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
221 X11 1 ou X11 112X

XX - Os melhores avançados dos "43 magníficos"

Pedro Escartin

EFE/DL em exclusivo para Portugal

Analise agora de modo frio as condições físicas, técnicas e humanas daqueles que, dantes como agora, proporcionam no futebol o espectáculo que é sempre o golo: os avançados. Destruir no futebol é muito mais fácil do que criar. Por isso abundam os jogadores que, com o decorrer dos anos, passam de atacantes a médios ou de ambas as posições para a defesa. As marcações são feitas em cima, com dureza e isso nem sempre dentro das leis do futebol e do espírito desportivo.

Por isso, os homens-golo, que são neste momento na Europa o francês Platini, o mexicano Hugo Sanchez e o argentino Maradona, são os que têm os contratos mais caros, para além do facto de que o esforço, o desgaste e o perigo dão aos pontos de lança a maior percentagem de lugares da equipa, onde a defesa lateral tem a tarefa menos difícil.

Pelé: arte com eficácia

O brasileiro Pelé, uma das figuras máximas entre os «43 magníficos», foi um jogador genial até perto dos 40 anos.

Vi-o estreiar-se no Mundial da Suécia, em 1958. Fê-lo contra a URSS e bastaram-lhe 90 minutos de jogo para que fosse considerado uma figura máxima deste torneio, em que interveio em quatro jogos.

No Mundial do Chile, em 1962, participou apenas em dois jogos devido a lesão. Em Inglaterra, quatro anos depois, jogou o mesmo número de partidas, em consequência de uma entrada maldosa que o impossibilitou temporariamente de continuar a jogar. No Mundial do México, em 1970, disputou seis jogos. Total: 14 jogos.

Pelé tinha tudo: inteligência clara, sabia «jogar sem bola», desmarcar-se para a frente, um passe e um remate mortíferos. Os seus golos eram sempre diferentes e todos artísticos.

Pedro Virgílio Rocha, um dianteiro do Uruguai, esteve presente nos Mundiais de 1962, 1966, 1970 e 1974. Jogou um total de 10 partidas. Era um jogador duro, prático, com um tremendo remate de longe. As suas qualidades eram as clássicas do uruguaio: moral elevada e esquecimento do perigo. Em estilo, era a antítese de Pelé, sendo este o símbolo da arte.

Com o mesmo número de intervenções em Mundiais que Rocha está o alemão Uwe Seeler, que esteve nos torneios da Suécia (1958), do Chile (1962), de Inglaterra (1966) e do México (1970), quando era já veterano, uma espécie de «velho canhão» que apenas circulava pelo terreno de jogo.

Entre os «43 magníficos», cabe-lhe a honra de ser o que jogou maior número de encontros — 21 — nos quais marcou nove golos, o que lhe dá a sétima posição entre os marcadores dos Mundiais.

Três presenças em Mundiais

Entre os jogadores que esti-

veram em três Mundiais, começamos com Manuel dos Santos, «Garrincha», um génio do futebol, um extremo-direito superartístico e diferente dos outros. Jogou um total de 12 partidas nos torneios da Suécia, Chile e Inglaterra.

Tinha um estilo desconcertante e deslumbrante. Não direi que foi o melhor de quantos pude ver como extremos-direitos, mas a verdade é que tinha um estilo diferente. Não era um goleador, mas dava os golos a fazer aos outros. Maravilhoso.

Também Jairzinho, mais conhecido por Jair, não era vulgar. Era um extremo fino, muito hábil, que sabia jogar noutros postos.

Recordemos igualmente o brasileiro Rivelino, um extremo hábil, de grande ajuda no meio-campo, que interveio nos Mundiais do México — o seu auge —, da Alemanha e da Argentina, com um total de 15 jogos.

Hans Schaffer, extremo-esquerdo da Alemanha Federal, estreou-se no Mundial da Suí-



O grande Garrincha, dos melhores avançados brasileiros (e mundiais) de todos os tempos, que acabou os seus dias do modo lamentável que todos sabemos

ça em 1954, no qual reapareceu o futebol alemão depois da sanção que lhe foi imposta pela FIFA devido à guerra e em que foi campeão.

Schaffer era um furacão, a antítese de Garrincha, força sem arte que levava tudo à sua frente. Esteve também presente nos Mundiais da Suécia, em 1958, e do Chile, em 1962.

Disputou um total de 15 jogos.

Hans Haller, também alemão, revelou-se no Chile, para participar depois nos Mundiais de Inglaterra e do México. Era um «tanque» com ideias, ou seja, um jogador com força e inteligência. Era muito rápido, de grande mobilidade e desconcertante. anos, valor típico da escola alemã, futebol prático, no es-

tilo inconfundível dos representantes do bom futebol do seu país, combativo, de espírito incansável e aliando as suas características latino-americanas e algumas europeias.

E não se pode esquecer o inglês Finney, extremo-esquerdo nos Mundiais de 1950, no Brasil, de 1954, na Suíça, e de 1958, na Suécia. Era um jogador de forte físico, veloz, de grande força de remate com ambas as pernas e sem concessões ao lado artístico. Participou em sete jogos e fazia parte da impressionante linha dianteira britânica formada por Mathews, Mortensen, Lawton, Mannion e Finney, no lado esquerdo. Goleou a Itália em Turim, em 1948, no jogo em que fiz a minha última arbitragem.

São estes os homens mais importantes, em todas as categorias, de entre os que participaram até à data em Campeonatos Mundiais de futebol.

Mas, apar deles, há ainda outros nomes de relevo, com três presenças em Mundiais, como o de Helmut Schulz, do médio alemão Overath, dos húngaros Matrai e Sipos, dos búlgaros Kolev e Asparoukhov, dos suecos Helstrom, Nordquist e Larsson, dos mexicanos Raul Cardenas e Salvador Reyes, entre outros.

Seria injusto esquecer dois homens que, sem terem participado em três Mundiais, foram génios do futebol: Alfredo Di Stefano, o «todo o terreno» e jogador mais completo

Passou depois ao futebol italiano, onde se manteve vários

que conheci, e Johan Cruyff, um holandês genial que conquistou três Bolas de Ouro na Europa.

Duas equipas possíveis

Com estes jogadores que estiveram presentes em três ou mais Mundiais seria possível formar duas equipas imaginárias. Não se trata de fazer equipas com os melhores de todos os tempos e teve-se mais em conta a quantidade de torneios do que a qualidade, pelo que talvez haja omissões e que alguns jogadores estejam fora dos seus lugares habituais nas equipas.

Assim, essas equipas com uma formação de quatro-dois-quatro, seriam:

Seleção A:

Carbajal, México, 5 Mundiais

Djalma Santos, Brasil, 3

Schnellinger, RFA, 4

Moore, Inglaterra, 3

Nilton Santos, Brasil, 3

Beckenbauer, RFA, 3

Rocha, Uruguai, 4

Rivera, Itália, 4

Garrincha, Brasil, 3

Seeler, RFA, 4

Pelé, Brasil, 4

Seleção B:

Yashin, URSS, 3 Mundiais

Burginich, Itália, 3

Raul Cardenas, México, 3

Nordquist, Suécia, 3

Nottges, RFA, 3

Vogts, RFA, 3

Didi, Brasil, 3

Bobby Charlton, Inglaterra, 3

Finney, Inglaterra, 3

Kolev, Bulgária, 3

Mazzola, Itália, 3



À esquerda, com camisola escura, o fabuloso Platini, herói do último Europeu

USL/CGTP a pensar nos tempos livres

Actividades culturais e desportivas para milhares de trabalhadores

Por iniciativa da União dos Sindicatos de Lisboa/CGTP, estão em marcha várias actividades para ocupar os tempos livres dos trabalhadores, que devem mobilizar alguns milhares de pessoas para quem o desporto e a cultura são excelentes complementos do trabalho diário, quantas vezes rotineiro.

Assim, a USL/CGTP-IN, através do seu Departamento de Tempos Livres tem já programada a sua 1.ª Festa do Teatro, com o objectivo central de estimular o aparecimento de novos grupos amadores, assim como apoiar os já existentes, tentando conseguir com isso mais público para o teatro.

Experiências anteriores nesta área, e a dinâmica já criada em volta da iniciativa deste ano, indicam que a participação vai ultrapassar as mais optimistas expectativas.

Como forma de estar vivo e actualizada esta realização da USL/CGTP-IN assume-se como um dos mais importantes certames do Teatro no distrito de Lisboa criando à sua volta um entusiasmo que arrasta ainda mais gente para a criação e dinamização culturais. A importância desta característica na realização da

Festa do Teatro é, por de mais, evidente, funcionando até como escola viva, porque não amorta e sempre em constante mutação e criação.

Recorde-se que as participações de Lisboa nos Festivais Sindicais de Teatro de Amadores, da iniciativa da CGTP-IN, a decorrer de forma descentralizada em todos os Distritos do País de 2 em 2 anos e desde 1978, tem subido espectacularmente. Em 1984, o distrito contou com a presença activa de 40 grupos de Teatro Amador.

Esta 1.ª Festa de Teatro coincide com a fase de apuramento do V Festival Sindical de Teatro de Amadores da CGTP-IN que, como já se disse, decorre de forma descentralizada.

A dinamização desta Festa já começou, estendendo-se até Junho de 1986.

Na 2.ª quinzena de Janeiro

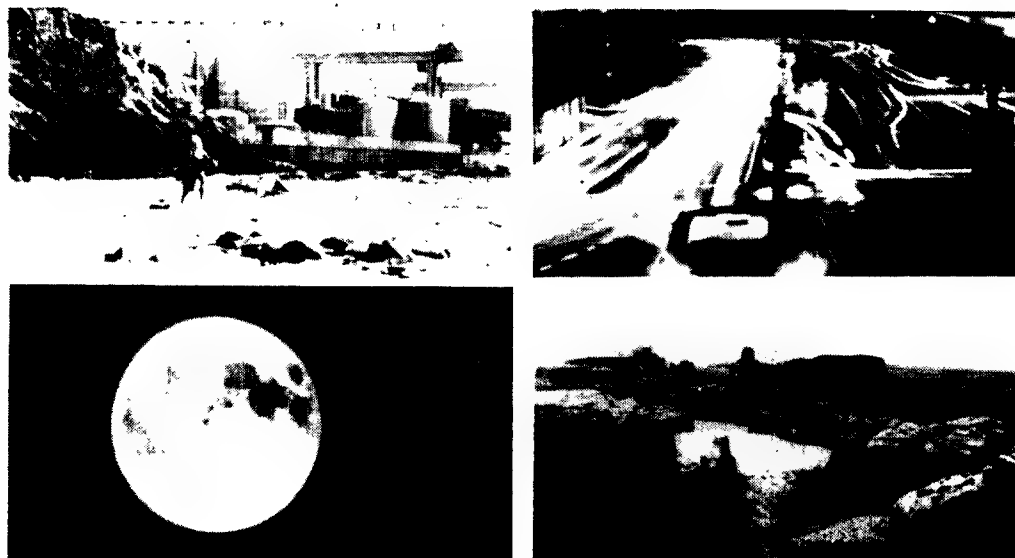
de 1986, realiza-se um encontro que debaterá problemas relativos à cultura e ao desporto dos trabalhadores, onde se porá em confronto a variedade de experiências e de ideias, que existem nestas matérias.

O Encontro dividir-se-á em três áreas.

A primeira debaterá o problema das novas tecnologias, nomeadamente no que se refere à redefinição da relação tempo de trabalho — tempo de lazer e o significado e importância da animação cultural e desportiva para o homem e a sociedade.

A segunda terá a haver com a realidade das práticas desportivas e artístico-culturais em Portugal, a intervenção e influência da cultura e desporto profissionais nas práticas amadoras e a situação da formação e ensino instituídos.

A terceira área fará balanços e perspectivas de trabalho e debaterá a organização sindical na empresa com troca de experiências entre os seus grupos culturais e desportivos e ainda estudará as relações do Movimento Sindical Unitário com o Estado



Amanhã, para si

“Koyaanisqatsi”, o filme sensação do Festival de Tróia

Prosseguindo uma já longa colaboração com o ABC-Cineclube de Lisboa, propomos-lhe que amanhã, às 18.45h, no Estúdio 444 vá ver Koyaanisqatsi, um filme americano que deixou uma fortíssima impressão no panorama do Festival de Tróia e que não se sabe se alguma vez será adquirido para o mercado português. Trata-se portanto, com alguma probabilidade, de uma sessão única — que convém não perder.

Em dialecto dos índios hopi, a palavra koyaanisqatsi significa vida em desequilíbrio. E é precisamente esse o tema deste filme de Godfrey Reggio.

De catástrofes ecológicas naturais às devastações operadas pela intervenção humana se alimenta esta fita, documentário cheio de efeitos vídeo, truagens, manipulações laboratoriais que, com a banda musical de Philip Glass, constitui como que um poema audiovisual, belíssimo e alucinante sobre a vida que agoniza ante a nossa quase indiferença.

Sem um único diálogo, assegurada a narrativa apenas com imagens e sons, Koyaanisqatsi é exemplo de um cinema tecnicamente elaboradíssimo, formalmente arrojado — fora dos códigos roneiros, habituais. Nos Estados Unidos foi distribuído por Francis Ford Coppola, sempre pronto a pegar num cinema diferente e talentoso e a catapultá-lo com o seu mítico prestígio. Em Portugal já

houve quem se mostrasse interessado em trazê-lo mas nada de definitivo está determinado.

A sessão de amanhã pode, portanto, ser uma oportunidade irrepetível para que o leitor veja esta fita incomum que, ainda por cima, lhe facultamos em condições financeiramente muito apetecíveis.

Para poder desfrutar dessas condições deve o leitor recortar o cupão que hoje, e amanhã, publicamos e seguir as instruções aí expressas.

Um filme inolvidável espera por si.

No espaço-Alvalade

“Duas margens:uma foz” com Nuno Gomes dos Santos

«Duas margens: uma foz» é o lema do espectáculo de Nuno Gomes dos Santos, marcado para sábado próximo, no espaço Alvalade.

Será um espectáculo sobre Lisboa — contou-nos Nuno Gomes dos Santos, sublinhando pretender marcar «um encontro de música urbana (de Lisboa) com música de outras características, de outra região».

Nuno será acompanhado, como já vem acontecendo há algum tempo, pelo grupo «Aguarela». A outra equipa, ou (conforme o lema) a outra margem estará a cargo do coral alentejano «Sociedade Filarmónica da Amadora».



Cinema para jovens em Palmela

Promovido pela Câmara Municipal de Palmela e organizado com a colaboração do Centro Cultural de Almada está a decorrer em Palmela o Ciclo de Cinema para a Juventude.

Os domínios da cultura e da arte são áreas privilegiadas para suscitar a participação da juventude, proporcionando-lhe uma ocupação saudável e criativa dos tempos livres.

Dentre as diversas formas de

expressão artística, o cinema assume particular relevo, dada a facilidade da sua expressão e a capacidade de simular a realidade, bem como proporcionar uma invulgar adesão e identificação do público ao seu universo e às mensagens que dele emanam.

Neste contexto, é da maior importância possibilitar o acesso dos jovens a filmes de qualidade que correspondam

aos seus interesses e motivações, favoreçam a formação da consciência crítica e simultaneamente a constituição de um público juvenil de cinema.

Assim, incluem este ciclo os seguintes filmes: 22 de Novembro — «As Vinhas da Ira»; 27 de Novembro — «Quimera do Ouro»; 29 de Novembro — «O Grande Ditador»; 6 de Dezembro — «Quimera do Ouro» e 13 de Dezembro — «Cerro-maior».

Festival de Música do Algarve

Prepara-se já a realização da 10.ª edição do «Festival Internacional de Música do Algarve», que decorrerá durante os meses de Maio e Junho do próximo ano e que será dedicado à música inglesa na comemoração dos 600 anos do Tratado Anglo-Luso. Assim haverá uma participação especial de orquestras, conjuntos e solistas da Grã-Bretanha, bem como da interpretação de obras de conhecidos compositores daquele país.

O mais importante mercado turístico algarvio vai ter assim uma destacada presença nesta iniciativa da Região de Turismo do Algarve, hoje já com vinculada presença nos festivais musicais da Europa.

Aliás, espera-se que no ano de 1986 o Festival Internacional de Música do Algarve seja admitido no seio da Associação Europeia de Festivais de Música, passando a membro efectivo no ano seguinte e integrando-se assim entre os 40 maiores festivais que correm na Europa.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo juízo de direito desta comarca na Acção Especial de Despejo pendente na segunda secção do primeiro juízo e registada com o n.º 5173/85 que José Manuel Martins Saragga move à Sociedade Têxtil Alcança Lda, com última residência conhecida na A.ª General Moutinho n.º 7 na Trafaria, foi designado o dia 16 de Janeiro de 1986 pelas 10 horas para a tentativa de conciliação, diligência esta para a qual a réfica notificada podendo fazer-se representar por advogado com poderes especiais para transigir. Fica ainda citada de que caso a tentativa de conciliação se frustre tem o prazo de dez dias, finda a dilatação de trinta dias, contestar, querendo, a reterida acção da qual fica duplicado à sua disposição na Secretaria deste Tribunal podendo reduzir em reconversão o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgue com direito, sob pena de ser condenado no pedido. Almada 29 de Novembro de 1985.

O JUÍZ DE DIREITO,
Mário Métra Torres Veiga
A ESCRIVÃO-ADJUNTA
Leontina Castro

-DL- — 5-12-85 — 1.ª Pub.

NO TEATRO DA TRINDADE I
de 19 NOV a 31 DEZ

FESTIVAL
GRUPO DE CAMPOLIDE
apolos
"Diário Popular"
Rádio Comercial

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

de 3 a 6 de Dez.

UM DOS MAIORES ÉXITOS DO TEATRO PORTUGUÊS DOS ÚLTIMOS ANOS

1383

de 7 a 11 de Dez.

RÉUS
E
JUIZES

— Gil Vicente — António José da Silva
— José Martins

Nas Caldas da Rainha

Grupo de Amigos do Museu de Cerâmica

Com vista a desenvolver actividades culturais, particularmente no domínio da cerâmica, bem como para promover o enriquecimento das colecções do Museu de Cerâmica das Caldas da Rainha e a sua divulgação, foi criado o «Grupo de Amigos do Museu de Cerâmica».

Da comissão instaladora fazem parte coleccionado-

res, industriais e técnicos do sector cerâmico, bem como artistas e personalidades da vida pública local, que deste modo vão participar mais intensamente no desenvolvimento do próprio Museu, o que coincide com o início da primeira fase das obras de beneficiação do edifício principal o que possibilitará a sua abertura ao público.

Os OTNI'S de Listopad

Carlos Porto

«DOCE INIMIGO», adaptação de um conto de Chaucer. **Dramaturgia:** Alexandre Leitão, José Artur Pestana e Jorge Listopad. **Encenação:** Jorge Listopad. **Assistência:** Clara Joana. **Música:** Telectu. **Cenografia:** Tomás Taveira. **Figurinos:** Nuno Carinhas. **Interpretação:** João Luís Simões, Paula Lima, Rogério Zambujal, Luís Costa e Castro, Maria João Mendes, Nuno Cortês, Teresa Mourato, João Nunes, Pedro Paiva, Ana Pestana, Isabel Simões, Ana Mafalda Freitas, Maria Helena Simões, Óscar Joaquim, Júlio Martin Fonseca, Ângela Pinto e José Artur Pestana. **Grupo de Teatro da Universidade Técnica. Estreia: Halley Hall (C.C. das Amoreiras), 15.11.1985 (19-11-1985).**

A par de espectáculos mais ou menos convencionais, mais ou menos académicos, Jorge Listopad tem inventado objectos teatrais não identificados (OTNI'S) que exprimem, com mais fidelidade, salvo erro, aquilo a que poderemos chamar a poética do artista, poética original e intransmissível que se descobre, por exemplo, em alguns dos minúsculos textos que JL publica nos Secos e Molhados do «Diário de Notícias».

No primeiro caso, temos, entre outros, «Platonov», de Tchekhov, no Maria Matos; «Porta Fechada» e «Os Sequestrados de Altona», de Sartre, respectivamente no Teatro da Graça e no São Luís; «Dança da Morte», de Strindberg, na Casa da Comédia; «O Anúncio a Maria», de Claudel, no D. Maria II; «Comédia à Moda Antiga», de Arbuzov, no Teatro Aberto. No segundo caso, espectáculos como «O Fim», de António Patrício, na Casa da Comédia; «Cogumelos», colagem de textos, pelo Teatro do Mundo; «Sopinhas de Mel», de Teresa Rita, e «Poe ou o Corvo», de Fiamma Hasse Pais Brandão, ambos na Sala Experimental do D. Maria II; «Leônio e Lena na Estalagem de Mirandolina», sobre as peças de Buchner e Goldoni, pelo grupo Teatro da Universidade Técnica.

Vejam os que distingue mais declaradamente estes espectáculos. Em primeiro lugar a escolha dos textos, o que pode implicar a descoberta de uma peça em termos da sua criação cénica: «O Fim», de António Patrício, que JL foi buscar ao total esquecimento, «Sopinhas de Mel», de Teresa Rita, ou «Poe...», de Fiamma H.P. Bran-

dão, textos difíceis, aparentemente indefensáveis sob o ponto de vista da sua transformação em espectáculo. Ou então, a construção ou reconstrução de um texto, tarefa que pode ter sido mais ou menos conseguida: menos, a meu ver, no caso da colagem «Os Cogumelos», mais no caso da estupenda invenção do cruzamento de Buchner e Goldoni, textos aparentemente tão fora um do outro, tão inaproximáveis, a que JL e os seus jovens colaboradores deram um tecido dramático extremamente forte.

Foi com este mesmo grupo, o da Universidade Técnica, que JL criou este novo espectáculo, depois de outras experiências que não vi.

A escolha de um texto, ou a sua recriação, portanto. Mas

também um espaço, que pode ser relativamente convencional embora trabalhado em termos não convencionais («O Fim», na Casa da Comédia, «Poe...», no D. Maria II); um espaço em mutação, como em «Os Cogumelos», no T. Vasco Santana, em que espectáculo e espectadores mudavam de lugar começando estes por passar junto dos camarins e acabando no átrio do teatro; um espaço não teatral, totalmente investido pelo espectáculo que o transnuda num espaço mágico, no melhor sentido da palavra (a Reitoria da U.T. com «Leônio e Lena/Mirandolina»); agora, no Halley Hall, um novo espaço polivalente, em que o principal elemento, nesta criação, é a relação entre o interior e o exterior: o interior em que se conta uma história de características medievais, o exterior, revelado por uma larga vidraça, com as luzes, os automóveis, as silhuetas de uma cidade moderna.

Outros elementos, naturalmente, distinguem estes trabalhos, elementos estéticos como esse focado relacionamento entre vários níveis criativos, o antigo e o moderno, o simples e o complexo, a superfície e o fundo.

Vejam os como neste último espectáculo, «Doce Inimigo», JL exprimiu a sua poética, de acordo com o que foi dito. Um texto-base não teatral, «O Conto

da Mulher de Bath», retirado dos célebres «Contos de Cantuária», articulado com breves passagens de Eugénio de Andrade, Anton Tchekhov e Marguerite Yourcenar; um texto que a dramaturgia e sobretudo a encenação transformaram num percurso teatralmente rico através duma sinalização ao mesmo tempo simples e compósita (um pequeno teatro que se apresenta com os seus actores e os seus espectadores, por exemplo); através do tratamento dos actores, os corpos, as vozes, os fatos, a articulação física (a composição dos gnomos, por exemplo); através da sinalização cénica do espaço: um saco de pedras que se transforma numa pedra de lavar roupa de onde escorre água, a prisão tecida pela própria tecelã, nela metida, tecendo como Penélope à espera do amado, para dar dois exemplos; através da música, da personalidade dos Telectu, que se articula belamente com o discurso do espectáculo.

É deste modo, sabidamente, que o espectáculo se organiza, sendo aparentemente desorganizado; se torna complexo, sendo aparentemente elementar; passa do real ao imaginário. O real de um lugar, o Centro Comercial das Amoreiras (com toda a carga negativa que tal implica) para um imaginário tão fortemente poético e teatral.

Se não são notáveis de invenção os elementos da cenografia de Tomás Taveira, são admiráveis os figurinos de Nuno Carinhas, como é a música dos Telectu, e sobretudo o trabalho tão sensível dos actores, dirigidos com tanta sensibilidade por JL.

Aos resultados obtidos não é indiferente o facto de haver um já razoavelmente longo trabalho do encenador com estes jovens actores. Só isso explica o rendimento obtido especialmente com Luís Costa e Castro, que narra cantando (excelente achado), Maria Helena Simões, Pedro Paiva, Rogério Zambujal, Teresa Mourato, Ângela Pinto, Maria João Mendes, Isabel Simões, e ainda muito especialmente com José Artur Pestana, uma criação sensacional. Ou, sobretudo, o conjunto dos intérpretes (que belas vozes!) e a articulação com o resto: a totalidade do espectáculo — um dos mais belos OTNI'S do seu principal responsável.



Três concertos do «Sexteto de Jazz de Lisboa»

O Sexteto de Jazz de Lisboa vai dar três concertos na área de Lisboa. Hoje e amanhã, às 21.30, no Forum Picoas e dia 8, às 17 horas, na Biblioteca Operária de Oeiras.

Integram o «Sexteto de Jazz de Lisboa» os seguintes músicos: Tomás Pimentel — trompete e fliscórnio; Edgar Caramelo — saxofone alto; Carlos Martins — saxofone tenor; Mário Laginha — piano; Pedro Barreiros — contrabaixo; Mário Barreiros — bateria.

Formado em Agosto de 1984 o «Sexteto de Jazz de Lisboa» traduziu a necessidade de dotar o jazz português com um grupo capaz de explorar a escrita jazzística para três vozes melódicas e permitir assim aos seus elementos um maior leque de possibilidades ao nível da composição.

Para além disso, o «Sexteto de Jazz de Lisboa» fica também apto a praticar o rico repertório clássico do jazz escrito para este tipo de formações.

A linguagem do grupo é fortemente influenciada pela moderna tradição do jazz afro-americano com as suas características de balanço, energia ou caloroso lirismo.

O repertório do «Sexteto de Jazz de Lisboa», se bem que incluindo alguns temas «standard» do jazz, é fundamentalmente constituído por originais, na sua maioria de Tomás Pimentel ou Mário Laginha, e neles se fundem as possibilidades composicionais dos autores, com a livre expressão do talento solístico individual dos diversos componentes do grupo, alguns dos melhores músicos de jazz portugueses.

Desde a sua constituição, o «Sexteto» deu inúmeros concertos. Os pontos mais altos da sua actividade, este ano, foram as participações no 15.º Festival de Jazz de Cascais, no 3.º Festival de Jazz de Macau e finalmente a sua colocação, em 10.º lugar, no concurso para jovens, que anualmente promove a Federação Internacional de Jazz e no qual participaram centenas de grupos de todo o mundo.

Pintores cosmonautas expõem em Paris

Uma exposição conjunta de obras de dois pintores cosmonautas, o norte-americano Alan Bean e o soviético Alexei Leonov — o primeiro homem a sair da nave para o vazio cósmico — decorreu recentemente em Paris.

A mostra, realizada no âmbito do encontro da Associação de Participantes em Voos Espaciais, efectuado na capital francesa, incluiu trabalhos baseados nas impressões colhidas no cosmos assim como retratos de vários cosmonautas.

Alan Bean fez o seu primeiro voo espacial a bordo da «Apollo 12» entre 14 e 24 de Novembro de 1969.

Alexei Leonov foi lançado pela primeira vez no cosmos a 18 de Março de 1964. Durante essa viagem, ligado por um tubo flexível à «Voskod 2», conservou-se em céu aberto durante 12 minutos. Na segunda missão participou no voo conjunto soviético-americano «Soyuz-Apollo», que decorreu de 15 a 21 de Julho de 1975. Durante os dois dias que as naves se mantiveram acopladas fez o esboço do retrato dos seus colegas americanos Thomas Stafford, Vance Brand e Donald Sleyton.

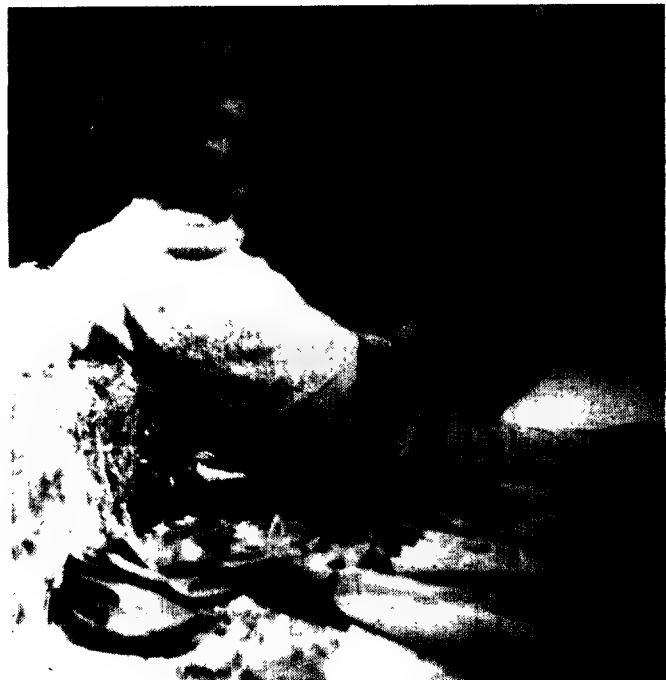
Leonov, que se dedica à pintura desde a juventude frequentou, durante o serviço militar, um curso nocturno da Academia das Belas Artes de Riga. O seu primeiro trabalho com um tema espacial data de 1961 quando fez um desenho da Terra, publicado no «Pravda», de acordo com as descrições de Yuri Gagarine.

Quando da sua primeira missão no espaço, o cosmonauta soviético realizou vários esboços da paisagem cósmica que serviram de tema às obras «O Diadema do Sol», «Saída para o Espaço» e «Voskod sobre o Planeta», as primeiras que realizou depois da sua experiência espacial. Admitido na União dos Pintores da URSS, começou a expor em diversas cidades da URSS e no estrangeiro, nomeadamente nos EUA, França, Checoslováquia, Polónia e Hungria.

«As sensações produzidas pela estadia no espaço fazem nascer no homem o artista, levando-o a ver sob um aspecto absolutamente novo», diz Leonov que sublinha, ao referir-se ao seu trabalho como artista:

«Tive sorte. Fui o primeiro a pintar o espaço cósmico tal como ele se mostra. Preparei-me para isso durante muito tempo como pintor e como investigador. Tinha um objectivo concreto: reproduzir as gamas cromáticas do horizonte da Terra nas diferentes fases do dia: ao nascer do Sol, ao meio-dia e ao crepúsculo.»

Segundo Leonov, muitos artistas que tentaram pintar o espaço sem nunca o terem observado cometeram, frequentemente, um erro — representaram as paisagens cósmicas através de uma bruma. «O espaço é o vazio por isso a bruma é impossível. São as dimensões que aí determinam a profundidade e nada mais.



Centro de Estudos de Antropologia Social

Uma conferência do professor Luc de Heusch

Na Aula Magna do ISCTE, (Av. das Forças Armadas), na 6.ª-feira, dia 6 de Dezembro, o professor Luc De Heusch fará uma conferência subordinada ao tema: «Mito e Epopeia na África Central». O professor Luc De Heusch deslocou-se a Portugal a convite do Museu de Etnologia e a sua visita insere-se nos actos de inauguração desta instituição.

O professor Luc De Heusch realizou o filme sobre os Dogon

que foi apresentado, no dia 4, no Museu de Etnologia. Amanhã dia 5, no Museu de Etnologia, realiza uma conferência intitulada: «Uma visão de antropológico sobre a arte africana».

Luc De Heusch nasceu em Bruxelas em 1927. Professor de Etnologia na «Universidade Livre» de Bruxelas, distinguiu-se pelos seus trabalhos essencialmente consagrados à África banta: «Essais sur le symbo-

lisme de l'inceste royal en Afrique» (1958); «Le Rwanda et la civilisation interlacustre» (1966); «Pourquoi l'épouse» (1971); «Le Roi ivre ou l'origine de l'État» (1972); «Rois nés d'un cœur de vache» (1982); «Sacrifice in Africa» (1985).

Mas a sua actividade como cineasta merece também uma referência. Entre as curtas metragens que produziu contam-se: «Magritte ou la leçon des

choses» (1960); «Alechinsky d'après nature» (1970). Uma longa metragem, «Jeudi on chantera comme dimanche», data de 1966. Fundou, com Jean Rouch, o Comité Internacional do Filme Etnográfico e Sociológico e publicou em 1962 um estudo sob o título «Cinéma et sciences sociales».

Realizou recentemente um filme etnográfico que evoca os inícios da missão Griaule entre os Dogons do Mali.



Uma cena do filme *Siberiada, 2.ª parte*, realizado por Andrei M. Kontchalovski. Prémio Especial do Júri do XXXII Festival de Cinema de Cannes. Em exibição no Estúdio 444 (até ao Natal).

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 2
A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Alfa Club
T. 763319
UM DOMINGO DIFERENTE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Amoreiras 2
O VOO DA ÁGUIA
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Amoreiras 3
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Avila
— T. 539930
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópico
— T. 795093
HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358
CANDIDATOS DO PORNO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
AMERICAN GIGOLO
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MANSÃO DOS MORTOS VIVOS
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
A VINGADORA DE MING
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
O HOMEM QUE SABIA DE MAIS
18.30
A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES

Cine 222
— T. 579460
QUE GRANDE CEGADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O ESPÍO IMPLACÁVEL
24.00 h
(Int. 13 anos)

Cine Portela
— T. 2524761
AMOR É MÚSICA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Anusha
O FIO DA NAVALHA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Estúdio Sheza
MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
Os gansos selvagens contra atacam
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
REQUIEM PARA UMA MULHER
(int. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
O SENTIDO DA VIDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
SIBERÍADA — 1.ª Parte
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 2.ª parte
21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145103
REUBEN, REUBEN — VIDA DE ARTISTA
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 1
A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 2
A REVOLTA DOS MARADOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Póreas
JAZZ SINGER
(n acons. 13 anos)
19 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859
OS GANSOS SELVAGENS CONTRA-ATACAM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134
SILVESTER
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162
AS NOITES DE CHINA BLUE
(para maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 1
ANATOMIA DUMA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2
AS NOITES DE CHINA BLUE
(para maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
AMANTES — LOVE STREAMS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
UM DOMINGO DIFERENTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
«THE COTTON CLUB»
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
21.30 h

Odeon
— T. 326283
AMANDO E RINDO
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
PROSTITUIÇÃO E DROGA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathe
— 821933
A AGENTE EM NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
PACIO INFERNAL
(maiores 16 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305
ATOR, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Sala 2
CONSTANCE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h
48 HORAS
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 3
AMANTES — LOVE STREAMS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 4
A LUA NA VALETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FESTIVAL ROCKY DE TERROR
(maiores 18 anos)
24.00 h

N.G.O.L.A
OS RAPAZES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
AMOR É MÚSICA — (ELECTRIC DREAMS)
15.30 e 21.30 h

Roma
T. 889192
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Roxy
T. 548560
CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
007-ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
A PROMETIDA (THE BRIDE)
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Turim
T. 706666
OS AMANTES DE MARIA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Vox
T. 880808
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
A MALDIÇÃO DA MANSÃO SOMBRIA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30h

Zodiaco
— T. 570151
ILHA AZUL
(não acons. men. 13 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
FORÇA POR FORÇA
24.00 h

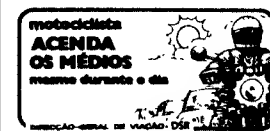
Linha de Sintra
AMADORA — Cinestúdio
«Garçon, um homem apaixonado», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido
«História interminável», às 15.30 e 21.15 (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia
«Rambo — A Vingança do Herói», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores
«Atlantic City USA», às 15 e 21.30 h (int. 13 anos).

Linha de Cascais
CASINO ESTORIL — «Os filhos da Terra», às 17.00 e 21.15 h (maiores 18 anos)
ALGÊS — Cinema 2000
«007 — Alvo em movimento», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SPORT ALGÊS E DAFUNDO — «Paris, Texas», às 21.30 (maiores 12 anos).

Outra Banda
ALMADA — Academia
«Rambo — A Vingança do Herói», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível
«American Pop», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).



“não deite
papeis no chão



Lisboa — PERMANENTE

—ALAMEDA-CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T. 41269); AREIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BAIXA: Cortez, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); BOA-HORA: Sepol, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); CHAFARIZ DE DENTRO: Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); ESTRELA: Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339); FEIRA POPULAR: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); LUZ - 2.ª CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); OLIVAIS SUL: Higiene, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); RATO: Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); XABREGAS -MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALVALADE

—ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); AREIRO -APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); BAIRO ALTO: Gonçalves, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); BENFICA: União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); CAMPO DE OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 258-A (T. 686176); INTENDENTE: Intendente, L. Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto, R. Presidente Amaga, 39 (T. 667460); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); BRANDOA -AMADORA: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVIA BASTO: Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — AL-

MADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; COSTA DE CAPARICA: Higiénica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Con-solado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; CORROIOS: Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; AMORA: Matos Lopes, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; SELXAL: Alves Velho, L. de Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; MONTIJO: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T.

239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; SETUBAL: Moreira Martins, P. Olga Sarmiento, 14 (T. 26051). Permanente; Isabel, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — AL-

GÊS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; LINDA-A-VELHA: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, R/c (T. 2441616). Até às 22 horas; AL-CABIDECHÉ: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; OELRAS: Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Artur Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; Q.SASSEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vi-venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; CASCAIS: Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170-281419). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-

DORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; Helenica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; DAMAIA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; QUELUZ: Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; CAMARATE: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; CA-CÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; MEM MARTINS: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; SINTRA: Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24, Estefânia (T. 9230058). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias —

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; SACA-VEM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

Coimbra — SITÁLIA, L. da

Sé Velha, 13-14 (T. 23234); SANTA CRUZ, R. das Padeiras, 94 (T. 23569); SÃO MARTINHO, São Martinho do Bispo (T. 812425).

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
«PÁSCOA» de August Strindberg. Encenação de: Luís Miguel Cintra. Cenografia de figurinos de Cristina Reis.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09
De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00
«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969
De terça a sábado, às 21.45
Aos domingos às 16.00
«TU E EU», de Friedrich Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Angelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97
Todos os dias às 21.30; quintas, sextas e sábados às 16.00; domingos às 17.30; dia de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

«CIRCO DE NATAL», Rola-rola, mula cómica, gatos pretos, pombos em liberdade, barristas, malabaristas, ilusionismo, palhaços, faz-todos e elefantes

Teatro Municipal de S. Luis

R. António Maria Cardoso — Tel. 20 21 10
Companhia de Dança de Lisboa
Direcção artística de Rui Horta.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armada.

III — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira — Tel. 63 99 74
Sábado às 16.00

«O CANTEIRO VAIDOSO»
Domingos e feriados às 16.00

«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE DE EL-REI TADINHO»

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV
— Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00

«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA», de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade
— Tel. 320000

De 3 a 6 de Dezembro

Companhia do Teatro de Almada
Festival do Grupo de Campolide
«1383» de Fernão Lopes e Virgílio Martinho. Encenação de Joaquim Beuete.

Circo Chen

Praça de Toiros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30; quintas e sábados às 16.00; domingos e feriados às 15.00 e às 17.30

«O PRIMEIRO CIRCO DA EUROPA» com a grande atracção mundial Família Zambo.

Teatro do Século

R. do Século, 41

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.30.

«EMBALAGEM PERDIDA» de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

Feira Popular de Lisboa

CIRCO PAQUITO CARDINAL

Todos os dias às 21.30, domingos às 17.30

Comuna

P. de Espanha
— Tel. 72 08 18

De terça a sábado às 21.30
Domingos às 17.00

«AMADIS», de Abel Neves. Encenação João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, e Paulo Ferreira.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varella Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Maria Matos

Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07

A REVISTA À PORTUGUESA

1.ª parte 1910 a 1945

De 3.ª a sábado às 21.45, aos sábados também às 16, domingos só às 16.

Escolha de textos e cooperação literária de Joaquim Pessoa, com Aida Baptista, Vítor Rosado, Margarida Carpinteiro, Maria da Graça, Vitorino, Hercinda d'Almeida, Rui de Sá, José Raposo, Gabriel Pais, Jorge Trincineiras, Sílvia Pleno e o Grupo de Bailado Olissipo.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo às 16.30

O «Grupo Fernando Pessoa»

Em «CENA IMPOSSÍVEL OU RITMO-RI-RIMA»

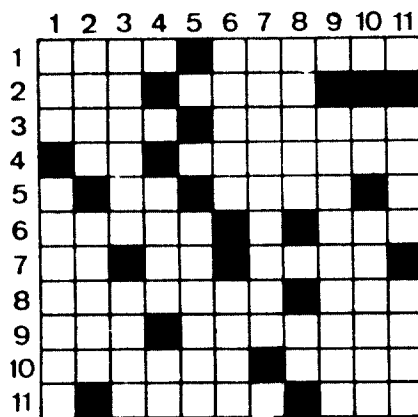
de E. Mello e Castro com Mónica Lapa, Michel de Roubaix, Mizé e João d'Ávila. Estilista: Ana Salzar.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14439

HORIZONTAIS:

- Miseria. Cidade da Venezuela.
- Ave pernaltia. Espécie de altar provisiono nos templos indianos.
- Supremo sacerdote entre os bonzos. Pastora de gado.
- Ruténio (s.q.) Acabar.
- Centro e um em romano. Oportunidade.
- Adicionar. Cólera.
- Post Scriptum. Moderato. Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte.
- Veda. Falda.
- Rata. Uniria pelo casamento.
- Todo o corpo que existe no espaço. Remara para trás.
- Atraver-se. Anel.



VERTICAIS:

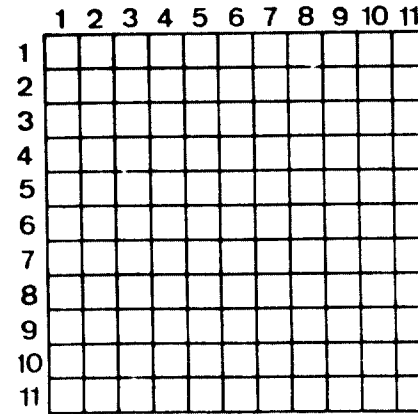
- Executou. Aguardar
- Cabla que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria. Restos mortais
- Variedade de mosquito (Bras). Discipulo de São Paulo.
- Leito. Ruténio (s.q.)
- Grunhidos.
- Executem. Morada.
- Efeminarias.
- Tanque onde se espremem frutos. Antes de Cristo.
- Temaria.
- Nota musical. Ter raiva.
- Rã (pop). Ilha do Pequeno Belt.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o proverbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 15599

HORIZONTAIS:

- Escudela. Jovens.
- Estimar. Estacione.
- Rio de Portugal. Pequeno simio do Brasil. Alumínio (s.q.)
- Copos em forma de taças. Tempera com sal.
- Içar. Apellido.
- Tomara as cores do Arco-Íris.
- Antes de Cristo. Feche as asas para descer mais depressa. Clima.
- Tépida. Acrescentara.
- Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e na América fermentando arroz. Curam.
- Ruim. Cidade de Itália.
- Desejais. Unes pelo casamento.



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Vila do Conde. Desejara.
- Plantio de amieiros. Coragem.
- Rachai. Ramada.
- Grego (abrev). Extraí.
- Abreviatura de Santíssimo. Autores.
- Nota musical. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- Carta de jogar. Carnaveiras.
- Abreviatura que se usa em música. Pusera longe.
- Aqui. Liga. Enguias.
- Oráculo. Em má hora (ant).
- Cadeiras de braços (ant). Ramadas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14438

HORIZONTAIS:

- Tas. NÃO. CCC.
- Atar Uro HA.
- Remar Arpas.
- Dao Errai.
- Eva. DIA SEM.
- Sem. Iru.
- Fia. Arc.
- Afirm. Oba. Om.
- Luto. Carepa.
- Ullano. Dama.
- Nomes. Aia.

VERTICAIS:

- TARDE. Falun.
- Ateava. Fulo.
- Samoa Fitam.
- Rã. Simone.
- Rédea. Os.
- Au Rim. Oc.
- Orara. Abada.
- Ora. Abai.
- Pista. Ema.
- Chá. Europa.
- Casem. Ema.

PROVERBIO: Não há dia sem tarde.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15598

HORIZONTAIS:

- Missuri.
- Ob. Farias.
- Ias. Alastra.
- Vias. DL.
- Al. Amo. Asas.
- Ag. Ar.
- Um. Cremes.
- Na. Anata.
- Tal. Lassa. Ar.
- Amavas. Lati.
- Minaras. Roa.

VERTICAIS:

- Goiva. Untam.
- Bailam. Ami.
- Sa. An.
- If. Sa. Calva.
- Sia. Mor. Aar.
- Saldo. Ssa.
- Ural. Amas.
- Ris. Arenal.
- Iates. Sa. Ar.
- Sr. Al. Tato.
- Ais. Faria.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Noites de luar; 23.30: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.00: Sinfonia, n.º 25, em sol menor, KV 183, de Mozart; 15.30: Solos de piano; 16.00: Música do século XX; 16.45: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.20: Música de concerto; 18.00: Missa «A eterna Christi Munera», de Palestrina; 18.40: Os grandes intérpretes; 19.25: 6 danças, de Praetorius; 19.40: Quinteto, com piano, op. 5, de Sinding; 20.20: Passacalle, do 4.º tom e gallardas, do 1.º tom; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música ou músicos portugueses; 21.30: A ópera «La Bohème», de Puccini; 23.45: Solos instrumentais; 00.25: Canções op. 33, de Johannes Brahms; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Som de retomo; 20.00: Conta corrente; 21.00: Musical; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.00: Vigésima quarta hora; 01.00: Peça o que quiser; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 17.00: Pé-de-vento; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em Órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Ré maior; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do torço; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Especial corrida; 23.00: A hora é esta; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional
(Braga, Porto, Lisboa e Évora)

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Noticiário regional; 18.30: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo (97,4 MHz)

14.00: Cem mais; 19.30: Transmissão do torço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Vista alegre; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «As Aventuras de Marco Polo» e «Calimero».

18.35 — Notícias

18.50 — Curso de Inglês

«Follow Me»

19.20 — Desporto - Reportagem

19.55 — O Livro Grande de Petete

«O Cautchu»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor

Alfredo explica a Luís Carlos e a Cláudia que Lipe sofre uma grave insuficiência cardíaca desde a infância, em consequência de uma febre reumática mal curada.

Muriel discute com Patrícia na presença de Guilherme e acusa-a de pretender casar com um marido rico agora que Renata e ela própria estão em má situação financeira.

Guilherme consola Patrícia, que chora.

Lipe concorda em submeter-se a um exame ao coração.

Entretanto, Guilherme procura reconciliar-se com Muriel, enquanto Patrícia o procura na revista «Stampa» onde é agressivamente recebida por Estelinha.

21.30 — Crime, Disse Ela

(12.º episódio): Uma antiga estrela da Broadway, há muitos anos retirada dos palcos, prepara, juntamente com os seus filhos, Patti e Barry, o seu regresso ao mundo do espectáculo. Jessica Fletcher é convidada pelo sobrinho, Grady, a assistir a alguns ensaios da companhia, da qual ele é o contabilista. Só que, após um cansativo ensaio, Patti é atacada e ferida gravemente. Mais tarde, é a vez de sua mãe, Rita Bristol, sofrer um atentado. Intrigada, e apesar de nem sempre contar com a colaboração da polícia, Jessica acaba por descobrir que o criminoso é um fracassado actor que agiu com o consentimento e colaboração de Barry, apesar das vítimas serem a sua mãe e irmã...



«Marco Polo» continua no Tempo dos Mais Novos

22.30 — Panorama

«Refugiados na América Latina»

23.25 — Último Jornal



19.30 — Desenhos Animados

«O Homem de Plástico»

19.55 — Conheça Melhor

«Reservas Naturais»: A distribuição do equilíbrio ecológico é uma realidade em muitos países do mundo. São necessárias medidas urgentes para combater tal descabro a garantir a continuação de muitas espécies animais e vegetais.

Iremos ver, neste programa, imagens de reservas naturais existentes na Checoslováquia e que são uma resposta à necessidade cada vez mais premente de o homem estar em contacto com a natureza.

20.20 — Horizontes de Glória

(7.º episódio): O coronel Raynor vê-se colocado numa situação embaraçosa quando tem de ir dar o seu testemunho sobre a segurança de um novo avião desenhado por um dos seus maiores amigos...

Intérpretes: Craig T. Nelson, Cindy Pickett, Elizabeth Shue, David Hollander, Gabriel Damon. Realização: Georg Stanford Brown.

21.10 — Da... Música

«Concerto para a Paz de Hiroshima»: Transmissão da Ópera de Viena; Repertório: Requim de Hiroshima, de Fumiko Kojiba; Maestro: Eiji Oue; — Concerto de violino K 219, de Mozart; Maestro: Eiji Oue; Solista: Midori; — Caprice para violino N.º 1, de Paganini. Interpretado por Midori; — Sinfonia N.º 3 «Kaddish», de Leonard Bernstein. Maestro: Leonard Bernstein; Soprano: Barbara Hendricks; Narrador: Michael Wagner; Coro da Juventude de Viena.

23.05 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Documentário
19.30 — O Mar e a Terra
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.15 — Europa...
21.45 — Duarte & C.ª
22.40 — Televisão — A caixa que mudou o Mundo
23.45 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Medicinas Alternativas
20.30 — Godard 6x2
21.30 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite



«Horizontes de Glória»: mais um episódio na RTP 2

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B - R. de Macau, 4-1.ª LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
SPECTRUM 48K
FABRICO INGLÊS
20 900\$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Video)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1 21.15 Crime, Disse Ela
RTP2 20.30 Horizontes de Glória

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

20.35 - Louco Amor



MARÉS DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
08.18 3,50 m	01.39 1,80 m	BRAGANÇA	7º
21.11 3,30 m	14.33 1,70 m	VIANA DO CASTELO	12º
		VILA REAL	8º
		PORTO	13º
		COIMBRA	11º
		CABO CARVOEIRO	15º
		CASTELO BRANCO	11º
		PORTALEGRE	9º
		LISBOA	14º
		ÉVORA	10º
		BEJA	11º
		FARO	16º
		SAGRES	16º
		PONTA DELGADA	14º
		FUNCHAL	17º

Sena em julgamento no tribunal do Fundão

A utilização do último verso do poema de Jorge Sena, *No País dos Sacanas*, numa crónica sobre a retirada de benefícios da Caixa Nacional de Pensões a um trabalhador da Covilhã levou a julgamento o chefe da Redacção do *Jornal do Fundão*, Fernando Paulouro Neves.

O caso passou-se em Maio de 83. O jornal fora alertado pelo Sindicato dos Escritórios do Distrito de Castelo Branco para um postal recebido por um beneficiário da Caixa de que lhe iam ser retirados os benefícios a que tinha direito por razões então não suficientemente claras. Em crónica assinada pelo chefe da Redacção, o jornalista Fernando Paulouro, hoje cabeça de lista da APU candidata à Câmara Municipal do Fundão, verberava-se o funcionamento dos serviços da Caixa de que já havia no jornal muitas queixas anteriores.

A crónica terminava com o verso de Jorge Sena *que adianta dizer-se que é um país de sacanas?*, mas o presidente da Caixa não gostou, movendo um processo por abuso da liberdade de Imprensa, contra o jornalista que o subscrevia.

O processo tem amanhã no Tribunal do Fundão a sua terceira audiência tendo Fernando Paulouro Neves arrolado como testemunhas abonatórias o presidente do Sindicato dos Escritórios, o deputado do PRD José Carlos de Vasconcelos, os jornalistas Daniel Reis, do *«Diário de Lisboa»*, e João Fonseca, da delegação de Coimbra do *«Diário de Notícias»*, o director do Museu de Castelo Branco, António Salvado, e o director do Parque Natural da Serra da Estrela, Alberto Martinho.

Na audiência anterior, que suscitou grande expectativa no Fundão, foi esmiuçado o poema de Jorge Sena e o seu enquadramento como crítica contundente ao funcionamento das instituições portuguesas da época (1973), poema aliás que o autor da queixa confessou desconhecer.

O juiz do processo é o dr. Gaito das Neves e o delegado do Ministério Público o dr. João Nabais. Fernando Paulouro Neves está a ser defendido pelo dr. António Gascão.

Catenárias deixaram Lisboa praticamente sem comboios

Os utentes das linhas ferroviárias de Cascais e de Sintra voltaram a ser afectados esta manhã por atrasos consideráveis nos comboios, devido a avarias nas catenárias respectivas, e se no primeiro caso a circulação ficou normalizada, por volta das dez 10 horas, no segundo os trabalhos não deverão estar concluídos antes das 14 e 30.

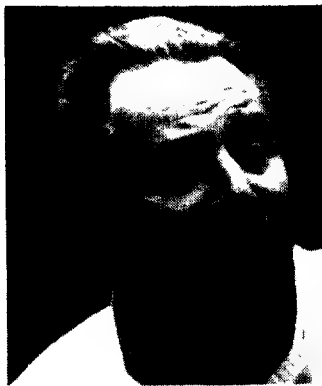
De acordo com um porta-voz da CP, a avaria na Linha de Cascais, ocorrida às 7 e 30 entre as estações de Paço d'Arcos e Oeiras, ficou a dever-se a razões climáticas (chuva não muito intensa e a salinidade característica da zona levaram à destruição de uma peça de aperto). Já na Linha de Sintra a avaria, detectada pelas 8 e 30 entre a Amadora e Queluz, teve origem na danificação da catenária pelo pantógrafo.

Raposo e Melo: colaboração para combate ao crime

Realizou-se ontem à tarde nas instalações da Polícia Judiciária à Rua Gomes Freire em Lisboa uma reunião em que estiveram presentes os ministros da Justiça, da Administração Interna, o procurador-geral da República, o secretário de Estado da Administração Interna.

Segundo uma nota hoje distribuída aos órgãos da Comunicação Social, «no encontro foram expostas as mais flagrantes carências da corporação — em especial no domínio dos recursos humanos e materiais — sugeridos os meios de as colmatar, bem como analisadas as melhores formas de colaboração, dentro da legalidade vigente, na prevenção da delinquência e no combate à criminalidade».

D/E/C/A/R/A/S/



JACINTO RAMOS dirige o Teatro de Ensaio Transmontano, que estreia brevemente a *«Farsa de Inês Pereira»*, de Gil Vicente, nas novas instalações em Vila Real. Este grupo conta agora com as colaborações de Adelaide João e António Évora, para além dos actores Glória de Sousa, Victor Costa, Joaquim de Barros, Tito Valério, Moisés Vieira, Castelo Branco, Lena Leitão, Manuela Mesquita, António Manso, Matos Beleza, Gracinda Marques e Augusto Miranda.

ISABEL DO CARMO e Carlos Antunes estão entre os réus, acusados da autoria de assaltos a bancos, que deverão comparecer, no dia 19 de Fevereiro, a uma audiência marcada pelo 1.º juízo Criminal do Tribunal de S. João Novo, no Porto. Trata-se de um adiamento, porquanto ontem, no referido Tribunal, dos 14 réus apenas se apresentaram quatro, entre os quais Carlos Antunes, tendo ainda faltado 140 testemunhas e declarantes.

LIA GAMA vai regressar ao palco, colaborando com o Teatro Ibérico na representação de *«Bodas de Sangue»*, com que o agrupamento de Xabregas inicia as



suas homenagens a Federico Garcia Lorca. Lia Gama, afastada faz algum tempo das lides teatrais, fez entretanto cinema, telenovela, além de espectáculos de café-concerto, como cantora. Em *«Bodas de Sangue»*, o director do TI, Blanco Gil, conta ainda com a colaboração de Alexandre Melo, Jorge Sousa Costa, Manuela Cassola, Amélia Varejão, entre outros.

MÁRIO MONIZ PEREIRA tornou-se no primeiro conselheiro da Universidade Técnica de Lisboa a ser indicado pelo Instituto Superior de Educação Física (ISEF), uma das suas escolas. Moniz Pereira, nome indissociável da que já se convencionou chamar «escola portuguesa de fundo», está também intimamente ligado aos maiores êxitos dos atletas olímpicos Carlos Lopes e Fernando Mamede, entre outros. Técnico nacional de voleibol e atletismo, Moniz Pereira, que se formou no antigo Instituto Nacional de Educação Física (INEF) em 1945, tem integrado desde 1948 todas as representações portuguesas em jogos olímpicos e foi professor do INEF durante 23 anos.

JORGE AMADO: um filme baseado no seu livro *«Jubiabá»* começou a ser rodado na Baía, no âmbito do acordo cultural franco-brasileiro. A película, que custará aproximadamente um milhão de dólares, é realizada por Nelson Pereira dos Santos e deverá ser exibida durante o segundo semestre de 1986. Escrito há 50 anos, *«Jubiabá»* conta a história da discriminação racial e social no estado da Bahia. O livro pertence à primeira etapa de Jorge Amado, quando militava no Partido Comunista.



JACK LANG e Jean-Pierre Chevènement, respectivamente ministros da Cultura e da Educação de França, assistem sábado, em Paris, à antestreia do filme de Manoel de Oliveira *«Le Soulier de Satin»* anunciou o produtor do filme. No domingo o filme será estreado em versão integral, simultaneamente em três salas de Paris, sendo a primeira vez que um filme português estreia nos circuitos internacionais. *«Le Soulier de Satin»* esteve presente no último festival internacional de Cannes, na selecção oficial e no último Festival de Veneza, onde foi galardoado com um leão de ouro especial.

Governo discute salários em atraso e prestações familiares

O Conselho de Ministros discute hoje três propostas com soluções alternativas para o problema dos salários em atraso e uma sobre o aumento das prestações familiares — disse à Anop uma fonte oficial.

Sobre o aumento das prestações familiares, a mesma fonte disse que no caso do abono de família o acréscimo será superior a um terço do seu actual valor.

A mesma fonte disse que as restantes prestações familiares terão aumentos entre os 22 e os 25 por cento.

O aumento das prestações familiares, entre as quais o abono de família, vigorará a partir de 1 de Janeiro — precisou.

O ministro do Trabalho afirmou em recente entrevista que estava em estudo a possibilidade de decidir um aumento mais elevado do que o habitual do abono de família para compensar o facto de não ter entrado em vigor em Outubro, data em que o actual Governo ainda não tomara posse.

O abono de família, que em 1974 cobria 54,8 por cento das despesas de alimentação de uma criança com um ano, não representa hoje mais de 17 por cento daquelas despesas — afirma um estudo sindical a que a Anop teve acesso.

O documento revela que entre 1973 e 1984, período em que os preços aumentaram quase 880 por cento, o abono de família cresceu 312,5 por cento, passando de 160 para 660 escudos.

Quanto aos salários em atraso e segundo um levantamento da CGTP, feito em Janeiro, Junho e Setembro deste ano, cerca de 110 mil trabalhadores de cerca de 750 empresas de 14 sectores estavam com salários em atraso, 70 por cento dos quais nos distritos de Lisboa, Porto, Setúbal, Aveiro, Santarém e Portalegre.

O montante da dívida dos salários em atraso ronda actualmente os 15 milhões de contos.

Entretanto, o Conselho Nacional da CGTP rejeitou ontem «soluções governamentais ou parlamentares que considerem a situação dos salários em atraso como meio caminho andado para o desemprego, equiparando estes trabalhadores a despedidos ou despedidos».

A CGTP propõe que o Estado pague, de imediato, uma importância não inferior ao subsídio de desemprego, até ao limite de seis meses, aos trabalhadores com salários em atraso, sub-rogando-se o Estado na posição dos trabalhadores.

Horst: o princípio do claro-escuro -I

Fernando Guerreiro

...e sobretudo, a pele humana, efémera e triunfante que, por si só, justifica o termo quase cabalístico de claro-escuro»

Jacques Bussy («Notes sur le clair-obscur», *traverses* 35)

UMA primeira impressão de conjunto das fotografias de Horst P. Horst (n. 1906) leva-nos a integrar a sua estética (ou, dito de outro modo, as linhas dominantes da fixação do seu sistema pessoal no campo mais amplo das grandes coordenadas de conjunto) no período dos anos 30, isto é, no preciso momento em que na fotografia (em particular, na fotografia de moda) se acumulam determinados índices de **monumentalidade** (monumentalidade não só estrutural e formal mas também, se assim o podemos dizer «institucional», já que esses índices suportam simultaneamente a constituição do espaço da fotografia como algo auto-suficiente, isolado e específico): de uma «monumentalidade», enfim, que se constrói a partir dos efeitos conjugados da profundidade (da perspectiva) e da definição de uma arquitectónica estrutural.

Num outro artigo ligámos essa constituição do espaço (domínio: volume) da fotografia (a sua constituição ao mesmo tempo como objecto e como domínio específico: ou seja, a sua capacidade de se auto-referenciar, através de um conjunto de índices e de se **reproduzir** — a exigência de reproductibilidade pretendida por W. Benjamin — como «sistema», conjunto) com a **dupla componente arquitectónica e perspectiva**, isto é, «com a definição de um modo de representar o espaço e definir o plano (o domínio: a unidade do representativo) da fotografia». «Definir o espaço — escrevíamos então —, ou seja, representá-lo, é ao mesmo tempo articulá-lo, iluminá-lo e dividi-lo: constituí-lo, torná-lo um **espaço fictivo** que possa servir de suporte às relações entre figuras» (1). Deste modo, à construção de uma **arquitectura** (uma arquitectura especial, abstracta, dada pela

dinâmica das poses e das posições, que tende também a apoiar-se em e a re-produzir os seus índices figurativos específicos: p. ex., pórticos, esquadrias, colunas), vem-se aplicar a **luz**, como um momento de modalização segundo, como um princípio que não só sela o sistema (o confirma: lhe dá a unidade, homogeneidade de conjunto) como, pelo **jogo do claro-escuro** e da **sombra** (esse terceiro elemento que articula o sistema e o triangula) o modaliza e modula (idem).

No entanto, integrada nas coordenadas deste sistema («monumento»), a fotografia de Horst desde muito cedo se caracteriza — e dis-

tingue — por uma tendência acentuada para resolver essa proposta de profundidade — ou de monumentalidade — em efeitos (ou num princípio) de **linearidade**, ou seja, para esmagar os fundos e os trazer à/para a **superfície**.

Para esse efeito contribuem quer a tendência para a **abstracção** (da linha), i.e., para a **rarefacção** («essencialização») desses índices de monumentalidade (que a indiciam mais como **possibilidade**, referência, do que efectivamente a constróem como suporte, estrutura) (2), quer o recurso ao primado da **unidimensionalidade** da luz que vem assim reescrever o jogo do claro-escuro.

Dupla operação de que no fim resulta um efeito de **evidenciação** ou de **mostração** do corpo que, em última análise, se deposita na forma como o resto (a resistência)

ou o **depósito** (aquilo que não foi de todo reintegrado pela forma) dessa operação (vontade) de **linearização** do fundo e da estrutura. Contra a forma (ao mesmo tempo como estrutura e volume) é assim usada a linha — e isto até atingir um ponto em que, nesse próprio esforço de estiramento da linha, algo (de-)cai ou deixa de com ela se confundir (coincidir) e passa a **resistir-lhe**, colocando-se ao mesmo tempo como índice desse processo **irresolúvel** da heterogeneidade que é, em si, tanto a fotografia como o seu **referente** (não tanto o modelo — o que é ainda modalizável pela linha — como a matéria, o **corpo**) (3).

Horst/Mapplethorpe: diferentes economias do claro-escuro

A recente exposição entre nós de um conjunto (série) de

fotografias de Mapplethorpe (**Black Flowers**, no espaço dos cómicos, Junho de 1985) (4) permitir-nos-á, talvez, ver melhor em que medida nas duas obras — a de Horst e a de Mapplethorpe — diferem as relações (e economias) do branco e do negro (da luz e da não-luz: do claro e do escuro).

Em Mapplethorpe, com efeito, o contraste branco/negro (ou luz/fundo: nocturno) parece-nos visar, sobretudo, um determinado efeito **estático**: i.e., **fixar** os corpos (e a forma). A partir do fundo, a luz é um processo de **rigificação** que subtrai do obscuro (do não-ser mais do que do indefinido) e nessa própria medida «cria» (fixa: solidifica). O processo é de iluminação: do não-ser para o ser (independentemente depois do que se é, do seu ser ontológico ou

do seu estatuto). Aliás, esse processo traduz-se diferentemente nos dois conjuntos de fotografias: enquanto que em **Black Flowers** é mais evidente a fixação (à «boca de cena») no instante (último) da «prise» (o corpo-nu **revelado** é um Ser — daí também o seu estatismo — **definido**), na série com Lisa Lyon (**Lady**) é-nos dado mais o **trabalho** (de «body building»: construção do Ser/do corpo) da produção desse momento definitivo (e da sua «aura» existencial: o seu estatismo).

Nas fotografias de Horst, pelo contrário — voltaremos a este aspecto —, a própria forma (ou o trabalho de produção, «resolução» da forma) ainda não se concluiu e cada fotografia coloca-se como um momento de «prise» (um «instantâneo») que corta **tangencialmente** o próprio processo de constituição da forma e o denota como um «sistema em aberto», constantemente estirado por um ponto de fuga que contém em si mesmo os índices do seu desajuste ou desequilíbrio.

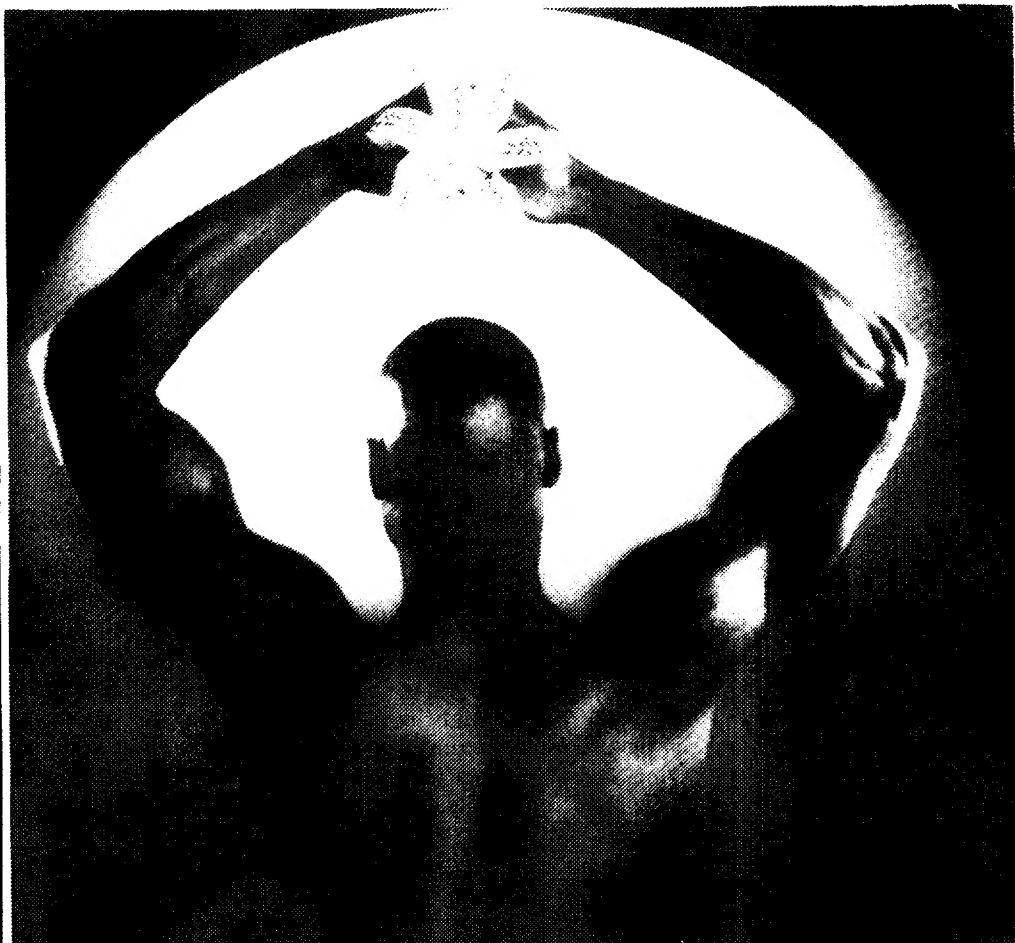
Duas economias, portanto, diferentes: uma **em aberto** (inacabada — ou que produz, é o seu outro momento de funcionamento/desequilíbrio, o seu desvio/corpo «irreduzível»), outra **fechada** (que em si mesma/ou sobre si mesma, vencendo o seu não-ser, se concentra). Diferença, aliás, que se pode encontrar marcada no próprio modo como internamente esses dois sistemas constroem/elaboram especificamente a sua diferença. No caso de Mapplethorpe, a preferência por modelos negros faz, por assim dizer, coincidir o modelo com o fundo (o negro faz corpo com o fundo) pelo que os efeitos de iluminação (de luz) se aplicam quase que sem intervalos (hiatos) dado que esses hiatos se vêem ao mesmo tempo cobertos por uma cadeia metonímica (de corpos que se intersubstituem) e pelo contínuo de uma essência (o **negro** é essa quali-

Continua na pág. 2



Horst, foto de publicidade recente (1984)

Horst: o princípio do claro - escuro



R. Mapplethorpe, Ken, 1984

dade: o negativo ou o não-negativo da essência): estamos, portanto, perante uma economia de carácter **homeostático** (que regenera, a partir de si, o seu próprio sistema). Fechamento, sobre si, do sistema que é ainda acentuado pela **centralidade** das figuras: com efeito, é do **centro** (lugar desde sempre privilegiado de confirmação da identidade e da essência das figuras) que Mapplethorpe **faz vir** ou emergir as suas figuras (5).

No caso de Horst, pelo contrário, é a figura do **triângulo** como operador de efeitos de descentramento e de angularidade (i.e., de efeitos de extremamento no sentido da irregularidade, dinâmica, da linha) que se opõe à preferência de Mapplethorpe pela **figura do círculo** (círculo outras vezes, aliás, duplamente marcado: os como **centro** — posição interior, unívoca do círculo — ou como linha exterior que delimita, estrutura; efeito duplamente marcado ainda pelo recurso, frequente, ao efeito circular e

de recorte da **íris** — marca formal de um duplo enquadramento, como centro e como círculo, do conjunto e da estrutura) (6).

Não será, assim, de estranhar que a questão (a problemática) da Representação se ponha diferentemente num caso e no outro: na fotografia de Mapplethorpe o momento de estatismo **denuncia** o efeito de Representação e fixa-o, tornando-o, por assim dizer, constitutivo do próprio processo de revelação/constituição (positivação: na luz) da figura; na fotografia de Horst, mais importante do que o efeito de Representação é, talvez, o da denotação dos seus limites — ou seja, do que o limita e de uma dupla **resistência**: resistência da própria representação ao momento da sua completude (em última análise poderíamos dizer que a Representação é o constante adiamento e a persistência dessa resistência), mas também resistência da própria **materialidade** (a do corpo ou a do material, a fotografia) ao processo (forma) que a re-presenta (e a con-figura).

Se na fotografia de Mapplethorpe a referencialidade é um produto do seu próprio **artifício** (ou formalismo: esse momento de «prise» sobre a materialidade — a opacidade do objecto e do fundo — que é a denotação do Ser e a revelação da «essência»), na de Horst aquilo que se revela é, antes de mais, o próprio **referente** como Ser (melhor, **local** do Ser) e como in(con)sistência (i.e., inaptidão em coincidir com as promessas do seu estatuto).

NOTAS:

(*) Para simplificar o campo de referências apoiar-nos-emos sobretudo no catálogo publicado a pretexto da recente exposição da obra de Horst, no Palácio Fortuna, em Veneza: **Horst**, Idea Books, Milão, 1985 (apresentação a cargo de William A. Ewing e Nancy Hall-Duncan). Ainda sobre Horst, cf. **Fashion: theory**, Lustrum Press, 1980. Pelo nosso lado, referimo-nos a Horst quer no art.º «A Moda — ou o carácter impressionável de um stilo em fotografia» («D.Lisboa», Ler/Escriver, 20 e 27/4/1985) quer em «Moda: a Fissura» (idem, 30/5/85). Neste último art.º abordámos, em

particular, uma fotografia sua: **The Corset**, 1938.

(1) Cf. «A Moda — ou o carácter impressionável de um estilo em fotografia» («Diário de Lisboa», Ler/Escriver, 20 e 27/4/85).

(2) Tendência que se acentuará a partir dos anos 50 e de que temos exemplos já muito depurados em fotografias da década de 80: p. ex., as realizadas em N. Iorque para a publicidade de Calvin Klein (de 1983).

(3) Talvez por isso, neste processo de resistência (do corpo) à forma (à fotografia) que se processa (e procura) **pela linha**, a foto de Horst é, nesta altura, das que melhor dá esse momento de **reificação/constituição** (mais como matéria do que como «monumento») do corpo (vd. as fotografias dos anos 30). Não só a relação com os **objectos** (os acessórios da fotografia) se projecta **medusantemente** nas figurações do corpo (**The Corset**, já vimos, mas também **Waxed** ou **Electric Beauty**) como «a referência ao cenário, como pano de fundo, reverte, em última análise, nessa denotação como **saliência** (a opacidade que se constitui da e que excede a linha) de um corpo dado já mais como objecto/fétiche do que como figura ou signo. Com efeito, tal como em Cecil Beaton, o privilegiar de **efeitos de achatamento** e de projecção para a frente do fundo — efeitos menos «barrocos» do que maneiristas —, acentua ainda mais essa **autodeterminação violenta do corpo**, «dado como um significante disponível, um mero suporte de condensações ou de reificações de sentidos» (in «A Moda — ou o carácter impressionável de um estilo em fotografia», art-cit.º).

(4) Em relação a Mapplethorpe referir-nos-emos, em particular, quer ao conjunto de fotografias de **Black Flowers** (Fernando Vujande Editor, Madrid, 1985) quer à série, anterior, com Lisa Lyon (**Lady**, Idea Books, Milão, 1983).

(5) O uso de elementos diagonais — o branco, p. ex., das flores em **Dennis** — não faz mais do que, por contraste, acentuar a centralidade do fundo (o lugar — de conformidade — em que vem, também um pouco desviada, a figura: ou seja, nesse espaço intermediário, o espaço, o negro, é a figura).

(6) Citemos apenas alguns tipos de **centro(s)** possíveis: a) o que fixa o espaço (o centro geométrico do círculo: p. ex., em **André**); b) a figura com o carácter deictico do círculo (**Félix** — círculo negro sobre fundo cinza); c) o centro como recorte, a figura da **Íris** (Ken ou **Flowers**).



N. Iorque

Granizo um

Jaime Rocha

O rasto do teu corpo
enegrece este ciclo de água,
ruas mãos procuram desviar esta fervura

São indícios longos, névoas,
contornos

Olho-te sempre
como se hoje e ontem
estivesses sentada
em frente dos muros finos das cidades,

teu corpo que se move,
tua silhueta de argila.

A imagem é branca,
eternamente construtiva,
fere as cortinas,
fabrica os lindos tijolos
que aquecem tua cintura.

O rasto do teu corpo floresce,
agride a alma das videiras,
semeia o meu açúcar.

Depois chega o granizo
em comboios de Verão,
chega e rompe a nostalgia.

O granizo então
invade o teu rasto e canta-te.



(*) Poema extraído de «Be» de Jaime Rocha, livro recentemente publicado na Coleção Su Trés da 1 Etc.

Corpo ardente

Arsénio Mota

NÃO há vida fora do corpo. Melhor, ter corpo é ter vida. Procurar então senti-lo intensamente, vagarosamente, até se revelar o denso território dos teus limites e saltarem as primeiras interrogações. Habitá-lo ou é ele que te habita? És o corpo ou com o corpo?

Não tens olhado quanto baste para o que se passa no seu interior, daí o espanto. Amar, porém, a vida, e fruí-la, implica amar e fruir o corpo, pois nem aqui podes separar o conteúdo do continente. E quem o ama, quem o sente ou preza? Quem, ao menos, o conhece e atende?

A mão que redige é a mesma que avança e procura o corpo dado, ardente tocha de carne, porque interrogar é apalpar o ser no escuro, entre o sarro, nesta ânsia de o descobrir por inteiro após longo adormecimento.

Eis o corpo em toda a sua apetência sensorial. Tem a forma e a duração exacta da vida que nele se faz. Mas poucos o assumem. E ele, mil vezes esquecido, aqui jaz numa câmara a deslido dos percursos quotidianos, à espera, em silêncio mas não silencioso, a estrebuchar contra as paredes da privação desde tempos imemoriais.

O desejo anima-o. Dizem que liberta, mas isso resulta talvez de se desejar pouco. Nada liberta apenas o próprio desejo contraditório, sacode e incendeia a carne, deixando-a calcinada, porque é vasto e ondulante, infatigável como o oceano. Leva em emigração partes caras do ser, deixando o vácuo.

Porque o desejo é uma projecção generosa saída da solidão, uma entrega hedonista do ser a mover-se em direcção a outro. E os desencontros são regras, na divisão das encruzilhadas.

Vês aí outra mocinha de catorze anos a «trabalhar» numa **boite**? E outra, já grávida, a arregalar os olhos de pasmo infantil? Chegarão aos dezoito anos feitas velhas. Tropeças em alguma virgem trintona rodeada de gatos? Não houve quem a merecesse entre a nova geração perdida. Já te deparaste com um rapazinho enforcado? Cansou-se cedo da vida. E com um septuagenário caído da ponte? A idade da filosofia não lhe deu sabedoria, deu-lhe desespero...

Com tudo isto, desvaloriza-se o corpo, suporte da vida, e a própria vida. As próprias pessoas aparecem desvalorizadas, desfeadas. E cada vez mais falta quem seja disponível, agradável e conversador, saudavelmente tranquilo, porque até isso requer o corpo e poucos o assumem.

O corpo deixa de ser motivo de alegria. Morre às mãos de quem através dele respira. É prótese de mutilados de uma guerra invisível, fardo incomodativo que se tem de carregar pela vida fora como o viajante tem de levar consigo as provisões para atravessar um deserto, rumo a nenhures.

Em tempos de antanho, o corpo surgia como a parte impura do ser. Agora a dúvida: será menor o desprezo (tenha ele sentido diverso) que hoje o rodeia?

Devíamos ser para o corpo o que os melhores jardineiros são para os seus canteiros floridos: cultivando neles o prazer das coisas boas, luminosas, cálidas, saudáveis, alegres e poupando-o a sensações, pensamentos, experiências não gratificantes.

Na verdade, desta ou de outra maneira, com ou sem alegria, com ou sem desprazer, a estrebuchar na câmara onde jaz ou plenamente assumido, o corpo é sempre, porque não pode deixar de ser, tocha de carne ardente. O gelo da morte também queima, como o fogo da vida.

(«Som de Origem»/Livros Horizonte)



1. *É no silêncio do Caminho aberto:
Quanto maior a alma maior o deserto
maior a sede e a miragem
do mundo à nossa imagem*

2. *Que nos cubram de ameaças e de espanto
que nos cortem as asas mas o canto
voa muito mais largo do que as penas*

LUÍS VEIGA LEITÃO

Latitudes do homem

Luís Miranda Rocha

O primeiro poema intitula-se **Homem** e o segundo **Latitude**. Foi do segundo que Luís Veiga Leitão retirou o título para a sequência em que eles aparecem, — **Latitude**, o primeiro livro do autor, publicado em 1950. É, o livro, e pelo menos nas duas reedições que já teve (1) uma sequência de 11 poemas. Aí, **Homem** é o penúltimo e **Latitude** o último.

Conviria lembrar que a poesia de Veiga Leitão se insere no processo global da poesia neorealista. Mais indicativo do

que isso, ela pertence à poética do combate e da resistência, processo quase globalizante no interior da poesia portuguesa nos anos 40, 50 e 60, e hegemónico pelo neo-realismo durante muito tempo (desde logo no tempo de de que datam estes poemas). De tal inserção (do poeta e do seu trabalho poético) estes dois poemas parecem suficientemente ilustrativos.

Anotemos uma primeira ideia. Um e outro — os dois poemas poderiam servir de epígrafe a toda a obra poética do autor. Veremos em que reside o

seu relativo valor epigráfico.

Afirma-se neles, — e numa linguagem figurada (metáforica), mas não excessivamente, — dois ou três princípios fundamentais duma poética (dum entendimento integrado do que sejam a poesia e o trabalho — e o valor e o alcance do trabalho, efectivo, simbólico — que faz quem a faz, o poeta).

No primeiro, — e não por acaso, certamente, — trata-se do mundo. O mundo, aqui, metáforiza o real. Antes disso,

A Poesia enche o Espaço

É isso: a Poesia enche todo o Espaço. Mais rasteiramente, mais quotidianamente, acontece que os livros de poesia encham o espaço pouco dos suplementos literários.

Que fazer...?

O caso é que só de Ramos Rosa nos vieram às mãos, recentemente, três livros: «Ficção» (Edições Nova Renascença), «Mediadoras» (Ulmeiro) e «Ciclo del Caballo» (edição bilingue, português/espanhol, Pre-Texto/Poesía, Valência, versão de Ángel Campos Pápano).

Temos, depois, «O Lugar do Amor», de António Osório (Moraes Editores) — e também de António Luís Moita, «Cidade sem Tempo». Ah, é verdade, de Jaime Rocha em & Etc, «Beber a cor».

E também nos surge, mesmo na hora, de João Rui de Sousa, «Fernando Pessoa — Empregado de Escritório», da Sítise, uma achega ensaística para uma cada vez maior compreensão do poeta dos heterónimos.

E outros ainda...

Bem, o que temos a fazer é só uma coisa: ir escrevendo sobre estes livros nos próximos suplementos. Arranjar espaço, numa palavra, para toda a poesia que às mãos nos chega. Descermos das alturas até à superfície rasteira do papel. Sem que abduquemos, no entanto, daquele nosso primeiro juízo: a Poesia enche todo o Espaço.

P.A.

Nota

por

escrito

É um país pequeno. Um país à nossa medida. Superfície: 93 mil quilómetros quadrados, uma população de cerca de 10 milhões de habitantes.

Existem mais quase-semelhanças: terríveis condições herdadas do passado e que ainda se reflectem na vida social e no ensino, por exemplo. Houve o fascismo, houve depois a guerra que provocou inenarráveis destruições de toda a ordem. Houve depois uma série de erros e o seu aproveitamento por forças antiprogressistas que conduziu o país à beira da guerra civil.

A correcção desses erros, a confiança renascida, o relançamento da economia (o desemprego não existe...) uma política social excepcionalmente bem elaborada, uma participação cada vez mais activa dos cidadãos na ordenação do seu futuro — e eis como um país pequeno se está transformando num grande país. Inteligentemente, se os nossos dois países se compararmos de alguma maneira, nas desgraças que os feriram (guerra à parte) as semelhanças acabam quando se fala no positivo...

Falo da Hungria.

Ora bem. Apesar das dificuldades que atravessou e de que, com muito trabalho e confiança se vai libertando, o povo e o Estado húngaros não descuram a formação cultural.

Não vou aqui enumerar os teatros, as orquestras filarmónicas, as manifestações artísticas no quotidiano da vida na Hungria. A pobre de uma «nota» como esta não daria nem para a cova de um dente.

Refira-se apenas a contribuição do Estado para a divulgação da literatura estrangeira de qualidade. É o caso, por exemplo, da colecção Biblioteca Moderna que inclui várias centenas de títulos modernos estrangeiros e que conta com importante subsídio estatal. Isto faz que cada livro custe cerca de 100 escudos em moeda portuguesa...

Não quero fazer comparações. Que ideia!

M.C.

LUÍS VEIGA LEITÃO

Latitudes do homem

Continuação da pág. 3

trata-se do **silêncio**, — e não propriamente do **mundo**, mas do **caminho** (podendo embora dizer-se caminho do mundo). Antes disso, trata-se de **ser**: **É no silêncio do caminho aberto**. É, — quem, ou que? O título diz: (o) Homem. No texto falta o sintagma nominal. Não temos necessariamente de o subentender pelo título: É, pode ser meramente enfático, — reforço da indicação de lugar que se lhe segue.

Prevalece, de qualquer forma, a indicação titular: **Homem**. É disto — desta noção, deste conceito, — que se trata na breve mas intensa dialéctica do poema, também ele quase não podendo ser mais breve nos seus quatro versos.

A dialéctica do poema propõe algumas noções. A primeira é o silêncio, — onde se processa o que aqui **não se diz** que se processa, — mas deixa-se ler interpretativamente: é a vida, a existência, não, digamos, colectiva, mas, pelo menos, plural. A sugestão do plural só no fim se insinua, em **nossa**. Antes disso é tudo definido como singular: o silêncio, o caminho, a alma, o deserto, a sede, a miragem, o mundo, a própria imagem, nossa imagem, — imagem de nós. Isto é, todo o processo significativo é singular na sua fase de enunciação e enumeração. A pluralização faz-se no reporte preferencial onde a indicação titular ascendente se insinua.

O silêncio, o caminho, a abertura do caminho têm mais que se lhes diga. O silêncio prediz o som, a voz, a fala, o virtual e potencial de sentido que som, voz e fala não de implicar. A relação do silêncio com o caminho aberto restringe o âmbito conceptual-nocional do silêncio ao caminho e à abertura que o caracteriza, — e torna viável o percurso a fazer, pela voz, pela fala, pelo sentido que o som da voz, na fala, pode produzir.

O silêncio é a primeira insinuação desse sentido, e com ele abre-se todo o campo semântico do poema. Não é o silêncio, absoluto, mas um silêncio relativo e definido: **o silêncio do caminho aberto**. Tanto quanto do silêncio, é do **caminho aberto** que se trata. Os dois pontos com que o verso fecha são certamente indicativos. A dialéctica do poema desloca-se e desenvolve-se depois na comparação da alma (do homem, já se vê) com o deserto, a sede, a miragem, o mundo.

As metáforas são fortes e um tanto evasivas, em relação ao que suporíamos uma exigência de realismo, de concreto, de real, de realidade, de material, de materialidade. Mas a sua energia não se perde: aplica-se plenamente no investimento humanista lançado logo pela indicação titular.

Parece evidente, **alma** é aqui metonímia de homem. O **deserto** amplia a vastidão referencial desta noção, e, obviamente, o campo semântico de **caminho aberto**, do caminho, da abertura do caminho. A **sede** e a **miragem** insistem na metonímia do homem e reforçam a tensão com que esta noção se relaciona com o deserto. O **Mundo** distende ao máximo os limites do campo semântico que aqui se propõe. O **Mundo à nossa imagem** acentua tal distensão, mas marca-a também duma forte reversibilidade. É a noção humanista que prevalece. **A nossa imagem** catalisa esta noção e sugere tudo quanto é possível (humanamente possível) no relacionamento (do homem) com o Mundo (e na acção do Mundo sobre o homem, tanto quanto na acção do homem sobre o Mundo).

Costuma-se ter a ideia de que a poesia de Veiga Leitão se identifica com o ideário neo-realista. Este poema apoia tal ideia, ainda mais do que a ilustra, pelo que dele aqui predomina de nacional, de paraconceitual.

O segundo poema, **Latitude**, situa-se mais na linha da poética do combate e da resistência, desde logo pelo carácter proclamatório da sua afirmativa declaratória.

De comum entre os dois poemas, há, por exemplo, a flexão na primeira pessoa do plural. No primeiro não se fala de **nós**, mas fala-se de **a nossa imagem**. No segundo fala-se de **nós**, mas não directamente; a primeira pessoa do plural aparece flectida na forma de quem sofre a acção de determinadas forças, objecto da acção dessas forças. Tais forças, porém, não aparecem nomeadas: o que as identifica é a acção que praticam, e é uma acção violenta. O sujeito activo desta acção é uma terceira pessoa do plural, mas não identificada nominalmente com qualquer referência.

Esta omissão faz recair uma maior carga semântica sobre a actividade verbal e, principalmente, sobre o que esta actividade mais directamente implica.

O sujeito que sofre esta acção, esta actividade, furta-se-lhe, ou aos seus efeitos. E instaura contra isso o seu próprio processo de resistência e combate activos. É o canto — acto ou efeito de cantar — que corporiza este processo.

A poética neo-realista tem nesta pequena mas muito forte convicção um dos seus factores de mais forte mobilização verbal. Tal convicção pode resumir-se em termos muito breves. Há no real, na realidade — que sempre disso que se trata, de par com o homem, que com isso tem as mais tensas, motivadas e interessadas relações — forças que nos travam, impedem, paralisam, podem até mesmo aniquilar-nos — mas há também em nós uma capacidade reactiva considerável e superadora das condições com que o real ou essas suas forças nos envolvem e afectam. O valor humano impõe-se, sobrepõe-se às contingências do real. A maior força desse valor identifica-se com outro valor: a liberdade. É com a liberdade, enfim, que o canto se identifica.

Canto, aqui, pode dizer-se que está em vez de poesia. E tudo isto se passa no domínio simbólico. Quer dizer, é no domínio simbólico que o canto e as suas potencialidades se propõem. Pode dizer-se que não é bem assim no caso dos pretextos concretos a que o canto responde. Todavia, tais pretextos não se propõem aqui como concretos: o concreto deles metaforiza-se em ameaças e espanto. Certo, as ameaças situar-se-iam no campo referencial, se a verbalização aqui as nomeasse. Mas não nomeia. **Espanto** distende e reforça a denotação de ameaças e implica-lhes a acção ou o efeito sobre o sujeito que as sofre — embora não seja aí, necessariamente, que o espanto se situa. A denotação de **espanto** compreende medo, assombro, perturbação, desassossego. O sujeito tenderia a confundir-se com estes estados. Todavia, o canto demarca-o e liberta-o da força activa com que estes estados — através do espanto — poderiam impor-se-lhe e subjugar-lo.

No mesmo sentido, o **voo** vem a ser metáfora decisiva.

O voo é um processo aéreo. A dialéctica do poema é breve mas intensa o bastante pela desenvolver, e com velocidade e vigor, uma oposição que aqui se desenha entre os planos aéreo e terrestre.

A acção de cobrir, que sobre nós exerce ameaças e espanto,

tem uma evidente propensão para a terra. O **corte** das asas, que (não se diz quem — mas, por certo, através daquela acção) em nós se operou, acentua tal propensão. O voo, porém, opõe-se a tudo isto e torna habitável — circulável, transitável — o espaço do ar. **Penas** é polissémico, ou bissémico, pelo menos. Conotado com voo, é de aves e de asas que se trata. Mas o voo é aqui metáfora inesperada e não apaga ou esquece o raso plano do campo semântico onde se levanta e alarga. Prevalecem ameaças e espanto, implicando uma acção cujo sofrimento certamente perdura. **Penas** propõe-se a uma relação estreita com esse sofrimento, e metaforiza-o.

O poema titula-se **Latitude**. Não nos reportemos a qualquer área semântica específica. Sabe-se que a acepção mais comum corre nos domínios da geografia. Mas qualquer dicionário fala de outra sinonímia possível e indica como vocábulos substitutivos **amplitude, largura, desenvolvimento, liberdade**.

Qualquer destes vocábulos reforçaria a ideia de que o título do poema é programático, ou epigráfico — não menos do que o **Homem** do poema anterior.

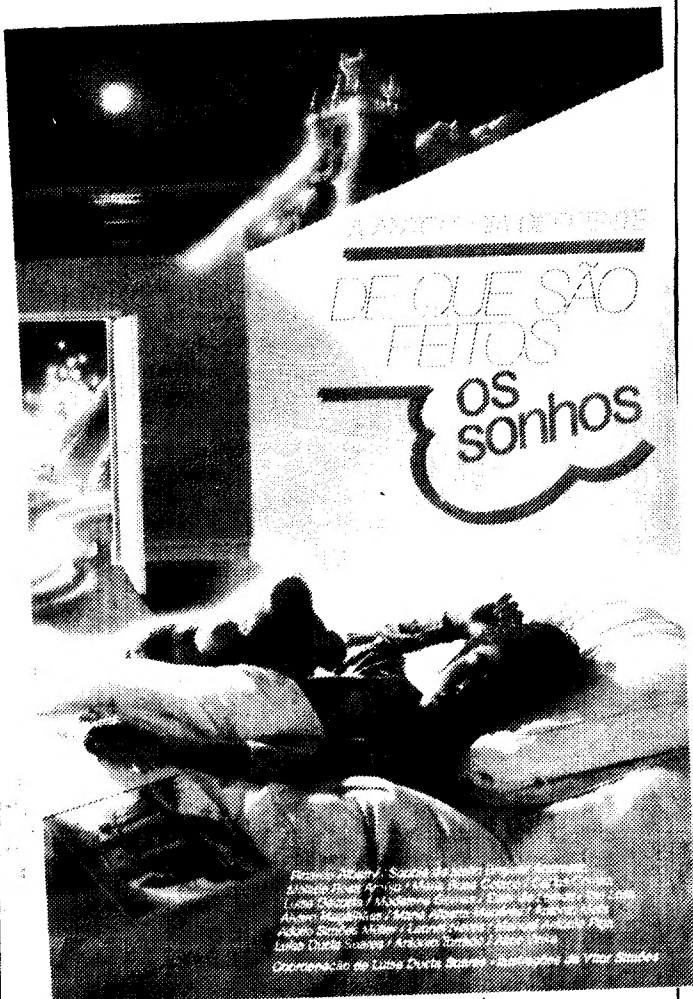
Um aspecto ressalta, entretanto, e é a alguma surpresa pelo modo como «aliás, pelos termos em que» vemos a metáfora do voo aqui inscrever-se.

Por propensão dependente das facilidades evasivas do lirismo, da tradição do lirismo, esperaríamos talvez mais ver o voo afirmar-se como movimento de sentido ascensional, implicando, se não a verticalidade, pelo menos a obliquidade, o desprendimento do plano horizontal da terra, das prisões (das afecções, pelo menos, dos envolvimentos) a que o plano terrestre (a permanência aí, ou a demasiada proximidade) implicaria. Ora, o voo não aponta para isso, um tanto pelo contrário. A largura (a largueza, se preferirmos) é não apenas a dimensão que melhor o caracteriza: é a sua única dimensão.

1) «Noites de Pedras», Coleção Poetas de Hoje, Portuguesa Editora, Lisboa, 1964. Os poemas aqui considerados vêm nas páginas 32 e 33. Mas a edição da Portuguesa está esgotada há largos anos, e os poemas aqui considerados estão acessíveis apenas numa edição recente: «Longo Caminho Breve», poesias escolhidas, Coleção Autores Portugueses, da Imprensa Nacional — Casa da Moeda. Vem nas páginas 43 e 44.



ESTANTE INFANTIL



TÍTULO — De que são feitos os sonhos

AUTOR — Antologia de 18 escritores portugueses

ILUSTRADOR — Vítor Simões

EDITOR — Areal Editores

Podemos considerar autêntico acontecimento nacional aquele que se verificou em Lisboa no dia 29 de Novembro: o lançamento de **DE QUE SÃO FEITOS OS SONHOS**.

Em si mesmo, como objecto, trata-se de uma obra valiosa. Sabe bem tê-lo connosco, como um quadro, uma escultura, algo que embeleze a vida. Estranho paradoxo, este, o de um país que tão mal serve a literatura para criança em termos de fácil aquisição e onde nos surge uma edição tão difícil de aparecer até naqueles países que se vangloriam de luxos que são privilégios dos grandes proprietários de altos consumos...

Não vai nestas palavras nem o mínimo sinal de censura. Até porque presidiu a esta edição o propósito de enaltecer, de dar «foros de cidadania» a uma literatura tão minimizada por forma tal e da parte de gente de tão grosso calibre que uma pessoa até abre a boca de espanto e não sabe o que pensar...

Porque a riqueza desta edição, no aspecto da sua apresentação gráfica, é uma forma de homenagear aqueles escritores que escrevem para crianças ou seja, aqueles escritores que semeiam o amor da literatura em campo e em tempo próprios. São dezoito esses escritores: Ricardo Alberty, Sophia de Mello Breyner Andresen, Matilde Rosa Araújo, Maria Rosa Colaço, Carlos Correia, Luísa Dacosta, Madalena Gomes, Ester de Lemos, Ilse Losa, Álvaro de Magalhães, Maria Alberta Meneses, António Mota, Adolfo Simões Muller, Leonel Neves, Manuel António Pina, Luísa Ducla Soares, António Torrado e Alice Vieira.

Os pequenos leitores, através de pequenas notas, viajam até à infância dos artistas, em busca dos seus sonhos, realizados ou não. A documentação fotográfica que acompanha esses textos acentua o carácter de «biografia íntima», forma engenhosa e eficiente (porque poética...) de ir ao encontro das crianças: uma espécie de «segunda história» em certos aspectos tão fascinante como as histórias de ficção...

O Natal está aí. O seu primeiro anúncio vem com esta maravilhosa edição...

Mário Castrim